

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS - LINGÜÍSTICA APLICADA

**ESTRUTURAS SINTÁTICAS MARCADAS POR REORDENAÇÃO EM
DISSERTAÇÕES DE VESTIBULANDOS**

Maria Teresinha Py Elichirigoity

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre
em Lingüística Aplicada ao ensino de português

PROF.^a ORIENTADORA: DR.^a ANA MARIA STAHL ZILLES

Pelotas, 1997.

E42e Elichirigoity, Maria Teresinha Py

Estruturas sintáticas marcadas em dissertações de vestibulandos./ Maria Teresinha Py Elichirigoity; orientadora Ana Maria Stahl Zilles - Pelotas: UCPel, 1997. - 160p.; il.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Lingüística Aplicada ao ensino de português.

1.Lingüística I.Zilles, Ana Maria S. II.Título

CDD 469

Catálogo Sistemático

Lingüística:Português:Ensino

Dissertação:Vestibular

Lingüística aplicada:Letras

AGRADECIMENTO E DEDICATÓRIA

Agradeço a

Prof^a Dr^a Ana Maria Stahl Zilles pela segurança, paciência e crítica objetiva com que me orientou;

Pró-Reitoria de Pós-graduação da UCPel que acreditou na potencialidade de seus professores, dando o apoio indispensável para sua qualificação profissional;

aqueles amigos que me ajudaram e incentivaram ao longo deste trabalho de pesquisa.

Aos que voltam sua atenção para as pesquisas lingüísticas, dedico este trabalho, na tentativa de homenagear indireta, singela, mas sinceramente, a Universidade Católica de Pelotas e seu Núcleo de Pesquisa e Extensão em Lingüística e Literatura - NUPELL.

SINOPSE

Investigação sobre o uso da reordenação de constituintes e suas funções na construção do texto, a partir do estudo do processamento da informação na mente e da orientação dada pela escola. Análise de dissertações escritas de vestibulandos, objetivando a identificação dos tipos de estruturas marcadas por reordenação de constituintes, ao mesmo tempo em que se verificam suas funções e se estabelece uma relação entre a função de cada estrutura e sua localização no parágrafo e no texto, de acordo com uma abordagem funcionalista. Estabelecimento de comparação, com referência ao uso de estruturas marcadas, entre os textos dos vestibulandos e textos dissertativos autênticos.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS		7
LISTA DE TABELAS		8
1. INTRODUÇÃO		9
2. SUPORTE TEÓRICO		
2.1	O processamento do texto escrito na escola X processamento da informação na mente	14
2.2	Variantes lingüísticas e sua superposição	22
2.3	A dissertação	
2.3.1	Características e avaliação do texto dissertativo	27
2.3.2	A divisão do texto em parágrafos e suas funções	33
2.3.3	O ensino da dissertação na escola.	41
2.4	Pragmática do Discurso	48
2.4.1	Função X codificação e decodificação da linguagem	51
2.4.2	Ordem, previsibilidade e importância	55
2.4.3	Graus de topicalidade e traços típicos do tópico	58
2.4.4	Construções tópicas marcadas	62
2.4.5	Estruturas tópicas marcadas por reordenação de constituintes	65
2.4.5.1	Topicalização contrastiva (Top C)	66
2.4.5.2	Reordenação do objeto indireto no lugar do objeto direto	69
2.4.5.3	Deslocamento à esquerda (DE)	69
2.4.5.4	Deslocamento à direita (DD)	71
2.4.5.5	Sentenças clivadas	72
2.4.5.6	Construções existenciais	77
2.4.5.7	Construções VS	78

2.4.5.8	Construções passivas do português	83
2.4.5.9	Construção de tópico	89

2.5	Estruturas marcadas em textos dissertativos autênticos	92
-----	--	----

3. METODOLOGIA

3.1	Caracterização do corpus	102
-----	--------------------------	-----

3.2	Levantamento de dados e procedimentos de análise	105
-----	--	-----

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1	Descrição e análise geral dos dados	107
-----	-------------------------------------	-----

4.2	Identificação das funções e reagrupamento das estruturas	130
-----	--	-----

5.	CONCLUSÃO	142
-----------	------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
-----------------------------------	------------

ANEXO I Transcrição das construções diferentes de SVO encontradas nos textos dissertativos analisados

ANEXO II As redações analisadas

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ordem X Previsibilidade X Importância	56
Quadro 2 - Graduação das construções de tópico marcadas por reordenação de constituintes.	60
Quadro 3.- Traços típicos do tópico	60
Quadro 4 - Graduação da previsibilidade tópica e a estruturação tópico/comentário	61
Quadro 5 - Funções e características da estrutura OSV	68
Quadro 6 - Funções e motivações da construção VS	80
Quadro 7 - Funções das construções marcadas	91
Quadro 8 - Funções e localização prevista na teoria para as estruturas básicas encontradas nas dissertações	131
Quadro 9 - Síntese final sobre as estruturas encontradas, sua localização e relação com suas funções	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Total de estruturas marcadas e não marcadas	107
Tabela 02 - Distribuição das estruturas marcadas do grupo A e do grupo B	108
Tabela 03 - Total de orações e parágrafos dos textos dissertativos	109
Tabela 04 - Localização da estrutura 1 [Vlig][Pred][Suj] no parágrafo	111
Tabela 05 - Localização do parágrafo com a estrutura 1 no texto	111
Tabela 06 - Localização da estrutura 2 [V][S] no parágrafo	113
Tabela 07 - Localização do parágrafo com a estrutura 2 no texto	113
Tabela 08 - Localização da estrutura 3 [Vexist][SN] no parágrafo	116
Tabela 09 - Localização do parágrafo com a estrutura 3 no texto	116
Tabela 10 - Localização de estrutura 4 [Ccirc][Suj][V] no parágrafo	117
Tabela 11 - Localização do parágrafo com a estrutura 4 no texto	117
Tabela 12 - Localização da estrutura 5 [Ccirc][V][Suj] no parágrafo	119
Tabela 13 - Localização do parágrafo com a estrutura 5 no texto	119
Tabela 14 - Localização da estrutura 9 [passiva medial] e 10 [passiva invertida] no parágrafo	123
Tabela 15 - Localização do parágrafo com as estruturas 9 e 10 no texto	124
Tabela 16 - Total de tipos de estruturas marcadas por área de interesse com percentagem de uso	127
Tabela 17 - Hierarquização das estruturas por freqüência de uso	129
Tabela 18 - Estruturas usadas para construir TopC	132
Tabela 19 - Localização no parágrafo e no texto das estruturas que correspondem a TopC	132
Tabela 20 - Estruturas usadas para construir [V][S]	133
Tabela 21 - Localização no parágrafo e no texto das estruturas que correspondem a [V][S]	137
Tabela 22 - Área de interesse, escolaridade e notas obtidas pelos vestibulandos	139
Tabela 23 - Agrupamento final das estruturas marcadas e percentagem de uso por área de interesse	140

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa investigamos o texto dissertativo escrito com relação ao uso de estruturas marcadas por reordenação de constituintes nele encontradas. Como, de acordo com a abordagem funcionalista, as estruturas diferentes de SVO são utilizadas em turnos e localizações específicas na fala, conforme sua função, resolvemos verificar, em primeiro lugar, quais as estruturas marcadas por reordenação de constituintes utilizadas na construção do texto dissertativo escrito e se as funções dessas estruturas previstas em estudos sobre a linguagem oral correspondem ao uso de estruturas marcadas na construção do parágrafo (início, meio e fim), verificando, inclusive, a situação do parágrafo no próprio texto.

Portanto, o objetivo de nosso trabalho é verificar se a reordenação de constituintes, um dos recursos lingüísticos de marcar a imprevisibilidade e importância das informações, hierarquizando-as e evidenciando contrastes, faz parte da construção do texto dissertativo do vestibulando e se tal uso aparece de acordo com a teoria ou não.

Por outro lado, justifica-se este estudo ao verificarmos que vários pesquisadores e professores de português acusam os textos dissertativos produzidos na escola de "certinhos", mas "monótonos", sem indicar causas estruturais. Examinamos, então, textos dissertativos produzidos por vestibulandos da Universidade Católica de Pelotas - UCPel, selecionando-os pelas melhores notas obtidas na redação, para observarmos este aspecto de reordenação de constituintes na construção da oração. Embasados na Pragmática do Discurso de Givón (1993), principalmente, além de estudos sobre conceituações básicas a respeito do texto dissertativo escrito e sua estruturação em parágrafos, e de procurarmos saber como os livros didáticos orientam alunos e professores para trabalhar tal assunto, levantamos algumas hipóteses sobre essa temática.

Pensamos, como primeira hipótese, que os livros didáticos ensinam os alunos a dividir o texto em parágrafos, enfatizando a idéia de tópico discursivo, sinalizado por alínea, entretanto não trabalham a construção do tópico oracional que influi, quanto ao aspecto da importância e/ou imprevisibilidade da informação

veiculada, na escolha da ordenação dos constituintes dentro da estrutura de cada oração que constitui o parágrafo e o texto como um todo. Em consequência disso, a maioria dos textos dissertativos do vestibular progride de uma forma plana, tornando-se sua leitura monótona. Entendemos, pois, como progressão plana, o desenvolvimento do texto sem reordenação de constituintes que sinalizem o grau de topicalidade de seus elementos ao longo da construção dos parágrafos, de acordo com o fluxo da informação. Por outro lado, a progressão não-plana utiliza esse recurso de reordenação de constituintes (inclusive oracionais), com o intuito de despertar a atenção do leitor.

Sabemos que regras pragmático-discursivas são opcionais, tornando-se difícil estabelecer critérios de julgamento que permitam rigor científico. Levando em conta Givón (1988:259), também sabemos que o princípio de urgência de informação rege a construção de todos os textos e é orientado pelos parâmetros cognitivos da importância e da imprevisibilidade. A partir disso, apresentamos nossa segunda hipótese, pela qual os autênticos textos dissertativos escritos possivelmente sinalizam, através de estruturas sintáticas diferentes de SVO, concomitante com sua divisão em parágrafos, a saliência de um constituinte em relação aos seus opostos, marcando a continuidade ou descontinuidade do tópico na medida em que, ao priorizar linearmente tal constituinte, hierarquizam, para o leitor, a importância ou imprevisibilidade da informação.

Supomos que mesmo os textos dissertativos escritos pelos vestibulandos que obtêm as melhores notas tendem a usar poucas estruturas marcadas por reordenação de constituintes, criando os tais textos "certinhos" como outros pesquisadores já detectaram, mas "sem graça e monótonos" como já referimos acima. Portanto, essas dissertações, mesmo se apresentarem as qualidades discursivas apontadas por Guedes (1994:388), que são unidade temática, objetividade, concretude e questionamento além de uso adequado de recursos coesivos e forma correta, podem ser textos planos (e essa é nossa terceira hipótese) se os escritores não articularem contrastes evidenciados pela reordenação de constituintes e não utilizarem estruturas marcadas, comuns na linguagem do dia-a-dia.

Pensamos, ainda, que em textos dissertativos escritos considerados melhores pelos avaliadores, a localização das estruturas marcadas tem relação com

o desempenho de sua função, de acordo com o previsto também para as estruturas semelhantes do texto oral em abordagem funcionalista, priorizando linearmente alguns tópicos (nível sintático-discursivo) a serviço da organização geral da informação (nível semântico-discursivo) numa organização das idéias que facilita a leitura do texto e desperta a atenção do leitor. Assim, quando há utilização de estruturas marcadas por reordenação de constituintes, sua localização no parágrafo (início, meio e fim) tem relação com funções atribuídas às estruturas diferentes de SVO utilizadas na fala. Esta pesquisa revela os tipos de estruturas marcadas por reordenação de constituintes usados nos textos dissertativos analisados e agrupa estes tipos de acordo com o suporte teórico apresentado. Assim, por exemplo, uma localização de estruturas marcadas no parágrafo, de acordo com sua função prevista em nosso referencial teórico, seria:

início	-topicalização contrastiva -construção de tópico -[VS] -pseudo-clivada	-marcador circunstancial -introdução ou retomada de tópico -apresentação -generalização
meio	-[VS] -passiva medial e invertida -topicalização contrastiva	-continuativa -continuativa, defocalização do agente, detematização do pa- ciente -reiteração, especificação, inclu- são, contraste
fim	-[VS] -pseudo clivada -topicalização contrastiva	-marcação de fim de subtópico -generalização conclusiva -contraste e ênfase final

No desenvolvimento de nosso trabalho, por outro lado, a partir do capítulo 2, cotejamos a teoria funcionalista sobre o processamento da informação na mente e a forma como a escola orienta o aluno para produzir o texto escrito. Com base nessa dicotomia que redundava em fala e escrita, abordamos, a seguir, o fenômeno da diglossia com a superposição de variantes linguísticas. Buscamos, assim, firmar nosso ponto de vista pelo qual a tentativa de imposição da linguagem escrita com sua gramática diferenciada da fala é o maior problema na produção do

texto escrito, embora também reconheçamos, ao longo de nosso trabalho, inclusive apoiados em pareceres de autores como Geraldini (1993), que o artificialismo na produção do texto na escola é outro forte motivo para a dificuldade na escrita. Tentaremos, então, pensando no fenômeno da diglossia, verificar se estruturas marcadas, comuns à fala são empregadas no texto escrito dos vestibulandos. A nossa quarta hipótese, na verdade, prevê que os vestibulandos evitam as formas da linguagem oral estigmatizadas pela gramática da linguagem escrita, utilizando, o mínimo possível, pleonasmos e anacolutos, por exemplo.

Na seção 2.3 de nosso suporte teórico, tratamos do texto dissertativo, com suas características, divisões e forma como é ensinado nas escolas, através dos livros didáticos. Tecemos, também, nossa avaliação sobre esse processo todo e apresentamos os pontos fundamentais da pragmática do discurso (seção 2.4), verificando a relação entre a ordem dos constituintes da oração e os parâmetros cognitivos de importância e previsibilidade da informação. Então, de acordo com a teoria funcionalista, selecionamos nove casos de reordenação de constituintes, característicos de construções de estruturas marcadas da fala e possíveis de serem encontradas em português: topicalização contrastiva (Top C), reordenação do objeto indireto no lugar do objeto direto, deslocamento à esquerda (DE), deslocamento à direita (DD), sentenças clivadas, construções existenciais, construções [VS], construções passivas do português, construção de tópico (CTop).

Feita esta identificação teórica de tipos de construções marcadas por reordenação de constituintes, apresentamos textos dissertativos autênticos com a intenção de demonstrar o uso real dessas estruturas, analisando sua localização e função desempenhada no texto.

No capítulo 3, fazemos a caracterização do corpus, indicando a metodologia de trabalho. No capítulo 4 apresentamos a análise e interpretação dos resultados que nos remetem às conclusões do capítulo 5. Seguem-se as referências bibliográficas e os dois anexos: anexo I - com as transcrições das construções diferentes de SVO encontradas e anexo II - com as redações completas dos vestibulandos.

2 SUPORTE TEÓRICO

2.1 O processamento do texto escrito na escola

X

o processamento da informação na mente

Ao construirmos o discurso, tecemos cadeias de proposições que condensam o mesmo tema (continuidade temática) e tendem a repetir o mesmo tópico em várias orações seguidas, de forma que esse tópico recorrente (continuidade ou previsibilidade referencial) tende a constituir o principal tópico oracional naquela cadeia.

O desenvolvimento de um texto dá-se pela continuidade do tópico e pela progressão textual, com entrada de novos tópicos. A marcação é o princípio discursivo que define o nível de saliência de um item em relação aos demais. O tópico, por sua vez, é o ponto de referência, a respeito do qual se dá ou se pede informação em qualquer tipo de codificação. Considera-se nova a informação indicada pela primeira vez no discurso. Tópicos novos são geralmente caracterizados por meio de estruturas marcadas lingüisticamente e que passarão a não marcadas no desenvolvimento do discurso. São a descontinuidade de tópico, a dificuldade de identificação referencial, de predição ou de acessibilidade, assim como a urgência de comunicação de uma informação importante que fazem surgir construções marcadas. Portanto, a reintrodução do tópico após considerável espaço de ausência também deve gerar construções marcadas, assim como o uso de recurso de contraste ou a situação de competição referencial.

Por esse motivo, nossa expectativa, nesta pesquisa, era de que os alunos, após anos de escolarização, sinalizassem em seu texto, pelo menos algumas vezes, através da estrutura sintática diferente de SVO, concomitante com a divisão do texto em parágrafos, a saliência de um constituinte em relação a seus opostos, em função de sua maior importância ou imprevisibilidade.

Outro questionamento que levantávamos então era sobre que tipos de estruturas marcadas os alunos usariam e qual sua freqüência e localização. Nossa hipótese era de esses tipos de estrutura deveriam ter funções específicas de acordo com sua localização no parágrafo ou de acordo com a localização do próprio parágrafo no texto.

Pensávamos também que, se todo esse jogo de construção sintática diferenciada realmente fosse usado pelo aluno, de forma adequada, seu texto escrito apresentaria hierarquia e organização das idéias, facilitando a leitura e compreensão. Sendo assim, se tais textos fossem avaliados por professores, deveriam obter boas notas, desde que mantivessem também sua qualidade de conteúdo significativo e observância de uso da linguagem padrão entendida como aquela que obedece à gramática da linguagem escrita além de usar vocábulos do nível culto.

Na verdade, o que sabemos, por experiência própria de anos de exercício do magistério, é que a produção textual escrita na escola, do primeiro ao terceiro graus, encontra resistência e dificuldade por parte da maioria dos alunos, embora dominem seu idioma no uso oral cotidiano.

Segundo Lopes (1988:3-11), os descaminhos da redação começam desde a primeira série com a adoção de cartilhas com textos descontextualizados, com frases e lições sem sentido, fragmentadas, visando exclusivamente ao processo de silabação. E as primeiras tentativas de redação partem daí, dessas estruturas soltas e desvinculadas da realidade. Desde cedo o aluno percebe que deve repetir o que já viu e tenta agradar o professor, imitando os modelos. E nessa atividade imitadora, muito pouco de sua experiência lingüística pode ser incorporada, pois o ato de escrever é diferente de sua fala e o aluno perde a segurança no desempenho lingüístico devido à descontextualização das situações propostas para elaboração do texto escrito e a diferença entre o que diz na fala e o que pode escrever. O material lingüístico do nível oral do aluno é desembaraçado, feito de construções bem mais elaboradas e ricas em expressividade, diferente dos modelos impostos desde os primeiros textos escolares, que ele passa a imitar. Mas também é bem claro que o aluno das séries iniciais tenta transpor a língua falada para o texto escrito. Em suma, a situação é complexa, há duas tendências: ou ele imita a escrita escolar ou ele transpõe da fala para a escrita - é um processo de seleção que o aluno precisa aprender por si, para conseguir construir seu próprio texto.

Por outro lado, a escrita está intimamente associada à leitura. São processos simultâneos e interdependentes. A leitura interage na produção escrita e

essa vai interagir na leitura continuamente. A elaboração de um texto escrito é uma outra leitura produzida que está fortemente relacionada à leitura de mundo de que nos fala Freire (1982:11-24).

Kato (1993:100-20), ao questionar como se aprende a ler e escrever, faz um resumo das diversas teorias da aquisição e aprendizagem da escrita. Observa a autora que, segundo o funcionalismo, na fala, uma função nova é primeiro preenchida por uma forma velha e que só depois se desfaz a multifuncionalidade através da busca de uma forma nova. Afirma ainda que, também para Vigotsky e Slobin, uma função nova se adquire através de uma forma velha e uma forma nova se adquire através de uma função conhecida. Kato conclui que se essa concepção apresenta evidências empíricas para a fala, podemos esperar que ela deva ter também implicações para a aquisição da escrita.

Se assim for, a prática usual de nossas escolas de ensinar novas formas não funcionalmente motivadas está fadada ao fracasso. A autora enfatiza que, nesse caso, é preciso criar situações que levem o próprio aluno a buscar novas formas em função daquilo que ele quer comunicar. Portanto, são necessidades reais, funcionais que levam o homem a escrever e a procurar novas formas dentro dessa modalidade de comunicação. Mas a escola continua com propostas artificiais para a produção de textos, além de exigir a superposição da linguagem padrão como denominador comum para o exercício da cidadania e aceitação social sob o ponto de vista da classe dominante. Essa despreocupação da escola com o filtro afetivo ao solicitar que sejam produzidos textos desvinculados do interesse e emoção do produtor, ao que se acresce uma correção basicamente gramatical, muitas vezes restrita a questões de ortografia e concordância, estabelece um bloqueio a mais para o ato de redigir do jovem aluno. Barbisan & Caminha (1988:71) dizem que "a relação da criança com o escrito pressupõe que ela possa se situar no processo de enunciação tendo consciência de quem escreve, para quem, para dizer o quê". O aluno que escreve por escrever, vê na redação um exercício a mais dentro de suas atividades escolares. E quando ela volta, cheia de correções (se volta), cria-lhe uma situação de desconforto e desprazer, que caracteriza a redação em nossa escola, colocada num espaço restrito e pouco significativo, conforme também reafirma o estudo de Lopes (1988) em Descaminhos da Redação.

Contudo, a imposição de uma linguagem diferente da oral, dominada razoavelmente pelo aluno ao ingressar na escola, é um dos grandes problemas para a produção textual escrita. Ora, toda a situacionalidade da comunicação oral perde-se na escrita. Entoação, gestualidade, contexto situacional percebido por outros sentidos além da visão são recursos que atuam na mudança de tópico na linguagem oral, estabelecendo diferenças gritantes entre a criação do texto oral e do texto escrito. Como os alunos substituem os recursos facilitadores da compreensão do texto oral (com todas as suas características situacionais) por recursos facilitadores da compreensão na produção do texto escrito, no que se refere à construção da cadeia tópica com suas continuidades e descontinuidades, é um estudo complexo, muito amplo e ainda por fazer.

Em primeiro lugar, é preciso que se tenham algumas noções de como se processa a informação na mente, pois, como sabemos, é preciso que se estabeleçam cadeias de continuidades quebradas por descontinuidades logicamente possíveis para que o texto progrida com clareza para o leitor. Chafe (1987), ao estudar o processamento da fala, tenta desvendar o que acontece na mente das pessoas, quando manipulam a informação "dada" (já ativada na mente), "nova" (conceito inativo localizado na memória de longo termo) ou "acessível" (conceito localizado na consciência periférica da pessoa), "tópicos" (ponto inicial) e "comentários" (informação adicional), "sujeitos e predicados", assim como "unidades de entoação, orações e sentenças.". Todos esses fenômenos lingüísticos são manifestações de processos cognitivos básicos, e não poderemos entendê-los se não percebermos os fenômenos psicológicos a eles subjacentes. Segundo Miller¹ (apud Chafe, 1987:22), embora nossa mente possa conter uma grande quantidade de conhecimento ou informação, a nossa capacidade de ativar essas informações reside numa propriedade da memória bastante limitada, que pode manejar de dois até mais ou menos sete conceitos por vez. Assim um falante ativa uma parte da informação e após, outra. Cada parte dessas Chafe (1987:22) denomina "unidade de entoação" (mais ou menos cinco ou seis palavras em inglês). Há então uma pequena pausa, sendo a informação ativada substituída por outra, parcialmente diferente, o que requer um esforço cognitivo que pode ser uma importante razão dos períodos de silêncio na fala. Assim, nas unidades de entoação o falante exprime

¹ MILLER, George A. *The magic number seven, plus or minus two*. *Psychological Review*, v.63. p.81:97. 1956.

seus conceitos sobre objetos, eventos e propriedades através de sintagmas nominais, verbais ou adjetivos.

Também é interessante considerar o que ocorre na mente do ouvinte, uma vez que o objetivo do falante é precisamente ocasionar mudanças nos estados de ativação da informação, podendo os conceitos, em determinados momentos, assumir estados diferentes: ativo, semi-ativo, inativo.

O conceito ativo corresponde à informação "dada ou velha". As informações dadas ou velhas caracterizam-se, geralmente, por pronúncia atenuada, pronominalizações ou omissão por elipse.

O conceito semi-ativo corresponde à informação acessível. Quando o falante busca retomar um conceito semi-ativo, a pausa inicial é seguida por mudanças na ativação dos estados de um ou mais conceitos na mente do ouvinte. Ativar um conceito inativo ou semi-ativo assemelha-se ao fenômeno psicológico da lembrança. Pode-se também falar em "desativação" de um conceito ativo, que ocorre freqüentemente devido à capacidade limitada do foco da consciência. Chafe (1987:29) sugere que, no texto escrito, os limites de parágrafo "são evidências das grandes mudanças na ativação periférica" (conceitos semi-ativos ou informações acessíveis). Os conceitos semi-ativos fazem parte dos esquemas onde se reúnem expectativas inter-relacionadas sobre determinado foco. Assim, por exemplo, no esquema de "aula" os elementos característicos como participantes ou eventos seriam: estudantes, o professor, anotações, sala de aula, uma exposição oral etc.

Por sua vez, o conceito inativo corresponde à informação nova. Na mente, durante a pausa inicial, pode haver a passagem de um conceito do estado inativo para o ativo, o que exige a recuperação de um conceito guardado na memória de longo termo e, também, um maior esforço cognitivo. Um só conceito pode passar do estado inativo para o ativo durante a pausa inicial, correspondendo a cada unidade de entonação, um conceito anteriormente inativo ou conceito novo. Isso, conforme Chafe, corresponde ao que diziam Pawley and Syder² (1983:564-565): "one clause at a time constraint". Chafe (1987:32), por sua vez, fala em "one new concept at a time constraint" e ele mesmo compara por semelhança, sua

² PAWLEY, A.& SYDER, F.H. *Natural selection in syntax: notes on adaptive variation and change in vernacular and literary grammar*. **Journal of Pragmatics**, v.7, p.551-9.

afirmação com a de Givón : “uma (nova) unidade conceitual por proposição”. Essa imposição resulta naturalmente do que se toma como base cognitiva de uma unidade de entonação: a expressão de um único foco de consciência. Tal foco pode evidentemente conter não mais do que um conceito anteriormente inativo.

Esse processamento da informação na mente se reflete na estruturação do texto escrito. Assim, o produtor intercala conceitos dados, acessíveis ou novos na construção de seu texto escrito, através de recursos lingüísticos, buscando alcançar a compreensão de seu leitor e facilitar-lhe a leitura pelo jogo hierarquizado e organizado de informações.

Embora Chafe (1987:21) restrinja sua pesquisa à linguagem falada espontânea, reconhece a necessidade de estudar outras variedades de linguagem mais planejada, assim como os diversos tipos de linguagem escrita. Pontes (1987: 48-9), cita um trabalho de Ochs no qual essa pesquisadora coteja o discurso oral informal da criança com o discurso formal escrito do adulto. Com razão, Pontes critica que a linguagem familiar do adulto, no seu registro coloquial, não foi levada em conta e que é possível existir discurso planejado oral com o falante se utilizando do contexto da situação, como se observa em programas de TV, por exemplo. Para Ochs o adulto retém formas de linguagem infantil, enquanto Pontes (1987:50) afirma que a criança fala como os adultos falam com ela e que o adulto não "reverte" a falas infantis, ao falar no ambiente familiar, mas usa o registro coloquial. As duas autoras concordam em um item: no discurso planejado há menos repetição. Para Pontes, essa pesquisa deveria conter dados sobre o discurso escrito não planejado e o oral planejado a fim de que melhor se definissem as características atribuídas ao discurso planejado e ao não planejado. Entretanto, resume as conclusões de Ochs³ em quatro itens:

- 1- no discurso relativamente não planejado os falantes confiam mais no contexto imediato para se comunicar;
- 2- no discurso relativamente não planejado os falantes se fiam mais em estruturas morfossintáticas adquiridas nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem;
- 3- no discurso relativamente não planejado, os falantes tendem a repetir e a substituir itens léxicos na expressão de proposições;

³ OCHS, E. *Planned and unplanned discourse*. In: GIVÓN, T. (ed.) **Syntax and semantics, 12: syntax and discourse**. New York: Academic Press, 1979.

4- no discurso relativamente não planejado, a forma e conteúdo de atos sociais arranjados seqüencialmente, tendem a ser mais similares do que no discurso relativamente planejado.

Em nossa pesquisa trabalhamos com textos escritos planejados nos quais, segundo Ochs (apud Pontes:1987) e sua investigação, são usadas mais estruturas morfossintáticas aprendidas na escola, como orações subordinadas e encaixadas, por exemplo.

Essa polêmica sobre as características do discurso planejado e não planejado evidencia, no entanto, uma verdade: a escrita, mesmo de um discurso não planejado, como numa carta íntima, exige do redator maior consciência da necessidade de hierarquizar e organizar as idéias para ser compreendido pelo leitor. Se o discurso escrito for planejado, como por exemplo o do texto dissertativo, basicamente argumentativo e questionador, exigirá de seu produtor uma adequação de escolhas entre os conceitos dados, acessíveis e novos, relacionando e posicionando-os para que a intenção persuasiva de seu discurso se realize com a compreensão e aceitação do leitor. A partir dessas idéias começamos a pensar se a ordem de colocação dos constituintes na oração que, segundo Givón (1988), é determinada por parâmetros relacionados com importância e previsibilidade da informação, seria explorada como recurso de marcação nos textos dissertativos dos alunos, ainda que inconscientemente, para sinalizar continuidades e descontinuidades de tópico nas estruturas dos parágrafos.

Pontes (1987:11-2) diz que o português sempre foi considerado uma língua com proeminência de sujeito, mas verificou, por outro lado, em suas pesquisas sobre língua coloquial espontânea de uso diário, que ele apresenta muitos casos em que ocorrem as construções com tópico de diversos tipos. Exemplos:

- . "O seu regime entra muito laticínio?"
- . "Esse buraco, menina, taparam ele outro dia."
- . "Aquela casa ali, é engraçado o jardim".
- . "Isso aí, eu tenho dúvida".
- . "Esse negócio o prazo acaba".

As construções marcadas (diferentes de SVO), conforme teoria gramatical de Givón (1993), acontecem devido à relativa dificuldade de continuidade, previsibilidade ou acessibilidade da informação, assim como devido à maior importância da informação contida no constituinte topicalizado, de acordo com a percepção e julgamento do produtor do texto.

A pesquisa que realizamos analisa textos dissertativos produzidos por vestibulandos cuja faixa etária predominante vai dos dezesseis aos vinte-e-um anos, todos esses com uma escolarização de 1º e 2º graus completos. Portanto, alunos que, ao chegar à escola, já traziam consigo inegável bagagem lingüística que lhes permitia interagir e comunicar-se em determinado contexto social, tinham passado por um processo de aprendizagem de discurso planejado na escola, com intenção de que eles aprendessem, além da leitura e da escrita, a língua padrão. Como foi demonstrado pelos estudos de Ferguson (1974), embora não realizados no Brasil, verifica-se também em nossa escola, que essa língua padrão imposta não é a que os estudantes já dominam como língua falada em sua comunidade, pois usa recursos lingüísticos bastante diferentes dos até então por eles utilizados, tais como, forma de concordância e regência, uso de sistema pronominal, elaboração de estruturas oracionais mais complexas etc. Exemplos disso encontram-se no Banco de Dados do projeto VARSUL (Variação lingüística urbana no sul do país) que é uma proposta de pesquisa sociolingüística desenvolvida em quatro universidades dos três estados do sul do Brasil.

Em outras palavras, sintetizando nossas idéias, o texto escrito desses vestibulandos deve refletir o resultado da tarefa da escola que vem tentando ensinar e impor uma variedade lingüística que não corresponde à empregada por esses mesmos alunos no seu cotidiano.

Esse aspecto da dificuldade de aquisição da linguagem padrão para o processamento do texto escrito na escola pode ser melhor compreendido a partir da leitura da seção seguinte, que discorre sobre variantes lingüísticas e sua superposição.

2.2 Variantes lingüísticas e sua superposição

Como nos referimos, no capítulo anterior, à obrigatoriedade de superposição da linguagem padrão à linguagem oral falada pelos alunos, como uma das difíceis tarefas consignadas à escola, buscamos no já clássico trabalho de Ferguson (1974: 99-116) sobre diglossia, suporte teórico, embora tal trabalho enfoque duas variedades de estatuto social diferente, cabendo a cada uma o desempenho de um papel bem determinado.

Segundo o autor, em muitas comunidades lingüísticas as pessoas usam duas ou mais variantes de uma mesma língua em diferentes condições. Considera **variante superposta** aquela que é aprendida como acréscimo à **variante nativa** dos falantes. À superposição de variantes dá-se o nome de diglossia, que pode ser desenvolvida a partir de várias origens e ocorrer em diferentes situações lingüísticas. Por comodidade de referência, a variante superposta na diglossia, de acordo com os estudos de Ferguson, é chamada variante H (high), enquanto que os dialetos regionais são chamados de L (low).

Uma das características mais importantes da diglossia é a especialização de função para H e L. É muito importante usar a variante correta na situação exata para que o emissor não seja objeto de ridículo. O status do texto muda de acordo com a variante e, na educação formal, o uso das variantes ainda é mais complexo, pois muitas vezes o que pode ser falado não pode ser escrito.

Segundo Ferguson (1974:104), H é considerada superior a L, e por vezes esse sentimento é tão forte que somente H é considerada "real" enquanto L consta como "não existente". H é mais prestigiada até pelas pessoas que não dominam essa variante. Essa idéia de superioridade de H está ligada à religião em algumas linguas, como o grego, cuja variante utilizada para a tradução do Novo Testamento deu origem a sérios tumultos na Grécia em 1903, por não ser considerada língua oficial, e o árabe, onde H é a língua do Corão, constituindo as verdadeiras palavras de Deus.

Também a herança literária é altamente considerada pela comunidade lingüística, onde H se comporta como a variante padrão da língua. Em todas as

línguas definidoras de uma comunidade diglósica, há uma forte tradição de estudo gramatical da forma H da língua. Há uma norma estabelecida para gramática, pronúncia e vocabulário que permite variações apenas dentro de certos limites que ignoram as realizações lingüísticas de L.

Na aquisição da língua materna, H pode ser ouvida pelas crianças de vez em quando, mas a aprendizagem de H é realizada principalmente através da educação formal, nas escolas. Essa diferença no método de aquisição/aprendizagem é muito importante pois, enquanto a estrutura gramatical de L é adquirida sem uma discussão explícita de conceitos, a gramática de H é aprendida em termos de "regras" e normas a serem imitadas. E por sua aprendizagem dar-se preferencialmente na escola, para a maioria, através de textos de leitura e exigência de produção de texto escrito em linguagem padrão, a utilização plena de H é improvável, ao nosso ver, pois é muito pouco exercitada oralmente.

A diglossia é uma situação lingüística estável, mas as tensões comunicativas nela surgidas fazem aparecer formas lingüísticas relativamente não codificadas, instáveis e intermediárias, havendo, inclusive, repetidos empréstimos de itens do vocabulário H para L, como, por exemplo, pode-se observar no *creóle de salon* haitiano, conforme exemplo dado por Ferguson (1974:107). Surge, então, uma forma de língua intermediária que "filtra" a pronúncia e a gramática de H e serve de elo de conexão através do qual os empréstimos são introduzidos no L "puro".

Há uma grande diferença entre H e L quanto à estrutura gramatical: H tem categorias gramaticais inexistentes em L, e o sistema flexional de substantivos e verbos é muito reduzido ou totalmente inexistente em L. Assim, a estrutura gramatical de uma dada variante L é mais simples do que aquela de sua correspondente H.

Quanto ao léxico, segundo os estudos de Ferguson (1974:109), tanto H quanto L utilizam, em grande parte, o mesmo vocabulário, certamente com variações na forma e com diferenças de uso e significado. Entretanto, H inclui na totalidade de seu léxico termos técnicos e expressões eruditas que não têm equivalentes regulares em L. Por outro lado, as variantes de L incluem na totalidade de seu léxico expressões populares e nomes de objetos muito familiares ou objetos de

distribuição muito localizada que não têm equivalentes regulares em H, uma vez que os temas envolvidos são raramente discutidos em puro H.

Quanto à fonologia, Ferguson (1974:110) afirma que os sistemas de som de H e L constituem uma única estrutura fonológica, da qual a fonologia de L é o sistema básico e as características divergentes da fonologia de H constituem um para-sistema. Além disso, se as formas de H "pura" têm fonemas não encontrados em formas de L "pura", os fonemas de L as substituem freqüentemente no uso oral de H.

Enfim conceitua-se DIGLOSSIA como uma situação lingüística relativamente estável na qual, **além dos dialetos principais** da língua, **há uma variedade superposta**, muito divergente, altamente codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), **veículo de um grande e respeitável corpo de literatura escrita**, quer de um período anterior, quer de outra comunidade lingüística, **que é aprendida** principalmente **através da educação formal** e **usada na maior parte da escrita e fala formais**, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação usual.

De acordo com Ferguson (1974:113), a diglossia tem probabilidades de acontecer em uma determinada comunidade lingüística quando existem as seguintes condições:

a- há um considerável corpo de literatura numa língua estreitamente relacionada (ou mesmo idêntica) à língua natural da comunidade, e essa literatura incorpora alguns valores fundamentais da comunidade;

b- somente uma pequena elite da comunidade é alfabetizada;

c- um período de tempo considerável, da ordem de vários séculos, decorre do estabelecimento de (a) e (b).

Entretanto, quando por razões econômicas, sociais, ideológicas, administrativas ou militares surgem tendências na comunidade, de alfabetização mais generalizada, maior comunicação entre diferentes segmentos regionais e sociais da comunidade ou o anseio por uma língua "nacional" padrão plenamente desenvolvida como atributo de autonomia, a diglossia começa a criar "problemas".

Então os líderes da comunidade clamam pela unificação da língua e tendem a apoiar a adoção de H ou uma das formas de L como padrão. Mas uma língua padrão não pode ser simplesmente imposta por uma lei a uma comunidade, pois as tendências que serão decisivas em seu desenvolvimento já estão em ação e pouco têm a ver com a argumentação de tais autoridades. H só pode ter sucesso em estabelecer-se como padrão se já estiver servindo como língua padrão em alguma outra comunidade e a comunidade onde houver diglossia, por motivos lingüísticos e não lingüísticos, tenda a fundir-se com aquela outra comunidade. Isso não ocorrendo, H desaparece gradualmente e se converte em língua erudita ou litúrgica, estudada apenas por estudiosos ou especialistas e não usada ativamente na comunidade. Alguma forma de L ou uma variante mista se torna padrão.

Por outro lado, ainda segundo Ferguson (1974:112), havendo um único centro de comunicação em toda a comunidade lingüística, ou vários desses centros, todos na mesma área dialetal, a variante L do centro será a base do novo padrão, seja ela L relativamente pura ou consideravelmente misturada a H. Se houver vários desses centros em diferentes áreas dialetais, sem que sobressaia um centro determinado, então é provável que diversas variedades de L se tornem padrão como línguas separadas.

Sob nossa perspectiva, a grande dificuldade da escola no Brasil com o ensino da leitura e escrita é justamente essa tentativa de superposição da variante H, representada, em nosso caso, pela variedade padrão na modalidade escrita, sobre a variante L, representada pela variedade não-padrão na modalidade falada. Embora nossa pesquisa não nos forneça dados sobre a freqüência e situação de uso das variedades padrão e não-padrão no Brasil, a realidade simplesmente observada em nosso cotidiano nos induz a pensar que o português como variedade padrão é muito mais lido, através de editoriais e notícias de jornal, por exemplo, do que falado a não ser em situações mais formais, como discursos políticos, conferências etc.

Voltando ao texto de Ferguson (1974:103), diz ele que a situação da educação formal, com respeito à linguagem utilizada, é muito complexa, pois embora os textos escritos se utilizem da variante H, no momento das explicações e discussões orais até o professor se utiliza da variante L por ser menos artificial e próxima do aluno. Ao nosso ver, isso também acontece na escola brasileira. Muitas

vezes o professor nem se dá conta de que fala diferente do que ensina na escrita. Além disso, pode-se até perguntar em que medida os professores de fato dominam H. Está armada a dicotomia: ouvir e falar de uma forma e escrever de outra.

Além do mais, conforme enfatiza Ferguson (1974:105), como a aquisição de H acontece de maneira formal, na escola, pois os pais não falam dessa forma com os filhos, na sua grande maioria, o falante dificilmente estará à vontade para a produção de seu texto na variante H.

Embora nossa situação de superposição de linguagens seja diferente da relatada por Ferguson, pois não há impossibilidade de um indivíduo sem conhecimento da língua padrão interagir lingüisticamente com outros em situações formais, podemos pensar em situação diglôssica no Brasil num sentido mais amplo, ao se considerar variedades sociais. Na verdade, a mudança de registro é gradual e se encaixa no "continuum do discurso". Kato (1993:30), retomando a oposição da escrita padrão à fala não-padrão, remete a uma escala contínua de propriedades que vai desde a fala casual até a escrita formal (fala casual não-padrão > fala casual padrão > escrita casual > fala formal > escrita formal).

Então, como conclusão oriunda dessas evidências, acreditamos que o objetivo do ensino da língua portuguesa na escola, compatível com a nossa realidade, seja o de aumentar as potencialidades e os recursos lingüísticos do aluno, fazendo-o distinguir e valorizar as variantes da língua, ao mesmo tempo em que domine o discurso formal e planejado da linguagem padrão. Dessa forma a escola estará preparando o aluno para o uso adequado da língua na diversidade de situações. Isso é a instrumentalização, é o apoio básico para melhor capacitá-lo como falante e usuário, " conscientizando-o de que todos os empregos e variedades de uma língua são parte dessa língua" (Halliday:1974:279).

Resta-nos, na seção seguinte, buscar uma visão sobre o estado da arte da dissertação que foi a tipologia de texto escolhida para constituir o corpus de nosso trabalho. Mostraremos que, apesar da dificuldade de conceituação, o texto dissertativo tem características básicas e a divisão do texto em parágrafos também tem suas funções específicas. A partir desse estudo é que poderemos, depois, relacionar a localização das estruturas no texto com suas funções, observando se estão adequadas a nossa expectativa. Buscaremos também, através de observação e estudo de manuais didáticos usados na escola, saber quais são as orientações

mais comuns para a produção do texto dissertativo e como outros estudiosos têm se posicionado sobre essa atuação didático-pedagógica.

Poderemos, assim, justificar ou não o resultado obtido em nossa pesquisa, como reflexo da ação pedagógica da escola na construção do texto dissertativo escrito do aluno.

2.3 A dissertação

2.3.1 Características e avaliação do texto dissertativo

Não é fácil definir a dissertação, como gênero de escrita instalado na escola, tendo em vista sua flutuação de conceito através das épocas, segundo observações de Charolles (1990:5).

Entretanto, tradicionalmente, como traços distintos e essenciais, o mesmo Charolles (1990:9) cita:

- o caráter escrito, que opõe a dissertação à exposição;
- a brevidade que diferencia a dissertação do ensaio;
- o caráter argumentativo do texto produzido, que diferencia a dissertação do tratado ou da exposição informativa e que fará com que a dissertação seja aplicada, principalmente, a matérias controvertidas, apelando a tomadas de posição.

Enfim, a dissertação é, de preferência, um texto para exercício, que não será publicado (serve mais para um treinamento, sendo essa outra diferença entre ela e o ensaio).

Charolles (1990:10) observa que o uso escolar do gênero dissertativo carrega consigo conotações depreciativas (do tipo "acadêmico, artificial, vazio") e comenta que os sinônimos encontrados no dicionário, relativos a dissertar, se contrapõem à idéia de brevidade, dando o sentido de alongamento demasiado com poucas coisas. Já em nosso dicionário Aurélio da língua portuguesa (Ferreira,1986:599), dissertar significa "tratar com desenvolvimento um ponto doutrinário ou tema qualquer" e considera dissertador aquele que é "prolixo na exposição de qualquer matéria".

Quanto à característica argumentativa da dissertação, Charolles revela que os critérios de avaliação previstos nas instruções oficiais de 1983 dos vestibulares franceses, exigiam que os textos tivessem eficácia argumentativa, onde os autores sustentassem seu posicionamento pessoal sobre uma questão, convidando a uma reflexão. Na maioria das vezes, o texto a ser produzido em provas é solicitado como uma argumentação, outras vezes como ponto de vista, explicação de razões ou convite ao debate.

As provas de português dos vestibulares mais recentes da UCPel, inclusive a prova de inverno de 1995 cujas redações constituem nosso corpus, têm solicitado aos candidatos que, baseando-se nas notícias veiculadas pela imprensa e reproduzidas na prova como textos de leitura para apoio, elaborem uma dissertação com, pelo menos, 25 linhas. No caso da prova de redação de 95, além de textos e fotos de jornais e revistas nacionais e internacionais sobre vários aspectos da situação nacional, os vestibulandos deveriam tentar responder à pergunta: o Brasil está mudando? Quanto aos critérios de avaliação, a orientação dada aos professores no vestibular de 95 pedia que considerassem os seguintes aspectos:

1. Unidade e abrangência: idéias necessariamente relacionadas com o tema proposto e suficientes para abrangê-lo;
2. Coerência e coesão: encadeamento lógico de orações, períodos e parágrafos - seqüência no desenvolvimento do assunto;
3. Clareza: estrutura frasal de sentido claro; pontuação adequada;
4. Propriedade vocabular: emprego adequado de palavras de nível culto;
5. Adequação à norma culta: ortografia, concordância e regência.

Como se pode perceber, em momento algum, os critérios remetem a uma avaliação das estruturas oracionais como recurso de sinalização do fluxo da informação e de progressão temática. Fala-se em clareza da estrutura frasal, o que, talvez, possa induzir o avaliador menos questionador a considerar a ordem direta como a mais clara e adequada a uma boa redação. Também, quanto ao encadeamento lógico de orações, períodos e parágrafos e seqüência do desenvolvimento do assunto, não é sugerida qualquer observação acerca da ordenação dos constituintes, pressupondo-se aí, quanto à estrutura lingüística, recursos sintático-semânticos através dos quais se observa não muita coisa além do uso coerente de, por exemplo, conectores lógicos e recursos coesivos como a

sinonímia. Por outro lado, o fator argumentatividade não possui critério específico de avaliação. Estará encaixado apenas em fatores de coerência e recursos de coesão? Acreditamos que também a própria colocação dos constituintes na oração já sinaliza o grau de argumentatividade do discurso. Mas isso não tem sido avaliado, atualmente. Embora na França digam que os textos dissertativos devem ter eficácia argumentativa, como isso é avaliado? E no caso do corpus de nossa pesquisa, qual critério de avaliação revela que esta característica básica do texto dissertativo foi levada em consideração, além de seu nível mais elementar?

Após esse cotejo de realidades, voltamos à teoria. Segundo Delforce (1992:15), a dissertação se caracteriza como um texto no qual a atividade enunciativa fundamentalmente consiste em interrogar. As afirmações ou refutações que constituem a argumentação fazem parte, segundo o autor, do momento subsequente de análise, que permite passar da pergunta à resposta. A característica principal da dissertação é a atenção que se dá ao exame da questão, pela sua relevância, tornando-se inconveniente apresentar imediatamente uma resposta, evidenciando o espírito crítico que não esquece nenhum aspecto importante do problema.

O tipo de texto que apresenta uma opinião imediatamente após uma questão, acrescida de alguns argumentos que apóiam essa opinião, não é de natureza dissertativa, segundo Delforce. Pertence a outro gênero discursivo: o da entrevista.

Na dissertação pode haver o exame pessoal de uma questão, mas não, uma opinião pessoal. O exame racional de uma questão polêmica conduz à formulação de uma posição pessoal e se diferencia radicalmente da simples resposta dada em entrevista.

A dissertação escolar, como argumentação, se distingue das argumentações políticas e judiciárias, pois não está voltada para a ação, não visando, diretamente, influenciar sobre uma decisão. Os problemas focalizados pelas dissertações conduzem a idéias controvertidas com valores e representações diversas que exigem abstrações ligadas à experiência. Daí se percebe a dificuldade que pode representar tal tarefa, que exige um trabalho de conceituação, reflexão, implicando capacidades de generalização, distanciamento, categorização, tudo

baseado em vivência, além do domínio das formas de expressão ligadas a esta atividade de conceituação. Os professores franceses se preocupam em apelar para a experiência dos alunos na produção do texto dissertativo pelo receio de que tal tarefa se resume à pura especulação de conceitos repetidos e clichês, que visem, apenas, à obtenção de uma nota. A ausência de um destinatário especificado é outro fator agravante para a boa produção do texto dissertativo.

O aluno mais maduro, segundo Vigner (1988:110), sente a necessidade de produzir textos onde possa confrontar experiências, compará-las, apreciá-las, julgá-las, transmitir a alguém seus pontos de vista, fazer com que o interlocutor mude de opinião. E é baseado nessas condições de interlocução que o produtor do texto determina a organização lógica da mensagem. Portanto, a argumentação visa sempre a um interlocutor e para que se torne eficiente e atinja os objetivos propostos, o autor deve acionar todos os recursos de natureza lógica e lingüística de que dispõe.

Vigner dá uma amostra das formas mais usuais que poderão ser objeto de uma primeira aprendizagem dentro da argumentação: construções introdutórias e de transição (*começamos por, inicialmente, é preciso lembrar que, passemos então, mais tarde voltaremos..*), construções conclusivas (*logo, conseqüentemente, é por isso que, em suma..*), a enumeração (*em primeiro lugar, e por último, em seguida, além disso*), construções concessivas (*é certo que, é verdade que, sem dúvida alguma, pode ser que...*), expressões de reserva (*todavia, no entanto, entretanto, mas, porém...*), expressões de insistência (*não apenas... mas, com muito mais razão, tanto mais que...*), inserção de um exemplo (*consideremos o caso de, este caso apenas ilustra, o exemplo de... confirma, etc*). Reconhece, entretanto, que a argumentação não pode ser limitada pelo uso de estruturas léxico-sintáticas que marcam explicitamente as tomadas de posição do produtor do texto diante de certas proposições, pois a argumentação pode se manifestar na própria organização do discurso, além de depender do valor semântico de certos termos ou passagens. Recomenda, entretanto, que numa primeira abordagem é preferível que a escola se limite às formas de mais fácil apreensão dos alunos.

Então, surge a pergunta: será que a nossa escola ultrapassa esta primeira abordagem da construção da argumentação sugerida por Vigner, no trabalho com o texto dissertativo em séries mais adiantadas? Acreditamos que não.

Verificamos que, embora os comentários de Charolles (1990) na revista *Pratiques* nº 68 refiram-se à dissertação sobre assuntos literários, tarefa proposta em concursos e vestibulares na França, a dissertação sobre cultura geral, proposta em concursos similares no Brasil, em geral, segue as mesmas características e exigências. Tanto lá quanto aqui, criaram-se "guias" para o desenvolvimento de idéias, "planos" para o desenvolvimento do texto, pelos quais o aluno é treinado para uma construção padrão de dissertações. Originam-se daí, geralmente, caricaturas de dissertações, evadas de artificialismo, onde os alunos buscam atender às regras defendidas pelos professores ao mesmo tempo em que receiam ser originais, diferenciando-se do modelo. Por outro lado, na maioria das vezes, não dominam o assunto proposto, nem lhes foi proporcionado um "input" mínimo na escola ou também não tiveram condições de adquiri-lo no ambiente extra-classe. Mas temos de reconhecer que tais "guias" e "planos" são usados, principalmente pelos professores de 2º grau, com a intenção de facilitar a produção do texto dissertativo, para que o aluno organize suas idéias e argumentação e reconheça as partes do texto onde deve introduzir operadores argumentativos e conectores em geral. Mas serão a correção da linguagem e os conselhos sobre como iniciar a dissertação e suas famosas transições suficientes para a construção de boas dissertações?

Charolles (1990:14) diz que não. As melhores redações dissertativas observadas manifestam a capacidade de o redator manejar como um guia a interpretação do leitor, orientando e despertando sua atenção através da construção textual, hierarquizando as informações, apresentando recapitulações parciais que mantêm seu interesse e compreensão. O ponto de vista a ser defendido se desvenda aos poucos, com um certo suspense, num debate de opiniões. Essa manipulação do destinatário só pode ser feita por um emissor que sabe distribuir as informações com sutileza.

Portanto, o planejamento é essencial na produção de uma dissertação. Para Petitjean (1994:11), planejar é encontrar as idéias que podem se ligar ao tema

e à tarefa de escrita a realizar, e trabalhar com estes materiais disponíveis graças à memória, à leitura, à invenção.

Para Charolles (1986:10), as operações de planejamento na produção textual agrupam atividades de mobilização, ativação, seleção, pesquisa e composição dos conhecimentos, culminando na elaboração de um plano guia da execução do processo redacional no seu conjunto. Esse plano-guia compreende, no mínimo, uma representação da finalidade da atividade (o que se quer escrever) associada a uma representação do auditório (para quem).

Em suma, conclui Charolles que a produção de um discurso argumentativo implica toda sorte de atividades cognitivas e, particularmente, a ativação-seleção e organização-composição, as quais se agrupam com o nome de planejamento.

Ainda quanto à organização da dissertação, no famoso plano, o que se pode considerar indispensável é o desenvolvimento da argumentação (em "X" partes). Por outro lado, a montagem de pontos de vistas diferentes (não forçosamente adversos ou limitados a dois) e a construção de uma opinião fazem da dissertação um texto, além de polifônico, personalizado por excelência. E, finalizando, tendo em vista que a produção de um bom texto dissertativo depende de uma complexa rede de construções perceptivas individuais extremamente variáveis assim como "input" suficiente e competência lingüística, concordamos com Vigner (1990:17), para quem a dissertação faz parte daquelas "artes do discurso" que se podemos aprender, nem sempre podemos ensinar. Isso confirma o princípio cognitivista da produção da linguagem numa abordagem funcional, pois todo ato de linguagem apóia-se na capacidade de percepção e "input" individual para sua realização.

2.3.2 A divisão do texto em parágrafos e suas funções

Bessonat (1988:81), em seu estudo sobre a divisão do texto em parágrafos, reconhece que há um duplo interesse de ordem metalingüística para que isso aconteça:

-no que diz respeito à leitura integral, é um sistema de instrução dado ao leitor para facilitar a compreensão do texto. Mudar de linha é uma instrução dada ao destinatário que lhe explicita o seguinte: finalize alguma coisa e se você continuar a trabalhar com o presente discurso, entenda que começará a tratar sobre alguma outra coisa;

-no que diz respeito à leitura de localização, é um sistema de indicações dado ao leitor para recuperar facilmente alguma passagem do texto, de onde provém o uso de um sinal específico para designar o parágrafo;

-no plano teórico, o parágrafo não é considerado uma unidade semântica textual e as gramáticas que inventariam as unidades constitutivas do texto determinam unidades mais largas como as de seqüência, macroestrutura ou episódio;

-no plano pedagógico, o parágrafo é estudado como uma entidade isolada, protótipo do texto argumentativo, num tipo de aprendizagem que não atende ao problema de articulação do texto em parágrafos (ex: redija um parágrafo...).

Se pensarmos que as estruturas marcadas são icônicas, no sentido de sinalizar para o ouvinte, no discurso oral, a organização do próprio discurso (por exemplo, início de tópico, fim de turno), parece-nos lógico que, no caso do texto escrito, o parágrafo possa sinalizar coisas semelhantes.

Entretanto, na escola, quando é dada importância à necessidade de articulação do texto em parágrafos, o ensinamento é puramente de injunção: mude de linha, deixe seu texto mais leve (dê espaço), delimite as partes, reveja sua divisão, faça parágrafos..., sem explicitar as condições a que deve obedecer a segmentação do texto. Tudo se passa como se o professor, através de suas leituras, dispusesse de normas implícitas do parágrafo e se esforçasse empiricamente em comunicá-las aos alunos sem passar pelo ensino racional. Na verdade, um mínimo de explicação e coerência no ensino da divisão em parágrafos deve ser introduzido para que os alunos possam objetivar a necessidade de segmentação do texto. Começemos pelas definições de parágrafo e alínea contidas nos estudos de Bessonat.

Parágrafo e alínea são sinais de pontuação e indicam unidades textuais:

- alínea refere-se à primeira linha do texto de um parágrafo ou, num segundo sentido, à passagem compreendida entre duas dessas linhas recuadas;
- parágrafo pode ser entendido de duas formas: a) divisão de um escrito em prosa, oferecendo uma certa unidade de raciocínio ou de composição; b) sinal tipográfico, representando o número de um parágrafo.

Há então um choque nessa ambivalência problemática: deve-se analisar um texto em termos de pontuação ou em termos de estruturação? E volta o velho problema: é o ponto que determina a frase ou o inverso? É a alínea que determina o parágrafo ou o inverso?

Bessonat (1988:83) adota, finalmente, as seguintes definições:

- alínea é o espaço em branco que delimita o parágrafo;
- parágrafo é o espaço de texto compreendido entre duas alíneas.

Mas, afinal para que serve o parágrafo? Quais as suas funções? Para Bessonat (1988:85), o parágrafo tem uma tripla função: facilitar, programar e dialogar. Então, a divisão em parágrafos é um instrumento de facilitação da leitura porque a alínea sinaliza ao leitor a passagem de uma unidade de sentido para outra, além de permitir o descanso do olhar e o processamento/armazenamento das informações daquele parágrafo, antes de prosseguir.

À sucessão linear das frases se superpõe a articulação hierarquizada em parágrafos, que funciona como um instrumento de programação da leitura. Se levarmos em consideração a estrutura temática do texto, como uma progressão temática derivada, cada parágrafo constitui uma gaveta sucessiva, ligada ao hipertema inicial, autorizando em compensação uma leitura tabular do texto e não, simplesmente, linear. Notar-se-á mesmo que o efeito de programação parece mais forte quanto mais segmentado for o texto. Pode-se comprovar isso pela observação da incidência de alíneas nas circulares administrativas, geralmente repletas de instruções.

Bessonat refere-se, também, à hipótese da função de diálogo emitida há mais de meio século por Bakhtin⁴ (p.158), prevendo, mesmo para o monólogo, uma estrutura fundamentalmente dialógica:

"Na base da divisão do discurso em partes, denominadas parágrafos na sua forma escrita, se encontra o ajustamento às reações previstas do ouvinte ou leitor."

Há, portanto, um diálogo implícito inerente em todo texto, pressupondo o questionamento constante de um interlocutor fictício. Quem é este interlocutor fictício para quem o aluno, na escola, escreve seu texto dissertativo? A tarefa do aluno é, na verdade, tentar convencer um interlocutor que não precisa ser convencido, argumentar, mesmo que desmotivado, produzir um texto unicamente para ser avaliado, principalmente por seus aspectos de concordância e ortografia. Nessa situação do produtor, como fica o diálogo implícito pressuposto em todos os textos?

Além das funções, para que se descreva o parágrafo, é necessário que se fale em seu funcionamento e composição. Segundo Longacre⁵ (apud Bessonat, 1988:88-9), a gramática do parágrafo se apóia em dois argumentos fundamentais: a unidade temática do parágrafo e seus traços demarcativos a partir dos quais é possível estabelecer a tipologia de base dos parágrafos.

A unidade temática refere-se à coesão sintática e à coerência semântica existentes no parágrafo, que se articula em torno de um tema único.

A respeito dos traços demarcativos, há repetição de marcas que assinalam a abertura e o fechamento de um parágrafo. A abertura é marcada através de uma disjunção de espaço, tempo ou ação nos textos narrativos e uma disjunção temática nos outros textos, indicadas por marcas lingüísticas. No texto argumentativo, por exemplo, conectores lógicos determinam as etapas sucessivas de uma argumentação (*primeiramente, logo a seguir, além do mais*). Também são usados processos de repetição metatextuais, marcas de redundância, explicitando a

⁴ BAKHTIN, M. *La structure de l'énoncé*. In: TODOROV, M. **M. Bakhtin, le principe dialogique**. [s.l.]: Ed. Seuil, 1990?.

⁵ LONGACRE. *The paragraph as grammatical unit*. In: GIVÓN, T. **Syntax and semantics, discourse and syntax**. [s.l.]: Academic Press, 1979. p.115-34, v.12.

passagem de um tema a outro (*por isso, levando em consideração o apresentado, se é verdade que...por outro lado*, etc). Mas Longacre não se refere a estruturas marcadas por reordenação de constituintes simplesmente.

Na verdade, a disjunção está fortemente relacionada com as construções com complemento circunstancial deslocado à esquerda. Pode-se observar um exemplo de disjunção circunstancial que também assinala a abertura do parágrafo na construção abaixo, extraída de crônica do Diário Popular de Pelotas de fevereiro/97:

...Abre-se o jornal e o que se vê lá? Golpes políticos, seqüestros, assassinatos, toda uma gama de crimes assola a humanidade.

No início do terceiro milênio, o homem parece mais perdido, apesar de toda a ciência que o cerca....

Outro caso de disjunção, marcadora de início de parágrafo e que se realiza através de reordenação de constituintes, é a disjunção temática apresentada por uma Construção de tópico, como podemos observar abaixo:

No início do terceiro milênio, o homem parece mais perdido, apesar de toda a ciência que o cerca...

Quanto à felicidade, o homem viaja num mundo onde o sorriso está cada vez mais escasso.

O fechamento do parágrafo, segundo Longacre, é marcado pela presença freqüente de termos recapitulativos, conclusivos, que assinalam a saturação relativa do tema desenvolvido. A última frase poderá começar com palavras como *enfim* (marcando o esgotamento de uma seqüência) ou *daí, em consequência*, exprimindo conseqüências ou dedução ou ainda ilustração e reformulação (*por exemplo, isso quer dizer...*). Também há a possibilidade de fechamento do parágrafo com uma frase síntese, ou o anúncio de uma nova informação que funciona como apelo para o que vai ser desenvolvido no parágrafo seguinte. Mas como isso acontece? Novamente o autor não comenta a possibilidade de demarcação do fechamento do parágrafo através da reordenação de constituintes. Vejamos uma situação em que esta demarcação acontece com o auxílio de uma estrutura VS que funciona como modalizadora de dúvida:

(A3T4P1F) - Durante anos e anos, o Brasil vem tentando encontrar saída para seus problemas através de sucessivos planos econômicos, sem, contudo

conseguir sucesso. Agora estamos diante do Plano Real, que parece estar alcançando os objetivos a que se propôs. **Mas será que o país realmente está mudando?**

Como se pode perceber, a sinalização do início do parágrafo com alínea e conectores lógicos que auxiliam na coesão e coerência da estrutura textual como um todo, são também marcas da descontinuidade temática e as mais previstas para a construção dos textos escritos. Portanto, Longacre não considera a possibilidade de marcação lingüística de abertura, continuidade ou fechamento de parágrafo através da reordenação dos constituintes em textos escritos, talvez pelo estigma de linguagem oral/coloquial e imprópria que muitas estruturas marcadas têm ao fugir às formalidades da sintaxe gramatical escrita. Entretanto, como já exemplificamos, é possível a demarcação de início e fechamento de parágrafo através de estruturas marcadas com funções específicas.

Longacre (apud Bessonat, 1988:91) também tentou definir as regras de organização interna do parágrafo para chegar de alguma maneira a uma gramática do parágrafo semelhante à da frase, cruzando três séries de parâmetros: a estrutura, a relação semântica e a distribuição da informação no interior do parágrafo. Essa tentativa de criar uma tipologia do parágrafo teve o mérito de introduzir um pouco de luz no estudo dessa unidade textual reputada como aleatória.

Quanto à distribuição da informação no interior do parágrafo, reutilizou, à sua maneira, a terminologia da métrica antiga, empregando os seguintes sinais:

- para designar o constituinte que veicula a informação hierarquicamente maior (o que corresponde, a nosso ver, em abordagem funcionalista, à informação [+importante], ponto de referência do enunciado, temática);

` para designar o constituinte que veicula a informação hierarquicamente menor ([-importante], subtópico).

Resultaram daí, três estruturas de parágrafo:

a) parágrafo iâmbico: ` -

Ex.: o parágrafo dedutivo : À -> B (a conclusão é mais importante do que a premissa);

b) parágrafo trocáico: -

Ex.: o parágrafo explicativo: B <- À (o resultado é mais importante do que a causa);

c) parágrafo espondáico : - -

Ex.: o parágrafo coordenativo: A + B (os dois elementos coordenados são de igual importância).

Essa foi a única citação que encontramos, em nossos estudos sobre a construção do parágrafo dissertativo, que aborda a possibilidade de construções regidas pela importância da informação e, embora se situe apenas no âmbito de relação entre as orações e sua ordenação, sinaliza a estrutura hierárquica do texto.

Não podemos esquecer, por outro lado, que tanto se pode estudar a composição interna do parágrafo como se pode estudar a composição geral do texto em parágrafos. Daí surgem dois níveis possíveis de análise:

a) a articulação local ou como se opera a passagem de um parágrafo a outro

- por estreitamento ou alargamento do tema;
- com ruptura ou retomada temática;
- através de estrutura de questão-resposta, de oposição, de paralelismo...

b) a articulação global ou como se opera a distribuição geral do texto em parágrafos:

- o grau de segmentação do texto;
- a distribuição dos parágrafos em função da progressão temática.

A composição interna do parágrafo e o modo como se opera a passagem de um parágrafo para outro remetem à construção das estruturas marcadas por reordenação de constituintes, se observarmos suas funções e relacionarmos:

- o estreitamento do tema (nível local da frase) com a função de marcação de fim de subtópico;
- o alargamento do tema com a função de continuidade ou introdução de subtópico;
- a ruptura ou retomada temática com a função de contraste ou reiteração, respectivamente, considerando-se tema o tópico frasal.

Então, o escritor tem a preocupação de arrumar seu texto em unidades temáticas, em geral repartindo-o e, se há algum desequilíbrio quantitativo, ele deve ser motivado por alguma razão significativa.

Mas essa habilidade do escritor é adquirida aos poucos. No início da escola, os textos produzidos pelos alunos são construídos passo a passo como

seqüências de notícias justapostas. Segundo Schneuwly⁶ (apud Bessonat, 1988:96), num segundo nível (correspondendo a nossos alunos de quinta, sexta série), os textos já são escritos em função de unidades de pensamento. A divisão em parágrafos poderá aparecer de maneira privilegiada em correlação com a numeração e os travessões. Nota-se também, além da ocorrência da alínea com o uso de conectores que marcam uma ruptura forte da continuidade do discurso, o ensinamento do famoso plano em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Entretanto, somente ao fim do primeiro grau, num terceiro nível, o escritor começa a adquirir um domínio razoável do parágrafo, pois tal domínio supõe uma planificação controlada do texto em função de um destinatário.

Levantam-se algumas hipóteses elementares a partir de tais constatações. Em primeiro lugar, tendo em vista que a produção textual na escola não tem um destinatário autêntico, não predispõe o aluno a adaptar seu texto a um auditório, a segmentá-lo, pois dificilmente será, pelo menos, relido. Além disso, quando é lido pelo professor, essa leitura é, muitas vezes, em busca de erros de ortografia, concordância, etc. O professor espera que o aluno mostre que sabe como escrever, mas não tem interesse no que ele escreve, no conteúdo do texto. Isso agrava ainda mais o problema de produzir textos na escola. É uma escrita de faz-de-conta. Não tem valor comunicativo.

Em segundo lugar, os escritos no início da escolarização estão impregnados de procedimentos da linguagem oral (incluem-se aí as estruturas marcadas) que são aos poucos eliminados e evitados pelo aluno das séries mais adiantadas, fazendo com que os textos escritos produzidos se distanciem cada vez mais do que ele realmente fala.

E, por fim, outro grande desafio ao professor é fazer o aluno adquirir a estratégia de estruturação da alínea, entendendo que o espaço em branco é significativo e que escrever não é dizer tudo, mas também não dizer. A escola, geralmente, privilegia o ensinamento dos demais sinais de pontuação, mas trabalha pouco a segmentação do texto em parágrafos.

⁶SCHNEUWLY, B. **Le texte discursif à l'école**. Genève: [s.d.], 1984.

A divisão em parágrafos corresponde, ao nosso ver, a unidades pragmáticas do discurso que sempre se caracterizam (e isso parece um paradoxo) por uma extrema variabilidade de construção e previsibilidade de uso de determinadas estruturas. Isso porque há relação entre as estruturas cognitivas do emissor expostas na escritura e as do receptor que são ativadas no momento da leitura. Bessonat (1988:104) refere-se a estudos sobre a realidade psicológica do parágrafo em que se afirma que a divisão em parágrafos se situa no horizonte de expectativa do leitor.

O parágrafo é uma seqüência de frases encadeadas, reguladas por um movimento de entrada de informação, mas também de restrição progressiva de interpretação, porque toda frase antecedente reduz as escolhas interpretativas da frase seguinte para preservar a coerência do conjunto constituído. O parágrafo poderia ser então o patamar intermediário e necessário em cujo meio se opera (na cabeça do leitor) a representação na memória a curto termo do texto. Isso significa que o parágrafo deve sinalizar a divisão do texto na abrangência de uma determinada informação principal ou [+importante] (tópico semântico-discursivo) que progride com a entrada de subtópicos e deve apresentar marcadores lingüísticos (entre os quais as estruturas marcadas) que orientam a leitura e compreensão do texto feita pelo receptor.

É interessante, agora, verificarmos como é orientada, na escola, essa organização de parágrafos que constituirão o texto e quais as formas de elaborar uma dissertação.

2.3.3 O ensino da dissertação na escola

Como o corpus de nossa pesquisa é constituído por textos dissertativos, achamos necessário verificar, em manuais didáticos utilizados por professores de nossa universidade que trabalham com o ciclo básico de português e por outros professores de 1º e 2º graus de Pelotas, como esse conteúdo era aí tratado e desenvolvido.

Segundo os informantes citados acima, vem fazendo sucesso a proposta de "Técnicas básicas de redação" escrita por Granatic (1988), tanto entre os professores de português quanto entre os alunos que dizem ter conseguido, através de tal metodologia, escrever um texto completo com segurança e maior correção. Verificamos que Granatic, assim como Sargentim, foram os autores mais citados também na pesquisa de Köche (1996:102) sobre o ensino da dissertação nas escolas de 2º grau de Bento Gonçalves, trabalho esse apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul .

Granatic (1988:9) define a dissertação como "o tipo de composição na qual expomos idéias gerais, seguidas da apresentação de argumentos que as comprovem". Conceitua título como uma referência vaga a um assunto, na maioria das vezes sem verbo, colocada no início do trabalho. Tema, por sua vez, é o assunto sobre o qual se escreve, ou seja, a idéia que será defendida ao longo da composição. A dissertação é, enfim, o texto que apresenta um começo, meio e final, onde se percebe uma tomada de posição sobre determinado assunto. A partir desses conceitos, Granatic (1988:84) começa a explicar **as possibilidades existentes de elaborar uma dissertação:**

- 1- a criação de argumentos a partir da pergunta "por quê?" após o tema: devem ser dadas duas ou três respostas para a questão formulada a fim de que o assunto seja suficientemente explorado;
- 2- a dissertação deve constar de três partes fundamentais: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão;
- 3- a Introdução pode ser feita através da cópia do tema seguida dos três argumentos descobertos através da pergunta inicial e ligados por conectores adequados;
- 4- terminado o parágrafo da introdução, passa-se ao Desenvolvimento, explicando cada um dos argumentos expostos anteriormente;
- 5- o desenvolvimento de cada argumento constitui um parágrafo;

6- é necessário usar elementos de ligação entre os parágrafos para estabelecer a conexão entre os argumentos apresentados;

7- a conclusão final pode iniciar-se com uma expressão que remeta ao que foi dito nos parágrafos anteriores, seguida de uma reafirmação do tema proposto no início da redação;

8- no final do parágrafo é interessante colocar uma observação, fazendo um comentário sobre os fatos mencionados ao longo da dissertação;

Observação: a conclusão pode ser formada apenas pelo comentário final.

Um segundo esquema de raciocínio é ensinado pela autora para a elaboração de uma dissertação, abordando **causas e conseqüências** a partir de um tema. Aconselha a procurar somente uma causa e uma conseqüência para cada tema a fim de que a dissertação fique dentro dos padrões exigidos nos exames em geral, isto é, nem curta nem longa demais. Ensina ainda que para encontrarmos a causa perguntemos "POR QUÊ?" ao tema e para encontrarmos uma conseqüência para o problema focado no tema, cabe a seguinte pergunta: "O que acontece em razão disso?"

Granatic (1988:104) aborda também os **temas polêmicos** nas dissertações. Sugere a seguinte organização textual:

Introdução	Apresentação do tema (1º parágrafo);
Desenvolvimento	Análise dos aspectos favoráveis (2º parágrafo) Análise dos aspectos contrários (3º parágrafo)
Conclusão	Expressão inicial + posicionamento pessoal em relação ao tema + observação final.

Outro esquema dissertativo estudado é o dos **temas que possibilitem uma retrospectiva histórica:**

Introdução	Estabelecimento do tema (1º parágrafo);
Desenvolvimento	Retrospectiva histórica (época mais distante) (2º parágrafo) Retrospectiva histórica(época mais próxima e época atual) (3º parágrafo);
Conclusão	Expressão inicial + retomada do tema (agora sob uma perspectiva histórica) (4º parágrafo).

Por último é abordado o esquema dissertativo cujos **temas possibilitam uma localização espacial:**

Introdução	Estabelecimento do tema (1º parágrafo)
Desenvolvimento	Análise do tema relacionado à área geográfica 1 (2º parágr.) Análise do tema relacionado à área geográfica 2 (3º parágr.)
Conclusão	Expressão inicial + retomada do tema procedendo uma análise comparativa referente à localização espacial (4º parágrafo).

Granatic (1988:92) sugere ainda algumas variações para esses esquemas que podem ampliar o número de parágrafos, de acordo com o número de argumentos e de comparações que se fizer. Há também uma série de exercícios de desenvolvimento de temas, seguindo as sugestões dos esquemas.

Em outro capítulo (p.133), fala sobre o que o aluno não deve fazer em uma dissertação:

- 1- Jamais use gírias em sua dissertação.
- 2- Não utilize provérbios ou ditos populares.
- 3- Nunca se inclua em sua dissertação.
- 4- Não utilize sua dissertação para propagar doutrinas religiosas.
- 5- Jamais analise os temas propostos movido por emoções exageradas.
- 6- Não utilize exemplos contando fatos ocorridos com terceiros, que não sejam de domínio público.
- 7- Evite abreviações.
- 8- Nunca repita várias vezes a mesma palavra.
- 9- Procure não inovar, por sua conta, o alfabeto da língua portuguesa.
- 10- Tente não analisar os assuntos propostos sob apenas um dos ângulos da questão.
- 11- Não fuja ao tema proposto.

Fala também do que deve ser feito:

- 1- Utilize sempre a 1ª pessoa do plural ao invés da 1ª pessoa do singular nas dissertações.
- 2- Procure sempre se manter informado sobre os mais diversos assuntos.

Observando essas orientações, vemos que encaminham o aluno para: uso da linguagem padrão, eliminação total do “eu” do autor, busca de generalização, uso de vocabulário variado, análise ampla, mas objetiva do tema proposto, uso de caligrafia constante e reconhecível, aquisição de “input” para o desenvolvimento das informações. Sabemos que na dissertação existe um exame racional de uma questão, que conduz, entretanto, à formulação de uma posição pessoal, diferente da resposta dada sem análise e argumentação desenvolvida. E para isso, o aluno deve recorrer a suas próprias experiências, até para que possa assumir o seu discurso. Por outro lado, o uso de vocabulário amplo é louvável, mas a repetição é um recurso coesivo que, se bem usado, revela a importância da informação e enfatiza a intenção do autor. Por que condená-la radicalmente? Então, o que se pode prever é que, ante tantas observações negativas (apesar de bem intencionadas), o aluno se descaracterize como sujeito do discurso.

Ao longo dos capítulos, há inúmeros lembretes gramaticais e ortográficos sobre as dificuldades mais comuns dos alunos tais como pontuação, acentuação, concordância e regência verbal, polissemia, homonímia e paronímia, uso de locuções adjetivas e seus respectivos adjetivos, o superlativo dos adjetivos, substantivos coletivos, uso de conectivos, discurso direto e indireto. E nada sobre ordem de constituintes da oração.

Essa obra de Granatic (utilizada no 2º grau e, algumas vezes, no 3º) tem o valor de modelo para o aluno e de orientador para as atividades de aula do professor, na tentativa de que uma boa produção textual seja alcançada. Mas sentirá o produtor de texto, ao seguir esquemas, a real necessidade da informação que constrói? Terá esse texto identidade e qualidade de estruturação dos significados? Acreditamos que não, em ambos os casos. E por se criar um texto escrito altamente estereotipado, dificilmente serão empregadas estruturas marcadas, que representam a espontaneidade do raciocínio lingüístico, que busca manter o equilíbrio entre a importância e a previsibilidade da informação para melhor compreensão do texto pelo leitor.

Para o 1º grau, a dissertação apareceu na obra de Sargentim (1992:125) como técnica de composição para a 8ª série, dentro do Programa Nacional do Livro Didático. Considerando a interdependência entre os seres e todas as suas atividades, evidencia que a observação, a análise, o julgamento e o

comentário sobre a vida, as pessoas, as coisas, fazem com que sejam construídos textos dissertativos. E o autor conceitua: dissertação é um comentário do que existe e do que acontece. A seguir passa para a estrutura da dissertação:

a- introdução - o escritor apresenta a idéia central, que traduz geralmente uma opinião sobre o assunto focalizado;

b- desenvolvimento - o escritor comprova a idéia expressa na introdução. Uma das formas de demonstrar a opinião é apresentar a causa (por quê?);

c- conclusão - o escritor retoma a idéia central enriquecida com os elementos apresentados no desenvolvimento. Uma das formas de se concluir é apresentar a conclusão como conseqüência (portanto) dos aspectos analisados.

Há exercício de divisão de texto nessas três partes e um trabalho de criação de texto baseado na construção de um parágrafo dissertativo a respeito de determinados assuntos, todos seguindo o mesmo esquema:

1- elabore uma frase que expresse sua opinião sobre o assunto;

2- apresente as provas através de causas que justifiquem a opinião expressa;

3- conclua com base nas provas apresentadas.

Neste trabalho proposto para 8ª série de 1º grau, o autor considera o aluno apenas capaz de reconhecer as partes do texto já escrito, dividindo-o. Na hora da produção textual, a alínea não é levada em consideração e a problemática parte de uma opinião pessoal, brevemente explanada dentro de um único parágrafo, que deve também conter a conclusão. Tal procedimento é incompatível com a produção do texto dissertativo, aproximando-se mais do gênero entrevista, segundo embasamento teórico exposto à página 30. Então, apesar de menos bitoladora, parece-nos uma proposta insuficiente e inadequada de produção de texto dissertativo, mesmo para alunos de 8ª série.

Considerando que o livro é o grande apoio didático do professor para a realização de suas aulas e que poucos são os que vão além das sugestões ali encontradas, o trabalho com texto dissertativo parece mais uma receita de texto onde o posicionamento pessoal deve se encaixar dentro de modelos para ser aceito. Ora, a regra básica é pensar bem para escrever bem. O adestramento de tais fórmulas ensina a pensar ou aprisiona a criatividade, a sensibilidade da urgência comunicativa que se realiza no jogo de palavras da estruturação textual? Qualquer observação sobre a ordenação dos constituintes da oração é inexistente

nessas orientações. O problema, a nosso ver, é que a variação na ordem fica colocada como questão estilística - e não é ensinada. Só recentemente a lingüística tenta mostrar que estas estruturas cumprem funções nos textos, que tais funções podem ser descritas e ensinadas.

Uma coisa é certa: os alunos, em geral, ante tais "receitas", sentem-se descompromissados de manter a atenção do leitor através de um jogo de informações por eles mesmos arquitetado e seguem o caminho garantido como certo pela escola. E depois, os professores reclamam quando os textos repetem chavões em geral bem aceitos, e os alunos montam discursos que não são seus. O que mais se poderia esperar? Alguns até usam seqüencializadores para sinalizar partes de seus textos, entretanto, pelo que se tem observado durante as correções de dissertações de vestibular da UCPel, o texto flui plano, sem relevo algum que marque a importância do que é comunicado, que sinalize a entrada de um dado imprevisível que chamaria atenção do leitor. Será o resultado do trabalho da escola, apesar de suas boas intenções?

Segundo Maria da Graça Val (1993:127-28), ao comentar pesquisas com dissertações do vestibular, o treinamento a que é submetido o aluno resulta, em sua maioria, em redações "certinhas e arrumadinhas, mas desinteressantes e inconsistentes...e são fruto inevitável das condições de produção a que foram submetidos seus autores, não só na hora do vestibular, mas, provavelmente, na maioria das vezes em que escreveram na escola." Para Val, a correção idiomática e a organização segundo um modelo estabelecido não são suficientes para garantir a boa qualidade do texto. O fator preponderante do grau de textualidade da produção escrita é a coerência e o fator mais importante para sua eficiência pragmática é a informatividade. Esses dois componentes situam-se no plano lógico-semântico-cognitivo, e não, no plano formal.

Portanto, segundo a autora, embora o plano formal não seja o mais importante, o texto deve ser considerado e trabalhado em suas três dimensões básicas:

- a formal - que diz respeito à sua coesão;
- a semântico-conceitual - de que depende sua coerência;
- a pragmática - que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa e estrutura-se em cinco fatores básicos: a

intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. Essa é a tarefa específica do professor de português, na busca do pleno desenvolvimento da competência comunicativa natural do homem.

Para isso, o aluno precisa construir seu próprio discurso na produção do texto, com sua marca pessoal e intransferível, livre de clichês, como enfatiza Pécora (1992, p.15).

E para concluir, não poderíamos deixar de lado algumas observações de Geraldini (1993:37), segundo o qual há na escola muita escrita e pouco discurso pois, para produzi-lo, é preciso que:

- "a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d)".

Assim o trabalho de produção textual, centrado no aluno e no desenvolvimento da própria discursividade é que poderá levá-lo à maturidade na escrita. Portanto, se a escola não propiciar ao aluno a construção do próprio discurso, jamais poderá esperar dele uma boa dissertação.

De qualquer forma, o uso de uma variante lingüística, seja qual for, só acontece com a aquisição dos itens lexicais que codificam conceitos e entidades, e com o domínio das estruturas que codificam estados ou eventos. Além do mais, o usuário ainda deve reconhecer e dominar a pragmática do discurso que estabelece a coerência temática e a progressão entre as proposições, assim como a hierarquização dessas combinações. Sobre esses domínios funcionais da linguagem falaremos a seguir.

2.4 Pragmática do discurso

Pelo exposto na seção 2.2, concluímos que, no Brasil, ao que parece, vivemos uma situação lingüística diglósica cuja variedade superposta é objeto de estudo em nossa pesquisa, representada pela linguagem escrita planejada do texto dissertativo. Nosso recorte busca estudar e relacionar a reordenação dos constituintes da oração com a função que estas estruturas diferentes de SVO desempenham na construção do parágrafo e do texto. Para isso é preciso que sejam definidos conceitos básicos, relacionados com a pragmática do discurso pois, se a ordem é essencial para a sintaxe em português, toda construção especial tem função pragmática.

Segundo Givón (1989 :82-3), distinguem-se **três domínios funcionais da linguagem**:

- **os significados lexicais**- estudo do significado das palavras e de itens lexicais mais complexos;
- **as informações proposicionais**- podem indicar proposições de estado ou de evento;
- **a pragmática do discurso**- onde estão incluídas convenções ou regras que estabelecem a coerência temática entre as proposições, a concatenação de proposições em seqüência e a hierarquização dessas combinações em nível global e local.

Estabelecendo uma relação entre conteúdo proposicional e sentença, Givón afirma que na mente humana, a informação sobre eventos ou estados específicos, relativos a indivíduos específicos, em locais e tempo específicos é organizada em proposições que são codificadas através da sintaxe. A sintaxe, além de especificar como as palavras e os morfemas gramaticais são combinados para formarem as sentenças que representam as proposições, também codifica simultaneamente o domínio funcional da pragmática do discurso (Givón, 1989:84) que especifica como a informação proposicional é apresentada no contexto.

Ao funcionarem como instruções de processamento, as funções pragmático-discursivas representam várias facetas da atitude e do ponto de vista do falante ao codificar as proposições, inter-relacionando-as no discurso (Givón, 1989:93). Em artigo sobre sintaxe e iconicidade, Givón (1985:191) lança o pressuposto de que os pensamentos refletem percepções sobre entidades, estados e eventos, e que a linguagem representa tais percepções da seguinte forma:

- o léxico (palavra) codifica conceitos e entidades;
- as proposições (oração) codificam estados e eventos;
- as funções pragmáticas (texto x contexto) codificam diferentes pontos de vista sobre os conceitos, entidades, estados e eventos. Assim as funções pragmáticas são caracterizadas por Givón (1989:91) como "meta-fenomenológicas" ou seja, operações cognitivas, relativamente inconscientes, sobre a percepção dos fenômenos (entidades e experiências).

São funções pragmático-discursivas morfossintaticamente codificadas pelas línguas, segundo Givón (1989:91-3):

- 1ª - topicalidade e referência;
- 2ª - modalidade proposicional;
- 3ª - coerência temática;
- 4ª - natureza sócio-pessoal da interação comunicativa.

Quanto à função de topicalidade e referência, entende-se a atribuição de importância tópica aos participantes codificados na oração de um modo que indique também sua importância temática no discurso. Isso frequentemente coincide com a marcação de referencialidade semântica. Inclui-se também a construção da cadeia referencial dos participantes/referentes codificados na oração, a marcação da previsibilidade anafórica dos participantes e atribuição de relação de correferência no discurso. E por fim, relaciona-se ainda à função de topicalidade e referência, atribuição de status contrastivo ou enfático aos participantes da oração. O TÓPICO será caracterizado por seu grau de topicalidade medido por um parâmetro cognitivo e escalar de IMPORTÂNCIA. O FOCO CONTRASTIVO será caracterizado como parte da escala do parâmetro PREVISIBILIDADE (parâmetros abordados na seção 2.4.2, página 55).

As funções de modalidade proposicional indicam a atitude do falante em relação à proposição, através da codificação verbal (tempo, aspecto), envolvendo, ocasionalmente, a ordem das palavras e a entoação.

Em terceiro lugar, estão as funções de coerência temática, que envolvem:

- a) a codificação de relações de coerência entre proposições e entre unidades maiores no discurso através de construções anafóricas (caracterizadas

pela previsibilidade e coerência temáticas das proposições em relação ao discurso precedente) e de construções catafóricas (caracterizadas pela importância temática e previsibilidade temática das proposições em relação ao discurso subsequente). Para Givón (1984:495-6) a coerência temática relaciona-se com a noção de continuidade de ação, tempo, lugar ou participantes na manutenção de cadeias de informação, enquanto a noção de previsibilidade está mais relacionada com a acessibilidade do referente ou a facilidade de ser identificado e/ou ativado.

b) a codificação das proposições como centrais ou periféricas na mensagem (foreground/background).

c) a codificação de relações inter-oracionais locais mais específicas (tempo, condição, causa, contraste, consequência etc). Sintaticamente, as funções de coerência temática são codificadas pela morfologia verbal, por conjunções subordinativas ou coordenativas, pela ordem das palavras e pela entonação.

As funções de natureza sócio-pessoal envolvem a codificação das relações sócio-afetivas entre falante e ouvinte (afeto, status, obrigação, poder, necessidade, expressões de tratamento). Sintaticamente essas funções podem ser codificadas com os atos de fala, mas é mais comum que o sejam por entonação, gestos e expressão facial.

Como nos interessa observar nessa pesquisa, qual o uso de ordem sintática diferente de SVO nos textos dissertativos, é interessante que se frise, como já foi dito antes, que a sintaxe de uma língua é a representação codificada de proposições processadas na mente humana e que se realizam dentro de situações interacionais de comunicação que são convencionais e hierarquizam as combinações dessas proposições, ou seja, a sintaxe se constrói dentro da pragmática do discurso também. Por isso, na seção seguinte, abordaremos a relação existente entre a forma e a função da estrutura lingüística na codificação da realidade percebida pelo falante ou redator, procurando definir alguns conceitos básicos nessa área.

2.4.1 Função X codificação e decodificação da linguagem

A seção anterior, ao abordar a pragmática do discurso, nos fez pensar sobre a função de topicalidade medida pelo parâmetro cognitivo da importância e sobre o foco contrastivo medido pelo parâmetro previsibilidade que, motivados pelo princípio de urgência da informação, são os responsáveis pela escolha da estrutura frasal no contexto. Esses parâmetros cognitivos, cujas medidas vêm explicitadas à página 56, orientam a codificação e decodificação da linguagem, estabelecendo-se, assim, uma relação entre função e forma.

Votre (1992), em seus estudos sobre funcionalismo lingüístico, define a língua como instrumento de comunicação cuja estrutura deriva dos papéis que desempenha na intercomunicação humana. Já que não é possível encontrar sinônimos ou paráfrases perfeitas na comunicação real, apontando cada expressão para determinado conteúdo e não havendo, portanto, dois modos distintos de se dizer a mesma coisa, conclui que a codificação lingüística tem como ponto de partida a função. As polissemias explicam-se como processos iniciais de mudança, tomando como ponto de partida a mesma forma, assim como vários restos de forma se associam a subfunções. Por exemplo, formas interativas como a pergunta "não é?" sofrem, normalmente, um desgaste funcional, porque perdem seu significado, deixando de ser marcadores prosódicos e passando a operar fora da cadeia informativa da oração - são como coringas discursivos que jogam em diferentes pontos do texto oral .

O funcionalismo se caracteriza por partir da função em busca de suas manifestações estruturais e formais, assumindo o caráter social do discurso e da própria consciência, atribuindo valor explicativo aos conceitos de polifonia e diafonia. Há uma visão mais holística e integrada do fenômeno da comunicação em que fatores pragmático-discursivos determinam a forma de ser de cada fenômeno discursivo.

Segundo Votre, a sintaxe que interessa ao funcionalismo contemporâneo é o conjunto de todas as relações que se dão nos diferentes níveis de organização discursiva, compreendendo desde a macro-estrutura do texto, das relações entre os parágrafos, das relações entre os períodos e orações, até a estrutura interna da oração, e de seus sintagmas.

Compreende-se como *função* as tarefas que a estrutura e a forma da língua desempenham na comunicação humana, tais como informatividade, plano (figura/fundo), contrastividade e transitividade e, ainda, as tarefas mais localizadas e pontuais, de caráter comunicativo como, por exemplo, o status realis de uma oração e o grau de topicidade de um referente (grau de importância relativa de um tópico no conjunto dos referentes que podem desempenhar o papel de tópico). Por *forma* e *estrutura* entendem-se os mecanismos da codificação morfossintática que são associados a funções diferentes.

Na verdade, o funcionalismo se fundamenta na *cognição* e não no *discurso*, porque esse último, apesar de permitir a manifestação da *gramática*, não a contém. Em outras palavras, isso significa que a gramática se estrutura a partir da construção do conhecimento pelo indivíduo. Assim, numa proposta modular do funcionalismo lingüístico, Votre (1992:14) sintetiza que:

- "a) a gramática e o discurso estão na mente do usuário;
- b) as relações entre a gramática e o discurso se encontram na mente do usuário também;
- c) o discurso e a gramática se manifestam em condições reais de comunicação, e são regidos por funções e princípios de natureza cognitiva".

Esse modelo funcionalista pode ser representado em seis módulos semi-autônomos, já que inter-relacionados quando se processa a interação verbal:

- 1-cognitivo;
- 2-dos princípios de iconicidade e marcação;
- 3-das funções;
- 4-referencial;
- 5-social;
- 6-da codificação e da decodificação.

Todos esses módulos são limitados pela **situação** (nível onde se verifica o processo global de comunicação, com interação de todos os elementos contextuais e cotextuais e todas as restrições e determinações que se exercem sobre os interlocutores) e pela **verbalização** (nível onde se registra o ato de codificação e decodificação propriamente dito, com todas as marcas e características resultantes da atuação de cada módulo e das inter-relações entre eles). O módulo de codificação e decodificação é o que se relaciona mais

diretamente com a função do lingüista, cabendo-lhe descobrir, identificar, analisar e interpretar os mecanismos de organização sintática, morfossintática e morfofonêmica da língua, assessorando-se, inevitavelmente dos demais módulos. Para isso deve-se levar em conta a organização modular da mente que produz e decodifica a linguagem humana e, a partir daí, operacionalizar essa organização num conjunto de princípios e estratégias analíticas.

Daí se percebe a importância do estudo do módulo cognitivo, onde se encontram todos os processos e estratégias centrais de codificação e decodificação, bem como as restrições neuro-biológicas que definem o perfil dos princípios, das funções e das características estruturais das línguas humanas. Devido a seus intrínsecos processamentos, este módulo poderia ser dividido em outros submódulos como o psicológico e o interacional, mas, na verdade, até agora, há muito mais hipóteses do que propriamente certezas.

Para os lingüistas são muito importantes os estudos de neurolingüística relacionados à memória, atenção e planejamento como contribuição para a interpretação dos desvios do discurso, entendidos como manifestação de deficiências específicas das habilidades cognitivas. Joannette & Brownell⁷, de acordo com investigações realizadas por Votre (1992:20), confessam que também os cognitivistas dependem dos postulados dos lingüistas, pois, levando em conta a complexidade e a série de habilidades e representações que envolve, o discurso é uma fonte fundamental de informação sobre as representações e os processos cognitivos humanos. Ainda segundo Votre (1992:20), também R. Frederiksen⁸ e seus colegas reconhecem que, para um psicólogo cognitivista, o discurso é visto em termos do conhecimento e dos processos que o geram e que são necessários para entendê-los.

Ao relacionar a cognição com os estudos do discurso em suas investigações, Votre enfatiza a essencialidade da informatividade na linguagem humana, função onde realmente se encaixam todas as seis funções de Jakobson. Por sua vez, a **informatividade** condiciona a função **contrastividade** (controla a

⁷ JOANNETTE, Y. & BROWNELL, H. **Discourse ability and brain damage. Theoretical and empirical perspectives.** New York, Springen-Verlag, 1990?.

⁸ FREDERIKSEN, R. et al. *The cognitive representation and processing of discourse: function and disfunction.* In: JOANNETTE, Y. & BROWNELL, H. **Discourse ability and brain damage. Theoretical and empirical perspectives.** New York, Springen-Verlag, 1990.

seleção e deslocamento dos referentes), que também restringe e condiciona a função de **plano** (controla a relevância de um segmento), em que se definem as características de **transitividade** (controla o grau de completude e dinamismo da oração).

Segundo Votre (1992:26), Givón considerou a contrastividade, que é a opção de selecionar um item num conjunto de itens possíveis, e codificá-lo de maneira que chame a atenção do interlocutor sobre esse item selecionado, como categoria analítica fundamental. Assim, graças à contrastividade, um termo é marcado através de recursos sintáticos e prosódicos. A ordenação contrastiva em

português pode ocorrer através de deslocamento para a esquerda e topicalização, criando uma quebra de expectativa -marca de imprevisibilidade(1) ou um contraste enfático - marca de importância (2), conforma exemplifica Votre :

1-Eu tava na segunda série, lá do outro colégio, *a minha professora*, ela foi fazer um passeio com a gente.

2-Só porque a gente é mulher, o sexo frágil, eles dizem, eles têm que mandar na gente? *Isso eu acho errado.*

Enfim, entre as funções básicas da linguagem (informatividade, contrastividade, plano e transitividade) e suas estruturas, há três propriedades discursivo- estruturais que servem de pontes entre o discurso e a sintaxe:

- *definição*, que se refere à qualidade da precisão da codificação do referente;
- *tópico*, o item sobre o qual se fala;
- *continuidade*, é o resultado da atuação da informatividade, contrastividade, plano e transitividade na organização discursiva.

Feitas as devidas conceituações sobre função, forma, sintaxe funcionalista, ato de codificação e decodificação e estabelecendo-se suas relações, passaremos a tratar, mais especificamente, sobre os parâmetros cognitivos, previsibilidade e importância, que influem na estruturação da oração, definindo seu caráter marcado ou não marcado.

2.4.2 Ordem, previsibilidade e importância

Com apoio no texto de Givón (1988), podemos dizer que a ordenação dos constituintes na estruturação da sentença está diretamente ligada a parâmetros cognitivos da informação, regidos pelo princípio de urgência. No quadro abaixo estão explicitadas as relações entre o caráter marcado ou não marcado da estrutura, resultante desses parâmetros cognitivos baseados na maior ou menor previsibilidade e/ou importância da informação veiculada.

Quadro 1- Ordem X Previsibilidade e Importância

Caráter marcado ou não marcado (markedness)	Princípio de urgência da informação parâmetros cognitivos	Conseqüências na estrutura
- marcado	[+previsível] - informação inferível [-importante]	. deslocamento para a direita ou posição final . posição pós-verbal
+ marcado	[-previsível] -informação não inferível [+importante]	. deslocamento para a esquerda ou . posição inicial . posição pré-verbal

Observação: estas duas dimensões (previsibilidade e importância) são independentes, mas podem coincidir algumas vezes. Quando entram em conflito, a importância, por fatores temáticos, geralmente supera a previsibilidade (Givón,1988:262).

O tópico marcado pela ordem de colocação dos constituintes da oração rege-se pelo princípio da urgência. A construção marcada de tópico em **seu** maior grau é constituída por uma informação [- previsível] e/ou [+ importante], ocasionando um deslocamento para a esquerda com relação a sua colocação canônica na ordem dos constituintes da frase ou toma a posição inicial na sentença ou posição pré-verbal.

Embora nossa pesquisa não pretenda reconhecer o grau de topicalidade dos constituintes das orações que apresentam estruturas marcadas, estudamos atentamente a forma como se pode medir esses parâmetros no texto

porque, sem o conhecimento dessas medidas, não se pode falar sobre graduação de parâmetros cognitivos.

Givón (1988:247:49) indica as **medidas anafóricas para quantificar a previsibilidade da informação**. São elas:

Distância Referencial - (DR)- número de orações intercorrentes entre a primeira menção do referente e seu anafórico (até 10 orações).

Interferência Potencial - (IP)- número de referentes que compartilham o mesmo gênero, número e traços semânticos gerais (como animacidade e agentividade), sendo compatíveis com a referência anafórica e estando nas três orações precedentes à oração em exame.

A partir da tomada dessas medidas anafóricas para quantificar a previsibilidade da informação, pode-se chegar às seguintes conclusões:

- quanto maior a DR (acima de 10 orações) maior a possibilidade de uma construção marcada com alto grau de topicalidade, porque a informação torna-se [- previsível];
- quanto maior o número de referentes semanticamente possíveis para os anafóricos, menos previsibilidade e maior urgência de indicar o pretendido referente, surgindo estruturas marcadas.

Para **quantificar a importância da informação**, Givón (1988:248) sugere **medidas catafóricas**. A primeira delas é a **Persistência do tópico (PT)**- número de recorrências referenciais nas dez orações subseqüentes à introdução do referente. Givón (1989:183-89) estabelece ainda mais três modos de acessar a importância:

- **Julgamento intuitivo** (Givón,1989:187)- solicita-se a quatro falantes não especializados no assunto, a hierarquização de todos os SNs presentes em um discurso, de acordo com sua importância;
- **Frequência de menção (FM)**- tópicos mais importantes tendem a ser mencionados mais freqüentemente, mas a FM pode também estar ligada a fatores de [- previsibilidade], como por exemplo, a interferência potencial (I P). Nesse caso a retomada de tópico é marcada em função do grau de imprevisibilidade motivada pela concorrência referencial no contexto imediato;

- **Quantidade de atenção concedida a um SN** no momento de seu processamento (esforço mental gasto em processá-lo), calculado através de medidas psicométricas num trabalho integrado entre lingüistas e psicólogos.

A ordem é usada para assinalar iconicamente os dois parâmetros do princípio de urgência: previsibilidade e importância. Sendo assim, a escolha da ordem tem por base um princípio de natureza perceptual que faz com que codifiquemos mais salientemente a tarefa mais urgente, qual seja, a menos previsível e mais importante (Givón,1989:235). Ligado ao conceito de saliência perceptual está a questão de quantidade de codificação. Isso significa que a informação mais urgente tende a conter mais elementos em sua codificação, justamente para tornar-se [+saliente]. Do ponto de vista da ordem, já foi dito que o [+saliente] é expresso em primeiro lugar.

Como resultado, para concluir, teremos estruturas mais marcadas apresentando tópico [-previsível], [+importante], [+saliente], [+icônico], [-contínuo] e com [+codificação fônica], localizado numa posição pré-verbal, inicial ou com deslocamento para a esquerda. Portanto, o tópico pode assumir diferentes valores quanto ao status da informação e daí sua mobilidade na ordem da sentença. Nem sempre a informação [+ importante] é [- previsível], como no tópico contínuo com alta freqüência de menção, devido à sua importância temática (sendo considerado portanto [+previsível] e [+ importante]). Assim há um jogo com os parâmetros cognitivos que influem na construção da estrutura onde se insere o tópico, o qual vai definir a ordem dos constituintes da oração, no momento em que o emissor constrói sua mensagem, especialmente nas línguas em que há flexibilidade de ordenação.

Como já foi dito anteriormente, esse processo para quantificar a previsibilidade e a importância da informação não será utilizado em nossa análise, pois vamos tomar por base as funções das estruturas marcadas por reordenação de constituintes, já estabelecidas em outras pesquisas que se utilizaram desses critérios de medida para estudar a relação entre os parâmetros cognitivos e a função. Mas tais medidas não poderiam deixar de ser mencionadas, caso contrário, correríamos o risco de não podermos justificar, ainda que empiricamente, os critérios de [+ ou - previsível] e [+ ou - importante].

Por outro lado, ordem dos constituintes da oração, previsibilidade e importância da informação são itens diretamente ligados à idéia de tópico e graus de topicalidade, que já foram citados, mas merecem uma abordagem mais aprofundada. É o que veremos a seguir.

2.4.3 Graus de topicalidade e traços típicos do tópico

Tópico é a informação em que se sustenta a situação comunicativa para alavancar toda a construção da sentença e do discurso. É a informação sobre a qual se fala, podendo ser [+ ou - previsível] e [+ ou - importante], expressa por SN específico, pronome independente, concordância verbal ou anáfora zero. O uso dessas formas de constituintes marca o grau de topicalidade da informação em ordem decrescente. Desde 1979, Givón começa a falar em graus de topicalização entre os elementos da sentença e também sobre medidas de topicalidade do discurso.

O grau de topicalidade da informação (+ ou - previsível e/ou + ou - importante) pode também ser sinalizado, na estrutura da sentença, por reordenação de constituintes (envolvendo ou não outras alterações morfossintáticas) tais como:
 deslocamento à direita (DD)-ex.: Eu o vi lá, o João;
 deslocamento à esquerda (DE)-ex.: O João, eu o vi lá;
 movimento em Y (ou topicalização contrastiva - Top C)-ex.: O João, eu vi.

Givón (1989), para estabelecer uma gradação nesses recursos de ordenação, utilizou medidas de Distância Referencial, Interferência Potencial e Persistência Temática, chegando às seguintes conclusões:

-a- o deslocamento à direita representa grau maior de previsibilidade que o deslocamento à esquerda (Givón,1989:226);

-b- o movimento em Y contrastivo é uma construção menos marcada que o deslocamento à esquerda (Givón ,1988:277) por ocorrer com valores médios de DR menores do que os de DE, indicando maior previsibilidade da referência. Através de suas pesquisas, Givón concluiu ainda que o deslocamento à esquerda tem como característica principal ser [-previsível], apresentando [+DR] e tendo mais função de foco contrastivo. Já o movimento em Y ou topicalização contrastiva (Top C) tem

como característica principal ser [+ importante], tendo mais função de tópico. Zilles (1992:182), nos dados de sua pesquisa, atribui, no entanto, apenas importância local ao SN topicalizado, e não temática. Logo o SN deslocado seria um tópico secundário, movido para esquerda pelo caráter contrastivo, sendo a razão principal de uso, o grau de imprevisibilidade.

Na realidade, as constatações de Givón sobre DE não se encaixariam na seguinte situação, já discutida por Pontes em seu livro “O tópico no português do Brasil”:

- Você viu a Rosa?
- A Rosa, eu vi ela ontem.

Vemos pelo exemplo acima que o DE em português pode ocorrer com referência [+previsível] e DR mínima. Em nosso entender, o DE foi motivado pelo parâmetro [+importante], o que teria gerado a imediata repetição do tópico mais importante - a Rosa. Outro aspecto a ser considerado é a situação de interlocução que sugere um esforço mental para processar uma informação por parte do ouvinte que deveria elaborar uma resposta. Essa quantidade de atenção concedida ao SN Rosa também ocasionaria um DE, pois o ouvinte repetiria o foco da pergunta enquanto pensa e mantém a situação de interlocução. Portanto, acreditamos que respostas orais imediatas tendam a topicalizar o constituinte sobre o qual é feita a pergunta.

No quadro abaixo, temos uma síntese do posicionamento de Givón sobre o assunto em discussão, embora discordemos sobre a característica [-previsível] como obrigatória para o DE.

Quadro 2- Graduação das construções de tópico marcadas por reordenação de constituintes:

Construção de tópico	Características	Estruturas
- marcada	[+previsível],[-importante]	. deslocamento à direita . movimento em Y (Top C)
+ marcada	[-previsível],[+importante]	. deslocamento à esquerda

Givón (1988:248) também identificou os traços típicos do tópico, estabelecendo uma hierarquia de topicalidade de acordo com as seguintes categorias: caso semântico, função sintática, traço semântico, natureza da referência. Assim, conforme esquematização abaixo, o constituinte tópico será preferencialmente agente, sujeito, humano e referencial. Entretanto inúmeras outras combinações desses traços são possíveis.

Quadro 3 - Traços típicos do tópico (Givón,1988:248)

Categorias	Hierarquia de topicalidade
Caso semântico	agente>dativo>paciente
Função sintática	sujeito>obj.d>obj.ind
Traço semântico	humano>animado>inanimado
Natureza da referência	referencial>não referencial

A representação da função de tópico é atribuída a SNs que expressam referentes ou participantes do discurso, equivalentes a sujeitos e objetos da oração e a argumentos da proposição. Cada oração pode conter, portanto, um ou mais tópicos/participantes/referentes/argumentos e o verbo ou predicação.

Givón (1988:252), considerando a oração constituída por tópico e comentário, propõe a seguinte graduação de recursos de marcação de tópico, de acordo com o grau de previsibilidade tópica:

Quadro 4- Graduação da previsibilidade tópica e a estruturação tópico/comentário

Tópico é mais previsível / acessível	
Comentário	tópico zero
Comentário - tópico	
Tópico - comentário	
Tópico	comentário zero
Tópico é menos previsível/acessível	

Então, à noção menos ampla de previsibilidade tópica incorpora-se a noção de "urgência de tarefa", enquanto a noção lingüística mais estrita de "ordem das palavras" é relacionada com a noção cognitiva mais ampla de "ordem de

atenção". Portanto, quando o tópico é mais previsível, a tarefa de expressá-lo é menos urgente. Então ele é codificado zero e só o comentário é expresso.

Podemos concluir dizendo que topicalização é um processo de construção do discurso que se realiza de acordo com a urgência da tarefa comunicativa, o grau de previsibilidade e importância da informação e a capacidade de atenção que o emissor supõe, o leitor seja capaz de manter para a compreensão da mensagem.

Precisamos agora, verificar como se realizam as estruturas marcadas, considerando a organização e constituição de seus elementos.

2.4.4 Construções tópicas marcadas

A topicalidade é uma propriedade dos participantes nominais (referentes), geralmente sujeitos ou objetos das orações. Entretanto, a topicalidade, apesar de se manifestar gramaticalmente no nível oracional, é uma propriedade dependente do discurso como um todo. Assim, a análise de frases isoladas para o estudo de tópicos é artificial. O que faz os elementos do texto serem tópicos não é serem gramaticalmente codificados como sujeitos ou objetos, mas, sim, serem codificados dessa forma porque são tópicos ao longo de um trecho de uma seqüência de orações. Sua topicalidade é, então, devida a serem referentes recorrentes no discurso.

Portanto, tópicos são tipicamente substantivos ou frases substantivadas (entidades), e a informação é a respeito deles. Verbos (eventos) ou adjetivos e advérbios (estados) também podem ser topicalizados, funcionando então morfossintaticamente, como frases nominais. Observe-se, nos exemplos abaixo, que uma mesma situação é codificada com duas perspectivas diferentes. Na primeira frase, o agente é tópico e ocupa o lugar de sujeito. Na segunda, toda a oração do evento é tópica e foi nominalizada, construindo o sujeito.

Ele surpreendeu Silvia por apresentar-se com flores.

Sua apresentação com flores surpreendeu Silvia.

No exemplo seguinte o agente continua tópico e ocupa o lugar do sujeito. No último, a oração que indica estado é tópica e também foi nominalizada, construindo o sujeito.

Ele surpreendeu Silvia por mostrar-se tão gentil.

A gentileza dele surpreendeu Silvia.

Na topicalização, como já foi dito, os constituintes são codificados com as várias marcações de tópico, graças à sua importância, recorrência ou por ser o elemento sobre o qual se fala no discurso.

A continuidade do tópico ou previsibilidade tópica é, então, o caso não marcado no discurso humano. Por outro lado, a mudança de tópico - descontinuidade, surpresa - é o caso marcado no discurso. Assim, a oração declarativa, afirmativa, ativa, neutra é a menos marcada nas línguas sob vários aspectos. Isso acontece porque ela é menos pressuposicional, definindo complexidade pressuposicional como "o grau de dificuldade que o falante pensa que o ouvinte terá para atribuir referência única a um argumento no discurso". A partir daí é estabelecida uma escala de pressuposicionalidade pela qual a mais marcada é a oração com pronome interrogativo. Seguem-se, para exemplificar ainda, as clivadas, as pseudo-clivadas, as relativas e as interrogativas simples. Exemplos:

- Quem é você? (interrogativa com pronome)
- É assim que eu quero (CLIV).
- Quem manda é o patrão (Pseudo cliv).
- .A casa que eu construí fica neste bairro (rel.)
- .Você vem me visitar? (int. simples).

Na verdade, conforme investigou Votre (1992:32), toda essa formulação e evolução do conceito de marcação deve-se em grande parte aos lingüistas da Escola de Praga. As estruturas e formas da codificação lingüística, desde a sua concepção até a realidade, estão distribuídas num continuum de marcação, com vários graus intermediários. Num pólo encontramos as formas e estruturas fortemente marcadas, e no outro, as fracamente marcadas. Tal marcação deve ser cognitivamente motivada em termos de esforço associado a tarefas de codificação e decodificação, apresentando mecanismos e estratégias cognitivas, tanto para codificar quanto para interpretar a informação. Assim, os recursos

lingüísticos de marcação têm relação com as dimensões cognitivas dos processos de atrair a atenção, processar, memorizar, procurar nos arquivos mentais, identificar nos arquivos, substituir, abrir e fechar arquivo.

Observam-se três critérios para a marcação:

- **a complexidade estrutural maior no elemento marcado**, se codifica através de recursos lingüísticos mais elaborados ou longos;
- **distribuição de freqüência menor** do item marcado, aparecendo em **locais mais qualificados da mensagem, mais recortado**; tende a soar como mais saliente em oposição à estrutura mais freqüente, comum e por isso mesmo menos focalizada;
- **complexidade cognitiva maior** do elemento marcado, **demanda mais memória, mais esforço de atenção e mais tempo de processamento**. Está diretamente relacionado aos dois critérios anteriores, pois a dificuldade de processamento de uma estrutura está ligada à sua complexidade estrutural e menor freqüência.

Votre (1992:34) afirma que o princípio de marcação se evidencia mais na morfossintaxe do discurso escrito do que na do discurso oral. Embora o texto de Votre apenas relate sua constatação, sem justificá-la, supomos que o discurso escrito e argumentativo, por ser mais planejado, como já comentamos em seção anterior, deva originar estruturas marcadas, pois é imprescindível a um bom escritor manter a atenção do leitor, dando-lhe pistas sobre a importância da informação veiculada, inclusive através da reordenação dos constituintes da oração. E Votre continua afirmando que, entre os discursos escritos, o acadêmico e o técnico são mais marcados do que o informal e, por conseguinte, mais complexos em termos cognitivos, mas também não justifica suas afirmações. Podemos, no entanto, dizer que tais textos, por sua característica de questionamento e argumentatividade exigem um fluxo de informações altamente hierarquizadas, com retomadas constantes que assegurem o bom desenvolvimento das idéias do redator, facilitando ao leitor, sua decodificação.

Por outro lado, Pontes (1987:85-95) mostra que a escola censura o uso de estruturas marcadas, próprias do discurso oral, na redação do aluno, até porque a maioria dos professores desconhece estudos descritivos das estruturas da língua oral e, por isso, não compreende muitas das dificuldades que seus alunos têm na aprendizagem do processo da escrita. Um tipo de sentença muito comum na linguagem oral, mas que não é aceito na escrita é, por exemplo: “Essa casa bate

muito sol”. Segundo Eunice Pontes, na escrita, a reação das pessoas cultas seria substituí-la por: “Nessa casa bate muito sol”. O que se observa é que na sentença oral houve uma topicalização do SN. Os professores não aceitam essa construção para a escrita porque querem interpretar o SN inicial como sujeito e “bater” não admite sujeito como “casa”. A justificativa da estrutura da sentença oral embasa-se, segundo a autora, numa propriedade do agente já especificada por Lakoff⁹ (1977), entre outras treze: responsabilidade primária do agente a par com sujeitividade. Essa explicação através da Psicologia Cognitiva mostra que o falante nativo sente o primeiro SN da sentença “Essa casa bate muito sol” de algum modo responsável pelo que o verbo veicula. “Essa casa” é uma casa bem construída e essa é a razão pela qual ela recebe tanto sol. A intenção do falante era elogiar a qualidade da casa. E isto é o que distingue esta estrutura da outra (“Nessa casa bate muito sol), que também é usada oralmente, mas onde esta responsabilidade não está presente. Então os professores não sabem por que os alunos usam tais estruturas e os alunos ficam igualmente confusos, pois eles não sabem por que “erram”.

Isso cria uma expectativa exatamente contrária à de Votre, ou seja, em virtude da censura escolar, na elaboração de um texto dissertativo, por exemplo, o aluno passaria a evitar tais construções.

Na verdade, foi a partir dessas contradições que decidimos optar pelo texto dissertativo para a constituição do corpus de nossa pesquisa, já que pensávamos em estudar as estruturas marcadas. E levantamos um questionamento: se é verdade que a escola censura, pelo menos, algumas estruturas marcadas no discurso escrito acadêmico (no caso, dissertações de vestibular), quais estruturas marcadas por reordenação de constituintes realmente ocorrem e com que funções? Essa é nossa investigação básica.

A seguir, caracterizamos as estruturas tópicas marcadas por reordenação de constituintes, previstas na teoria para, com base nesta caracterização, examinar o corpus e verificar se tais estruturas ocorrem e com que função ocorrem.

⁹ LAKOFF, George. “Linguistic Gestalts”, In BEACH, W. et al. (eds.) **Papers from the Thirteenth Regional Meeting**, Chicago, Chicago Linguistic Society, 1977.

2.4.5 Estruturas tópicas marcadas por reordenação de constituintes

Como já foi dito anteriormente, as construções tópicas marcadas acontecem devido à relativa dificuldade de continuidade / previsibilidade / acessibilidade e/ou em função do grau de importância da informação. Isso pode acontecer sempre que o tópico for novo no discurso (introduzido pela primeira vez), for reintroduzido após considerável espaço de ausência ou devido ao recurso de contraste ou competição referencial. As construções tópicas marcadas interagem com as outras construções tópicas na produção textual, realizando um jogo de saliências e contrastes, como se pode observar, por exemplo, nos textos transcritos e analisados na seção 2.5.

Com embasamento na gramática de Givón (1993:203), entre as construções marcadas por reordenação dos constituintes da sentença, consideramos os seguintes casos em português: topicalização contrastiva, deslocamento à esquerda, deslocamento à direita, reordenação do objeto indireto no lugar do objeto direto, sentenças clivadas, construções existenciais, construções VS, construções passivas e construção de tópico.

2.4.5.1 Topicalização contrastiva (TopC)

Topicalização contrastiva de não sujeito anteposto ao sujeito, virgulado ou não (Top C) - Na língua com marca morfológica de caso, a ordem das palavras é flexível e pragmaticamente motivada. Na língua sem marca morfológica de caso, como o português, a ordem é essencial para a sintaxe, logo toda construção especial tem função pragmática. Se há foco contrastivo (um item selecionado, marcado, contra a parte restante do conjunto, onde podem localizar-se itens de vários níveis de importância relativa, mas todos menos importantes que o item selecionado), esse também será foco da asserção (mas não necessariamente vice-versa). Assim também o foco contrastivo é tópico, embora o tópico não precise ser contrastivo.

O foco contrastivo surge devido à importância que a avaliação do emissor dá à atitude do ouvinte com relação à informação. Isso significa que o emissor hierarquiza a informação por considerá-la imprevisível para o receptor, apresentando-a em uma estrutura que ative conceitos na memória deste mesmo receptor, de tal forma que facilite a compreensão. A topicalização contrastiva também é denominada por Givón de movimento em Y. Como exemplo de topicalização contrastiva do objeto temos:

Eu vi João lá. Maria, eu nunca vi.

Como TopC, constituída por complemento circunstancial, podemos citar, em abertura de parágrafo com a função de marcador circunstancial, uma frase bíblica:

No princípio, Deus criou o céu e a terra.

Quanto à topicalização contrastiva do próprio sujeito, é marcada pela acentuação (entoação), elipse verbal e vírgula. Exemplo:

João me viu lá. Maria, nunca.

Sempre que um termo não-sujeito é topicalizado, ele compete com o sujeito no foco de atenção do ouvinte. Em português, a posposição do sujeito ao termo topicalizado reflete a alta topicalidade do não-sujeito. Exemplo:

A passagem, a secretária nunca comprou.

Para ela eu dei outro presente.

Em nosso referencial teórico, enquadrámos a **ordem OV**, em português, como estrutura correspondente a TopC porque OV designa as construções em que o objeto é anteposto ao verbo e também ocupa posição inicial no enunciado.

Braga (1984:175) diz que a anteposição do objeto tende a ocorrer com sujeito explícito para evitar ambigüidade. Com OV a posição canônica do objeto fica vazia. Entretanto, Votre e Naro (1989:178-79) referem-se também à ocorrência de seqüência OVS, ainda que seja menos freqüente.

Para Braga (1989:274), as razões funcionais que determinam o uso do recurso sintático OSV são: reiteração, contraste, inclusão e sinalização de fim de subtópico. Também o paralelismo estrutural pode motivar uma OSV. Por exemplo:

- E... a hora de saída também tem?
- Saída, qualquer um bate. Entrada é que ninguém pode bater.

Entrada tem que ser a própria pessoa... mas saída qualquer um bate.

Segundo a análise de Braga, a primeira OSV no trecho acima é motivada pela pergunta anterior, será reiterada pela segunda OSV, motivada simultaneamente por paralelismo estrutural e contraste, além de sinalizar o fim de um subtópico. Braga (1989) e Givón (1988) relacionam contraste com o caráter surpreendente ou inesperado do que vai ser dito e com a quebra das expectativas do ouvinte, suposta pelo falante.

Dos quatro fatores levantados por Braga (reiteração, contraste, inclusão e sinalização de fim de subtópico), que determinam o uso do recurso sintático OSV, três deles - contraste, reiteração e inclusão - encontraram correspondência nos parâmetros propostos por Givón (1988). Por sua vez, Zilles (1992:82), verificando a importância local do tópico na construção OSV, sinaliza a função de especificação.

Quadro 5 - Funções e características da estrutura OSV

Funções de OSV	Características	Resultado de medidas anafóricas e catafóricas
1- contraste (estratégia de importância local)	[-previsível]- o falante vai contra a expectativa do ouvinte ou contra afirmações anteriores do discurso	[+DR] - (+ de 3 orações) [+IP] [-PT] -(- importância temática)
2- reiteração (sem contraste) 3- inclusão (ou especificação)	[-previsível]- informação surpreendente [+ importante]- importância local do tópico	[-DR] [+IP] [-PT] -(- importância temática)

Para Pontes (1987:82), a função de OV é a reiteração de um SN pré-mencionado que sinaliza uma mudança de tópico, contrastando com o anterior. Essa quebra da continuidade do tópico é de aplicação local, possibilitando o prosseguimento do texto com retomada do tópico anterior, ou introduzindo novo tópico. Como se pode observar, coincidem os autores quanto à importância local do tópico de OSV.

2.4.5.2 Reordenação do objeto indireto no lugar do objeto direto

Givón (1993:215-19) em seus estudos sobre construções tópicas em inglês, verificou a existência de relevo ao dativo em construções oracionais. Em português, o relevo do OI ou promoção à posição de OD na ordem canônica é possível com verbos bitransitivos que permitem um OI que se beneficia da ação. Entre tais verbos encontram-se: dar, dizer, perguntar, mostrar, ensinar, enviar, vender, prometer e trazer. Exemplos:

Ela deu a ele o livro.

Ele contou a seu filho uma história.

Na verdade, a ordem canônica em português representa o comum no continuum de topicalização dos elementos na oração : S>V>OD>OI. Ao longo do texto, referentes importantes são integrados como nós temáticos de relevo. É a importância temática que origina a catáfora. A ordem pragmática das palavras percebe o OD cataforicamente mais importante do que o OI, embora também seja o OD mais acessível. Dessa forma, quando o OI toma o lugar do OD, temos uma construção marcada, topicalizada. Outro exemplo:

Ela deu para mim o livro.

Conforme podemos observar nos exemplos acima e de acordo com os estudos de Givón (1990:765), o objeto indireto, quando tem os traços [humano] e [beneficiário], tende a ser topicalizado, tomando o lugar do objeto direto.

2.4.5.3 Deslocamento à esquerda (DE)

Deslocamento à esquerda (DE) de referente definido ou genérico, funcionando como sujeito ou objeto direto com retomada do tópico por um pronome anafórico.

Exemplos: João, *ele* leu o livro.
Baleias, *elas* são mamíferos.
O livro, Maria *o* leu.

O DE pode ser usado para marcar referentes mais importantes que são trazidos de volta ao discurso após um considerável espaço de ausência ou, no caso da fala pode acontecer imediatamente após um referente imprevisto pelo receptor como já foi comentado na seção 2.3.3 sobre graus de topicalidade. Tais referentes são anaforicamente acessíveis, podendo ser definidos ou genéricos, mas dificilmente indefinidos. Em outras palavras, o deslocamento à esquerda geralmente reintroduz referentes [+importantes], embora também possa introduzir referentes novos no discurso. Exemplo de texto (Givón, 1993:212) onde acontece o DE para reintrodução do referente que fora substituído na cadeia temática (rei->rainha), observe-se:

..."Então *o rei* saiu para uma cruzada, deixando *a rainha* no velho castelo, incumbida de tomar conta das propriedades, das crianças, da população faminta, o que ela conseguiu fazer de uma forma esplêndida. Ela se esforçava ao máximo e dispensava atenção total aos menores problemas.

Quanto *ao rei*, *ele* se achava..."

Embora, como já tenha sido dito anteriormente, as noções não sejam estanques, pois há todo um jogo de estruturação da informação graças aos parâmetros cognitivos previsibilidade e importância, algumas generalizações podem ser feitas a partir de estudos feitos por Givón (1988, 1989). O DE tem como característica [-previsibilidade] e com isso relaciona-se mais à função foco contrastivo do que à função de tópico. Foco contrastivo significa ênfase, contraste. O constituinte com função de foco tende a ser também tópico (com construção

marcada). Entretanto conforme já explicitamos na seção 2.3.3 sobre graus de topicalidade, entendemos que o DE pode ser [+previsível] e não terá nesse caso uma função de contraste, mas sim, de reiteração.

Elegeu-se como caracterização de DE, o deslocamento de constituintes da sentença para a esquerda de sua ordem canônica, com retomada desse referente por pronominalização. Na Top C ou movimento em Y não há retomada do referente topicalizado ao longo da sentença. Por outro lado, a Top C apresenta, na maioria das vezes, maior grau de previsibilidade do que o DE (não quando DE só reiterar). Portanto, na Top C a função tópico prevalece sobre a função foco contrastivo, o que põe em relevo a característica [+importante] (importância local), que é o motivo maior do deslocamento para a esquerda do constituinte, com relação à sua posição na ordem canônica na sentença.

Para maior esclarecimento, citemos um exemplo encontrado em Pontes (1987:82) que apresenta tanto DE como TopC:

Eu, café, eu gosto tanto sem açúcar como com.

“Eu” foi deslocado à esquerda e repetido em seguida pelo pronome cópia. “Café” foi topicalizado sem pronome cópia, constituindo uma TopC.

E Pontes (1987:82) enfatiza que um dos problemas envolvidos na aprendizagem da escrita é a interferência de estruturas da língua oral. A tradição da língua escrita estigmatiza muitas dessas estruturas como a do pleonasma do sujeito, exemplificada acima.

2.3.5.4 Deslocamento à direita (DD)

Deslocamento à direita (DD) de referente definido ou genérico, funcionando como sujeito ou objeto com retomada do tópico por pronome catafórico exige em português, uma pausa com entoação marcada. Exemplo :

Nós o vimos cair, o *João*.

Embora o DD seja mais comum no registro falado informal, pode ser encontrado no registro escrito, com deslocamento do sujeito ou objeto. O deslocamento à direita compartilha com o deslocamento à esquerda as mesmas restrições de referência e topicalidade. Assim um sintagma nominal (SN) deslocado à direita deve ser definido ou genérico mas nunca indefinido, pois tal construção sinaliza um prévio conhecimento do referente. Exemplos:

Eu o vi lá, o vendedor.

Eu os detesto, os políticos.

De acordo com a pragmática do discurso, o usuário emprega o DD quando:

- acha que o referente é completamente acessível dada sua distância referencial mínima e, portanto, pode ser codificado como pronome;
- mas após breve reflexão (representada por uma vírgula na escrita e que indica pausa), decide que talvez o referente não seja tão completamente acessível afinal, e que seria melhor codificá-lo novamente como um SN completo. O DD é usado como recurso de marcador de tópico em final de cadeia temática, enquanto SNs deslocados à esquerda são tipicamente início de cadeia. Tais estruturas e suas funções apontam para discurso não-planejado o que nos faz prever que sejam pouco usadas no texto escrito.

2.4.5.5 - SENTENÇAS CLIVADAS(SC)

As "clefted sentences" estudadas por Givón (1993:174) na língua inglesa foram também objeto de análise dentro das amostras de fala do acervo do Projeto Censo de Variação Lingüística do Rio de Janeiro, num trabalho realizado por Braga (1991). O artigo caracteriza e exemplifica as sentenças clivadas encontradas no discurso semicolóquial oral do Rio de Janeiro, mostrando que, além da disposição peculiar de constituintes, o contorno entonacional e a localização do acento primário no constituinte 1, que ocasionam sua focalização, são traços definidores dessas construções.

Tendo em vista que nossa pesquisa se relaciona a estruturas marcadas por reordenação de constituintes no texto escrito dissertativo, é interessante que se tenha idéia dos tipos de sentenças clivadas (SCs) encontradas em português, ainda que colhidos na linguagem oral, onde se pressupõe um maior grau de liberdade na construção da estrutura oracional e maior interação entre os interlocutores. Assim, embora se reconheça que as SCs sejam características de tópicos/subtópicos marcados na linguagem oral, nossa pesquisa também verificará se elas acontecem no discurso escrito dissertativo, como recurso de marcação de tópico, conforme nossas expectativas já expressas na seção 2.3.4.

Portanto, é necessário que se faça um breve resumo do que foi analisado por Braga (1991), para permitir a identificação dessa marcação de tópico, no transcorrer da análise do corpus de nossa pesquisa.

A caracterização das sentenças clivadas (SCs) feita por Braga (1991:110) baseia-se na de Prince¹⁰ (1981) que substitui os termos foco e pressuposição por [Constituinte 1] e [Sentença - constituinte 1], respectivamente. Braga descreveu e rotulou seis variedades de SCs que coexistem no português falado no Brasil, sendo que todas têm, basicamente, função contrastiva.

Observações:

- a) **notações:** " - acento primário; ' - acento secundário;
- b) **S-C1** significa sentença menos constituinte.

1^a) **Sentença clivada** propriamente dita (**CLIV**).

Ser C1 que S - C1 quem

Ex.: 'É 'isso que 'eu quero.
 ser C1 S-C1

Na CLIV há a repetição de conteúdo proposicional previamente apresentado no discurso, sinalizando seguidamente o fim de subtópico discursivo.

¹⁰ PRINCE, Ellen. *A comparison of Wh-clefts and it-clefts in discourse*. In: **Language**, v.54, n.4, p.883-907. 1981.

No exemplo, "isso" remete ao conteúdo proposicional da oração anterior e também repete o seu conteúdo.

Braga (1991:122) cita os comentários de Maynard¹¹ (1980) sobre as pausas em narrativas orais que tendem a sinalizar fim de tópico semântico discursivo e preceder mudança de turno. O fato de as pausas ocorrerem mais freqüentemente após CLIVS é um reforço da hipótese que vê tais construções como sinalizadoras de potencial de fim de tópico e de potencial mudança de turno. Braga amplia tal função para todas as SCs, embora também concorde com Maynard, dando ênfase às CLIVs. As CLIVs, embora possam exprimir contraste, são empregadas primordialmente, na estruturação tópica/subtópica. As CLIVs tendem a combinar dois procedimentos: recuperação da informação de uma seqüência prévia através da referência estendida do pronome demonstrativo e reiteração do verbo (e de outros constituintes por ventura presentes) de um enunciado anterior. Entretanto também podem ser construídas com SN e, inclusive, nome próprio.

2ª) Construções É QUE

A construção É QUE surge quando há questionamento do conteúdo da SC ou retomada de tópico após digressão. O referente novo aparece marcado por expressão pronominal expletiva posterior.

C1 SER/3ª sg QUE S-C1

Ex.: A minha 'tia é que 'cozinha.

C1 ser S-C1

A construção "é que" presta-se, primordialmente, à expressão de contraste.

3ª) Sentença pseudo-clivada (PC)

¹¹ MAYNARD, D. W. *Placement of topic changes in conversation*. *Semiotica*, v.30, p.263-290, 1980.

QUEM S-C1 SER/3 ^a sg C1 O QUE

Ex.: 'Quem 'segura 'é o "Sandro.

S-C1 ser C1

A construção PC, também com contraste, facilita tanto a introdução de referentes novos como a apresentação de "verdades gerais", mas foi a estrutura, entre as SCs, menos encontrada nas mudanças de subtópico, na pesquisa de Braga.

A seguir, citamos as demais caracterizações feitas por Braga sobre as SCs e exemplificamos, sem tecer maiores comentários, porque não foram encontradas no corpus de nossa pesquisa, além de não constarem das tabelas finais daquela pesquisadora que restringiu sua análise aos três primeiros tipos.

4^a) Foco SER

S-C1 Ser/3 ^a sg C1

Ex.: 'Eles 'ficam 'é com "ciúmes.

S-C1 ser C1

5^a) QUE foco

C1 que S-C1

Ex.: "Ela que 'organiza os desfiles aqui.

C1 S-C1

6^a) Duplo foco

SER/3 ^a sg C1 ser/3 ^a sg que S-C1

Ex.: É a "gente é que 'sofre.

ser C1 ser S-C1

A identificação de uma SC é feita pela análise da distribuição dos constituintes, assim como é relevante o padrão entoacional, a localização do acento primário e a função do elemento focalizado. As SCs tendem a apresentar contorno entoacional descendente (exceto as perguntas, cujo contorno é ascendente), acento primário no constituinte focalizado e uma única unidade entoacional. A presença do

auxiliar SER e/ou do pronome relativo a envolver total ou parcialmente o constituinte 1, conjugada à localização do acento primário nesse mesmo constituinte levam à sua focalização, simultaneamente autorizando uma leitura contrastiva da SC.

Acreditamos que somente os três primeiros tipos de CLIVs têm maior chance de aparecer no texto dos vestibulandos, pois todas as outras estruturas clivadas, que representam formas próprias do oral, não seriam aceitas dentro da gramática escrita.

Braga (1991:124) analisou o papel das SCs na estruturação do tópico/subtópico discursivo da seqüência em que aparecem e destacou as CLIVs como especialmente aptas ao desempenho de tal tarefa, sinalizando o fim de subtópico discursivo e de potencial mudança de turno. Braga reconhece que o próprio caráter pré-teórico da noção de tópico discursivo (Brown e Yule¹², 1983) problematiza ainda mais o difícil manuseio do desenvolvimento discursivo.

A pesquisadora utiliza-se da conceituação de Van Dijk (1980) sobre tópico discursivo que se caracteriza quando um conceito ou estrutura conceitual (isto é, uma proposição) hierarquicamente organiza a estrutura proposicional ou conceitual da seqüência.

Braga trabalha a noção de subtópico discursivo (tópico atomístico), conceito também presente na obra de Van Dijk e também desenvolvido em Keenan e Schieffelin¹³ (1976), e Gardner¹⁴ (1987). A pesquisadora, na tentativa de descrever o papel das SCs na organização do tópico discursivo, propõe a distribuição de dados em dois grandes subgrupos, conforme houver ou não mudança de subtópico (ou tópico). As funções trabalhadas por Braga foram:

- 1- introdução de novo subtópico/tópico quer pelo entrevistador, quer pelo falante;
- 2- retomada de um subtópico pelo falante após digressão finalizada pela SC (refocalização);
- 3- repetição do conteúdo proposicional da SC pelo entrevistador ou pelo falante;
- 4- questionamento do conteúdo proposicional da SC;

¹² BROWN, G. & YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

¹³ KEENAN, E. O. & SCHIEFFELIN, B. *Topic as a Discourse Notion*. In: LI, C. (Ed.). **Topic and Subject**. New York: Academic Press. 1976.

¹⁴ GARDNER, R. *The identification and role of topic in spoken interaction*. **Semiotica**, v. 65, p.124-41, 1987.

5- desenvolvimento do subtópico discursivo após a SC.

Portanto, Braga realizou a caracterização e exemplificação das Sentenças Clivadas produzidas no discurso semicolóquio oral do Rio de Janeiro. Concluiu que, além da disposição peculiar de constituintes, o contorno entoacional e a localização do acento primário no Constituinte 1, que levam à sua focalização, são traços definidores dessas construções. Propôs categorias que permitissem captar a estruturação tópica/subtópica dos trechos discursivos em que as SCs apareciam e indicou, também, como CLIVs podem ser utilizadas nas sinalizações de fim de subtópicos discursivos, reforçando sua interpretação pelos resultados de duas outras variáveis: mudança de turno e ocorrência de pausa. Por fim, mostra que a compreensão das SCs implica a aceitação de sua maleabilidade funcional, bastante desconcertante para o analista, que não consegue descrevê-la com fórmulas rígidas.

Nossa expectativa, no caso de uso de SCs em textos escritos dissertativos, é a de que desempenhem funções semelhantes às encontradas na fala. Tendo em vista que Braga evidenciou o uso de CLIVs para a sinalização de mudança de turno, fim de subtópicos discursivos, relacionamos tais situações com com abertura e fechamento de parágrafo e observamos que, na leitura do texto escrito, pressupõe, inclusive, ocorrência de pausa.

2.4.5.6 As construções existenciais

Segundo Givón (1988:267-9), ocorrem duas características nas construções existenciais:

- 1- a gramaticalização do verbo existencial em partícula que marca o sujeito como indefinido-referencial;
- 2- o caráter não predicativo da construção.

O verbo da construção existencial (*ser, existir, ter, haver*) é destituído de valor lexical e perde parcial ou completamente as propriedades formais de concordância (partícula praticamente invariante). Para Lyons¹⁵ (apud

¹⁵ LYONS, J. **Semantics**. Cambridge:Cambridge University Press, 1977.

Zilles,1992:100) os verbos *ter* e *ser* são elementos gramaticais sem sentido, servindo apenas como suportes de marcadores de tempo, modo e aspecto.

Segundo Givón, não há ordem VS na construção existencial porque não há propriamente um verbo (predicado) e sim, um SN precedido de uma partícula gramatical que assinala seu caráter de indefinido referencial. Isso leva à suposição de que **o verbo existencial pode ser um recurso para assinalar a imprevisibilidade da referência**. Ex.: Eu me lembro que *teve uma das minhas colegas*, ela falou com... Desta forma, quando a construção existencial perde seu valor lexical, o verbo perde também seu valor predicativo. Assim, a **construção existencial é só Tópico**, podendo ser seguida por um predicado (oração relativa, tipicamente), o que vai compor a estrutura tópico-comentário.

Sua função é de apresentação e, por isso, nossa expectativa é de se encontre na abertura de parágrafo, preferencialmente.

2.4.5.7 Construções [V] [S]

Antes de descrevermos as construções [V] [S], é necessário que se tenham algumas observações sobre a ordenação SVO em português.

Ao longo de seu estudo sobre a ordem, Zilles (1992:124) enfatiza que, fora de qualquer contexto, toda seqüência Nome-Verbo-Nome (NVN) pressupõe as funções de SVO com o papel semântico de agente, verbo transitivo e paciente, respectivamente. A ordem NVN ou SVO tem a função de assegurar o significado, já que as seqüências VNN ou NNV podem produzir ambigüidade (a não ser quando o sujeito tem o traço animado e o objeto tem o traço inanimado). Baseada em Naro & Lemle¹⁶ (1976), a autora conclui que a função sintática, em português, é indicada, primordialmente, pela ordem dos constituintes da oração e a concordância verbal tem papel secundário no estabelecimento das funções sintáticas. Além disso, quando o sujeito está posposto, a falta de concordância é [-saliente].

¹⁶ NARO, A. & LEMLE, Miriam. *Syntactic diffusion*. In: STEEVER, Sanford B. et al. (ed.) **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago. Linguistic Society. 1976.

O sistema de flexões verbais para todas as pessoas só ocorre no dialeto padrão, já que no dialeto popular, pelo menos em algumas áreas do país,, a flexão, em geral, ocorre apenas na primeira pessoa (Soares,1986:42). Daí, concordância não é traço necessário para identificação do sujeito. Dessa forma, os traços típicos do sujeito, segundo Pontes (1986:144) são: agentividade, anteposição ao verbo, definitude e animacidade.

A partir das constatações acima, verificaremos qual a função da ordem [V] [S] em português. Como reconhecemos que a ordem de codificação é um recurso icônico, isso nos conduz ao estudo da escala de continuidade do tópico prevista por Givón (1988:249). O SN-DEF deslocado para a direita (que corresponder também à estrutura VS) situa-se na quarta posição entre as oito estruturas marcadas consideradas por Givón nesta escala de topicalização. Isso significa que VS deve ter um grau médio de continuidade. Não podemos esquecer que, para Givón, o tópico pode ser novo, retomado ou continuativo. O autor relaciona a ordem SV com informação [-previsível] e, por outro lado, considera previsibilidade e importância como parâmetros independentes.

Segundo Naro e Votre¹⁷ (apud Zilles,1992:154), o uso da estrutura VS serve para marcar o abaixamento no nível de topicalidade do sujeito. Assim o tópico tem carga informativa menor do que o comentário na estrutura VS - princípio de temacidade baixa (PTB). Consideram esses autores que a posição pós-verbal é mais ocupada por constituintes periféricos [importantes] do que por constituintes centrais [+ importantes], localizados no início do enunciado.

E pelo princípio da desvinculação temática (PDT), os mesmos autores (1986:43) afirmam que o uso da construção VS serve para marcar um abaixamento no nível de tematicidade da oração, porque as orações VS apresentam informação acessória. Denominam a parte temática do texto de figura e a parte não temática, de fundo. Por outro lado, as orações com ordem SV, por veicularem informação central, relevante ao tópico, constitutiva da figura, são temáticas.

Ao contrário do que dizem Naro e Votre (apud Zilles,1992:144), a continuidade do tópico e do fluxo de referência não entra em conflito com a baixa

¹⁷ NARO, A. & VOTRE, S. *Discurso e ordem vocabular*. In: **Anais do IV Encontro de Variação Linguística e de Bilingüismo na Região Sul**. Porto Alegre, UFRGS - Instituto de Letras, 1986.

topicidade do sujeito de VS porque esse sujeito não compete em importância com o tópico/sujeito anterior, desde que esse último seja [+ importante]. Para Naro e Votre, baixa topicidade está associada a status informacional não-velho, portanto [-previsível].

Zilles descreveu a relação temática entre a oração VS apresentativa e o discurso precedente em termos de hierarquização da informação e não como desvinculação. Contrariando Naro e Votre, Zilles (1992:183) distingue a construção VS apresentativa da VS continuativa, a primeira motivada pelo valor [-importante] atribuído ao tópico e a segunda, pelo valor [+previsível] e , portanto, menos urgente do tópico assim codificado. Sintetizando:

Quadro 6 - Funções e motivação da construção [V] [S]

Funções da construção [V] [S]	Motivação da construção [V] [S]
a) apresentativa	Tópico [-importante]
b) continuativa	Tópico [+previsível]

Segundo observações de Zilles (1992:155) sobre a classificação dos dados de Naro e Votre, apenas 30% dos sujeitos de VS são novos e os restantes 70% dos sujeitos nessa ordem são não novos sendo lícito supor que sua codificação pós-verbal assinale seu caráter [+previsível]. Se houver transposição dessa tendência do discurso oral para o escrito, podemos supor que, em nossa pesquisa, encontraremos maior uso de VS numa localização média do parágrafo e do texto, assim como se pode esperar VS continuativa no final do parágrafo também, pois, na fala, essa construção pode servir para assinalar final de (sub)tópico e/ou de turno.

Como exemplo de distinção entre função apresentativa e continuativa, temos o trecho transcrito por Zilles (1992:160) de uma narrativa:

"E a minha prima pegou e puxou o vestido e apareceu o meu seio (função apresentativa) e tava recém formando o seio (função continuativa), aquela coisa de menina. Eu fiquei super-envergonhada."

Resta-nos ainda fazer algumas considerações sobre os recursos lingüísticos das construções VS apresentativas. Os sujeitos das construções VS apresentativas são constituídos por:

- SN indefinido específico;
- SN definido cujo referente não está pragmaticamente disponível no contexto do enunciado.

Em português, não existe o clítico marcador de sujeito do inglês ou francês (There is, il y a). Então há apenas um argumento na oração, quando não se codifica o locativo, o que pode ser fator determinante da concordância com haver/ter. Segundo Pontes (1987:128-129), a única diferença relevante para classificar um SN de objeto ou sujeito com os verbos ter/haver/existir/ser é a flexibilidade de ordem quando o SN é sujeito.

Pontes (1987:117) considera a possibilidade de tratar o SN da estrutura VS como objeto, observando que os sujeitos de VS são, na maioria, inanimados: "o sujeito posposto se identifica mais com o paciente do que com o agente não só na posição como no fato de ser inanimado e não haver concordância na maioria dos casos".

Segundo Contreras¹⁸ (apud Pontes,1987:155), os verbos apresentativos foram estudados por Hatcher (1956) e divididos em categorias como:

- a) existência, presença (viver, habitar, abundar);
- b) ausência (faltar, sobrar);
- c) começar;
- d) continuar, permanecer;
- e) produzir (nascer, brotar);
- f) ocorrência (ocorrer, acontecer, passar);
- g) aparecer (chegar);
- h) vir, chegar.

O fator chave para o uso de verbos apresentativos não é o status da informação nova para o ouvinte, mas a introdução do referente no discurso, no sentido de ativação pragmática, tal como descrita por Chafe (1987). Por outro lado, a construção VS em português, mesmo com função apresentativa, é reversível, demonstrando possibilidade de escolha por parte do falante. O argumento de Givón,

¹⁸ CONTRERAS, Helen. **A theory of word order with special reference to Spanish**, Amsterdam, North Holland,1976.

a respeito da gramaticalização dos verbos apresentativos, só se aplica, em português, à construção existencial (já descrita).

Zilles (1992:122), admitindo o caráter não-predicativo da construção existencial, quando não há um predicado a seguir, afirma que o falante opta por codificar somente o tópico. Essa estratégia marca o alto grau de imprevisibilidade da referência. Quanto ao grau de importância, a autora considera lícito supor que o tópico assim introduzido venha a ser importante, quer por persistir no discurso (continuidade/temacidade), quer por estar relacionado com junção temática ou transição entre macroproposições, no caso de narrativas. Conclui também que, admitindo o caráter predicativo da construção VS apresentativa e não havendo outro predicado a seguir, o falante opta pela ordem Comentário/Tópico para assinalar o caráter [-importante] do tópico, apesar de este ser também [-previsível].

Existe, portanto, diferença entre função apresentativa e construção existencial. Zilles(1992:106) distingue a construção VS com função apresentativa da construção existencial, pois os verbos apresentativos mantêm seu conteúdo lexical, permitem alternância de ordem (SV e VS) e a função apresentativa pode ser codificada por diversos recursos lingüísticos. **Verbos apresentativos** são freqüentemente de movimento, tomando um complemento locativo e se dividem, segundo Givón¹⁹ (apud Zilles,1992:110), em três tipos:

- 1- os que indicam **localização**: estar, permanecer, existir, ficar, viver, dormir;
- 2- os que indicam **movimento** em direção a um local ou a um objetivo: ir a, entrar em, descer para, aparecer em, aproximar-se de, chegar a;
- 3- os que indicam **deslocamento de um local determinado**: partir, deixar, ir de, vir de, sair de, descer de.

Esse tipo de predicado toma dois argumentos: sujeito (paciente ou agente) e objeto locativo(ponto de referência espacial). Considera-se a ordem VS como uma escolha discursiva do falante para indicar a menor importância do sujeito referencial.

¹⁹ GIVÓN, T. "Prolegomena to Discourse-Pragmatics". In: **Journal of Pragmatics**, (8):489-516, 1984.

Zilles (1992:162) sugere em sua tese, finalmente, que [V][S] assinala a organização global do discurso, estando sua ocorrência relacionada com a transição de uma macroproposição do texto narrativo oral para outra macroproposição ou com a apresentação de informação paralela, avaliativa, que contribui para a interpretação do discurso. Em nossos resultados verificaremos se estas estruturas marcadas-[VS] também ocorrem em junturas.

2.4.5.8 As construções passivas do português

Duarte (1990) realizou um estudo sobre as estruturas passivas das línguas naturais, apresentando algumas críticas a propostas funcionalistas, baseada em dados empíricos do português e do inglês.

Tal artigo começa com a citação do trabalho de Halliday^{20;21} (1970-1976), considerado uma das análises mais completas dos problemas de estrutura temática e suas relações com as passivas, com base nos estudos lingüísticos da Escola de Praga.

Para Halliday (apud Duarte,1990:139) a forma que o sistema gramatical de uma língua toma está intimamente relacionada aos propósitos a que serve. Por esse motivo, a unidade básica do uso lingüístico é o discurso ou texto, criado pelo falante ou escritor, ao fazer uso de um conjunto de opções disponíveis no componente textual e relevantes no contexto. Se a sentença se organiza como mensagem, sua estrutura é essencialmente temática, na medida em que a predicação se faz em torno de um tema. Divide-se a sentença, de acordo com essa concepção, em TEMA (o elemento geralmente colocado em posição inicial, ponto de partida para a mensagem) e REMA (o elemento que vem em seguida, a mensagem propriamente dita). Como a posição inicial temática é quase sempre a

²⁰ HALLIDAY, M.K. *Language structure and language function*. In: LYONS, J. (org.). **New Horizons in Linguistics**. New York: Penguin, 1970.

²¹ _____. *Functions and universals of language*. In: KRESS, G. (org.). **Halliday: System and Function in Language**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

posição do sujeito que, freqüentemente, desempenha o papel de Agente, tanto em português como em inglês, em geral, Tema, Sujeito e Agente são idênticos.

Halliday viu na passiva uma função dissociadora, pois nesse tipo de sentença, o Agente é separado do Sujeito e do Tema, sendo colocado em posição remática ou suprimido. Na primeira situação, a passiva seria um meio de dar proeminência a esse elemento como o foco da informação que, na forma ativa, tenderia a veicular a informação dada e, portanto, não passível de proeminência.

Diferentemente de Firbas²² (1964), Halliday considerou que, mesmo na ordem marcada, o Tema é o elemento da perspectiva funcional da sentença que ocupa a primeira posição, já que nada tem a ver com a informação dada ou menção prévia. Para Halliday, as noções de *dado* e *novo* distinguem itens referentes ao discurso, à situação ou à experiência anterior, considerados ou não pelo falante como disponíveis ou presentes na mente de seu interlocutor. Dois pontos foram enfatizados:

(1) informação dada não diz respeito apenas ao conhecimento que é comum ao falante e seu ouvinte, mas também àquela que é recuperável no contexto lingüístico e extra-lingüístico;

(2) informação nova não se refere apenas à informação que não foi mencionada, mas, sobretudo diz respeito à informação que o falante apresenta como não recuperável, a partir do discurso precedente. Sintetizando, Halliday descreveu a passiva como um processo de Tematização de um não Agente, ou de Rematização do Agente.

Embora para os lingüistas da Escola de Praga e para Halliday, o Tema possa veicular também a informação nova quando essa informação for menos comunicativa, devido às suas características posicionais e pelo fato de veicular freqüentemente a informação dada, os conceitos de Tema e Rema muitas vezes fundiram-se com as noções de *dado* e *novo* sob a etiqueta Tópico e Comentário. Lyons²³ (apud Duarte, 1990:142) explicou essa confluência de traços pela coincidência dos pontos de partida: cognitivo, comunicativo e gramatical. Em muitas línguas a categoria Tópico parecia coincidente com a de Sujeito. Li e

²² FIRBAS, J. *On defining the theme in functional sentence analysis*. In: **Travaux linguistiques de Prague**. 1: 267-80. 1964.

²³ LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Thompson²⁴ (apud Duarte, 1990:142) apontaram entre as características distintivas de Tópico, o seu traço de definitude, sua seleção independente do verbo, sua independência sintática e seu papel funcional relacionado à estrutura do discurso: o Tópico estabelece o quadro de referência temporal, espacial ou individual, dentro do qual se faz a predicação. Por essas características estabeleceu-se uma relação íntima entre Sujeito e Tópico, e os autores sugeriram que o Sujeito é um Tópico gramaticalizado, posição também adotada por Givón²⁵ (apud Duarte, 1990:142).

Givón refutou a definição relacional sobre as passivas, segundo a qual um Objeto é promovido a Sujeito (Perlmutter e Postal²⁶, 1977), porque em algumas línguas o elemento promovido não se transforma em Sujeito e outros complementos podem ser diretamente apassiváveis. Contestou também a proposta de Keenan²⁷ (1975) de que a apassivação envolve o rebaixamento do Agente da posição de sujeito, porque essa definição obscurece a função principal das passivas, a Topicalização.

Givón caracterizou universalmente a apassivação como um processo pelo qual um não-Agente é promovido a Tópico. Em geral a função primordial das passivas é codificar sentenças no contexto em que o não-Agente é mais tópico. Assim, pelo fato de o Agente ser menos tópico, ele é removido ou rebaixado da posição inicial, que, em muitas línguas coincide com a posição de Sujeito, para posições sintáticas menos tópicas, podendo inclusive ser inteiramente suprimido, se o seu grau de topicalidade for muito baixo. Duarte (1990) considera o conceito de tópico de Givón muito amplo, pois pode designar o elemento que ocupa a posição inicial, seja ele sujeito ou tópico sentencial ou outro elemento que não ocupe tal posição como os exemplos de passivas impessoais do espanhol, nos quais os objetos Dativo e Acusativo, respectivamente, são analisados como tópico principal:

Se dió a Juan un libro.

²⁴ LI, C. & THOMPSON, S. *Subject and topic: a new typology of language*. In: LI, C. (org) **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976.

²⁵ GIVÓN, T. **On understanding grammar**, New York: Academic Press, 1979.

²⁶ PERLMUTTER, D. e POSTAL. *Toward a universal characterization of passive*. **Papers from the 3rd. Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society**. Berkeley: [s.d.], 1977.

²⁷ KEENAN, E. *Some universals of passive in relational grammar*. **Papers from the 11th Regional Meeting**. Chicago: Chicago Linguistic Society. 1975.

Se dió un libro a Juan.

Além do mais, continua Duarte, os dados empíricos do inglês e do português, bem como os de outras línguas examinadas, apresentam evidências que contrariam a proposta de Topicalização como função básica das passivas, o que equivale a dizer que a função de topicalização não é universal nas passivas.

Outra visão da caracterização das passivas foi dada por Foley e Valin²⁸ (apud Duarte, 1990:145), que optaram por duas macro-categorias semânticas: Ator (participante iniciador e controlador) e não-Ator (participante afetado). Tais denominações (correspondem, em inglês, a Actor e Undergoer) surgiram em função da observação das funções temáticas que os argumentos dos verbos apassiváveis podem tomar, não se podendo definir a passiva como uma construção na qual um Paciente se torna Sujeito e o Agente é rebaixado. Exemplos:

Maria foi premiada pela *professora*.

(Beneficiário - Agente)

O *alvo* foi atingido pela *flecha*.

(Meta- Instrumento)

Aquele *telegrama* foi recebido por *Maria*.

(Tema- Recipiente)

Foley e Valin dividiram as passivas em dois tipos principais:

a) passivas de obliteração - sua função é suprimir o argumento Ator, ou torná-lo um constituinte periférico. Ex:

O que deve ser feito com aquele tigre?

b) passivas de antecipação - sua função é permitir que um argumento não-Ator ocorra como argumento central da oração, chamado Pivô. Ex:

A mulher foi espancada.

Observam também que nas passivas de antecipação do argumento não-Ator nas quais o argumento Ator permanece, esse último é considerado como argumento central da oração. Ex:

²⁸ FOLEY, W. e VALIN, R. **Functional Syntax and Universal Grammar**. Cambridge University Press: Cambridge. 1984.

O homem foi espancado pela mulher. ("O homem, a mulher espancou").

Duarte (1990:146) também critica as duas funções propostas pelos autores, por não considerá-las básicas, pois dados empíricos tanto do inglês como do português e outras línguas não apóiam a função de Antecipação como função universal.

Por outro lado, Duarte (1990:147) observa que em frases como:

1. Foi descoberta a cura do câncer.
2. There was discovered the cure for cancer.
3. Vendem-se carros.

a função de Tematização/Topicalização/Antecipação seria vácuca pois a posição inicial se mantém vazia ou é ocupada por um pronome expletivo.

Em nosso ponto de vista, tais casos correspondem ao que Givón (1990:611-12) denomina de "passivas invertidas" e concluímos que sua função é a defocalização do agente (por ser passiva) e detematização do paciente, por ser invertida.

Voltando ao estudo de Duarte, a autora postula, então, que **a função básica das passivas**, nas duas línguas examinadas, está diretamente ligada ao processo de destituição, defocalização ou obliteração do agente, que designou **Detematização do Agente**. Considera que toda sentença pode ser dividida em duas unidades lingüísticas: Tema (opcional) e Rema (obrigatória), definidas, respectivamente, como as unidades de menor e maior grau de dinamismo comunicativo da sentença, a unidade textual mínima. Esclarece ainda que AGENTE e PACIENTE designam macro-categorias semânticas que englobam, respectivamente, os vários papéis temáticos apresentados pelos dois argumentos obrigatórios das passivas, conforme exemplificado na página 86 (beneficiário/agente, etc).

Embora vários papéis temáticos possam ser atribuídos ao sujeito derivado das passivas, ele jamais poderá exibir o de Agente, que nunca é atribuído ao argumento interno sub-categorizado pelo verbo transitivo. Justifica ainda a escolha do termo DETEMATIZAR pelo fato de englobar fenômenos distintos no

processo de apassivação, como o da omissão do Sujeito/Agente, ou a sua recodificação por meio de um sintagma preposicional ou do clítico pronominal, além de permitir definir a propriedade formal universal das estruturas passivas. E de acordo com outros estudiosos, conclui que **o processo de apassivação é motivado para:**

- 1) omitir o sujeito/Agente que deixou de ser temático;
- 2) colocar o agente não temático em posição remática, a posição de foco sentencial (Jackendoff²⁹,1972; Guéron³⁰, 1980).

De acordo com Duarte (1990:149), em análises quantitativas de textos, feitas por vários lingüistas desde Jespersen³¹ até Givón (1979), a maioria das passivas encontradas não codificam o AGENTE. Em seu estudo sobre as passivas em diferentes tipos de texto escrito tanto em português quanto em inglês, Duarte constatou que 82,7% das sentenças construídas não possuíam agente codificado. A maior frequência de passivas foi encontrada em textos científicos, na maioria das vezes também com omissão do agente. A pesquisadora concluiu também que em contraste com as sentenças ativas, nas construções mediais, o pronome SE apresenta um grau menor de topicalidade conferido ao agente, mas não tão baixo quanto o conferido às passivas analíticas sem o agente pois, apesar de ter esse agente perdido a posição inicial, o SE ainda é uma referência indeterminada do agente.

A partir da determinação da **função primordial e universal das passivas (Detematização do Sujeito/Agente)**, graças a inúmeros estudos comparativos, Duarte indica também outras duas **funções secundárias** conseqüentes:

- **focalização do argumento externo detematizado** (função **remática** - agente expresso na frase passiva, seja por meio de sintagma preposicional ou realizado pelo clítico pronominal nas construções mediais);
- **antecipação do argumento interno** (função **temática** - construção passivo-analítica com sujeito não agente na posição inicial).

²⁹ JACKENDOFF, R. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge; MIT Press, 1972.

³⁰ GUÉRON, J. *On the syntax and semantic of extraposition*. **Linguistic Inquiry**. v.11, n.4, p.637-78. 1980.

³¹ JESPERSEN, O. **The Philosophy of Grammar**. New York: Norton, 1924.

Duarte (1990:157) dá como evidência translingüística contrária à função de Topicalização/Tematização, entre outras, a construção das passivas mediais. Caracterizam-se pela morfologia verbal ativa na terceira pessoa à qual se une o clítico pronominal reflexivo, resultante da reanálise diacrônica da ativa reflexiva, considerada como equivalente pragmática das passivas analíticas. Exemplos:

"Vendem-se casas".

"Se curó a los bruxos".

"Si dicono cose impensabili da parte di tutti ultimamente".

Como as análises formais recentes têm mostrado que a propriedade estrutural característica das passivas é a detematização da posição do Sujeito, Duarte conclui que as evidências formais não só apóiam a análise funcional postulada, mas, sobretudo mostram que há, na verdade, uma relação forte entre o papel funcional do processo de apassivação e suas propriedades estruturais. A nosso ver essa análise de Duarte é compatível com a de Givón porque, ao se detematizar o agente, conseqüentemente se topicalizará um não-agente. Inclusive, em nosso trabalho, as passivas mediais e invertidas encontradas serão comentadas e analisadas no capítulo 4, seção 1, como estruturas 9 e 10. E na seção 4.2 do mesmo capítulo, serão tratadas, numa generalização devida à função que exercem, como estruturas [VS].

2.4.5.9 Construção de tópico

Ao descrever sentenças de tópico-comentário em línguas com proeminência de tópico, Li & Thompson³² (apud Pontes:1987:97) referem-se a construções de duplo sujeito como "os casos mais claros de estruturas de tópico comentário". Segundo a autora, essas construções de duplo sujeito correspondem, em português, ao que a gramática tradicional chama de anacoluto. Como exemplo do português falado no Brasil cita:

³² LI, C. & THOMPSON, S. *Subject and topic: a new typology of language*. In: LI, C. (org) **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976.

"Tina, pode botar a louça na máquina. *E o almoço, eu volto mais cedo.*"

A construção da última sentença é formada por um SN - o tópico - seguido por uma sentença comentário contendo sujeito e predicado. Não há nenhum elemento faltando na sentença ou deslocado, como nas orações com topicalização contrastiva, nem algum "pronomes-cópia" deixado para trás como nas sentenças com deslocamento à esquerda (construção denominada "pleonasma" na gramática tradicional). Os anacolutos são exemplos perfeitos de orações que vão além da sintaxe, pois estão inseridos na pragmática do discurso. Para bem entendermos tal estrutura, precisamos saber o que foi dito antes no discurso, bem como o contexto da situação. Assim, quando temos a estrutura Tópico + Sentença completa, teremos uma Construção de Tópico, conforme designação adotada por Zilles (1992:170). Portanto, na Construção de Tópico (CTop), não há elemento co-referencial nem vínculo sintático evidente entre o elemento preposto e a oração que segue.

Os anacolutos ocorrem em português como introdutores de tópico. O anacoluto não é bem aceito na língua escrita formal e o que corresponde a essa estrutura, nesse registro, são construções começadas por expressões como "quanto a", "com relação a". O exemplo acima se transformaria em:

"Quanto ao almoço, eu volto mais cedo".

A expressão "quanto a " é usada em língua escrita formal, geralmente, para começar parágrafos, podendo, entretanto ser encontrada no meio também, e tem a mesma função que os anacolutos têm em outros registros: chamar atenção para um outro subtópico. Este subtópico, normalmente está relacionado a algum antecedente no texto como uma subparte de um tópico principal, o tópico do texto (Pontes,1987:100).

Concluimos assim, a conceituação e estudo das estruturas marcadas por reordenação de constituintes que nos pareciam indispensáveis para realizarmos a análise do corpus de nossa pesquisa, para que pudéssemos, com clareza, diferenciá-las, tentar classificações e agrupamentos. No quadro a seguir, sintetizamos as funções das construções marcadas focalizadas nesta seção.

Quadro 7 - Funções das estruturas marcadas

Estruturas		Funções
TopC		contraste, reiteração, inclusão, especificação sinalização de fim de subtópico introdução de novo tópico retomada de tópico anterior com contraste
Reordenação de [Oi] no lugar de [Od]		contraste
DE		retomada de tópico contraste, ênfase reiteração
DD		retomada de referente tópico sinalização de fim de cadeia
SC	CLIV	repetição de conteúdo proposicional sinalização de fim de subtópico e mudança de turno
	"É QUE"	contraste, questionamento retomada de tópico após digressão
	PC	introdução de referente novo apresentação de generalização
Construções existenciais		sinalização da imprevisibilidade da referência
Construções [V][S]		continuidade do tópico [+ previsível] apresentação de tópico [-importante] transição entre macro-estruturas
Construções passivas (pass. medial)		detematização do sujeito/agente focalização do argumento externo detematizado (função remática)
	(pass. invertida)	detematização do sujeito paciente
Construção de tópico		retomada de tópico discursivo introdução de tópico.

Como na introdução de nosso trabalho levantamos a hipótese de que os bons textos dissertativos escritos possivelmente sinalizam, através de estruturas sintáticas diferentes de SVO, concomitante com sua divisão em parágrafos, a saliência de um constituinte em relação aos seus opostos, marcando a continuidade ou descontinuidade do tópico na medida em que hierarquizam para o leitor a importância ou imprevisibilidade da informação, reproduzimos, na seção seguinte, textos extraídos de jornais e escritos por profissionais reconhecidos por sua qualidade com o objetivo de demonstrar a incidência ou não de estruturas marcadas por reordenação de constituintes na produção escrita dissertativa desses autores.

É importante observar que a reordenação de constituintes na análise dos textos autênticos e dos textos de vestibular, muitas vezes inclui constituintes oracionais, que funcionam como sujeito, objeto ou adjunto adverbial da oração, por exemplo, e sem os quais, a construção dessa oração estaria incompleta.

2.5 Estruturas marcadas em textos dissertativos autênticos

Recolhemos inúmeros textos autênticos de jornais de várias localidades do país, no decorrer de nossa pesquisa, que confirmavam a utilização sistemática de reordenação de constituintes pelos autores desses textos dissertativos, apresentados como editoriais e comentários formadores de opinião. Selecionamos apenas dois para apresentarmos, para não nos alongarmos demasiadamente neste trabalho, salientando e comentando as estruturas marcadas e sua função em relação a sua localização no parágrafo e no texto.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 28 de junho de 1996.

Brasília URGENTE

Mônica Waldvogel

Tragédias e surpresas

Brasília (ALÔ) - É nas grandes tragédias **que (1)** o Brasil mais surpreende seus filhos. **Lembre-se (2)** do caso da clínica Santa Genoveva, no Rio de Janeiro. **Foi preciso quase uma centena de**

mortes (3) para que **se descobrisse que a internação de idosos com poucas chances de cura era um filão dos mais rentáveis no ramo da saúde.** **(4)** Poucos sabiam da existência de clínicas como aquela, onde **sedisputava na rede pública a transferência de pacientes chamados "fora de possibilidade terapêutica".****(5)** **Aos velhinhos (6),** pouco tratamento era oferecido - afinal, eles não tinham mesmo nenhuma chance. Mas **para os proprietários da clínica (7),** era um meio barato de sangrar recursos do Ministério da Saúde.

A capacidade das diversas esferas governamentais de produzir surpresas parece mesmo inesgotável. A cobertura jornalística do assassinato de Paulo Cesar Farias acabou se transformando numa implacável investigação sobre os métodos heterodoxos da polícia alagoana. **Ao invés da busca a um assassino mais provável do que a bela namorada do morto (8),** os repórteres conseguiram produzir uma caçada aos erros dos policiais de tirar o folêgo. Entretanto **surge outra revelação (9),** daquelas que fazem qualquer cidadão sentir a adrenalina correndo nas veias.

Foi a história (10) de que a Polícia Militar compra armas para revendê-las a seus soldados. **Não são só os alagoanos (11)** que precisam ficar preocupados. **Pelas declarações das autoridades (12),** essa é uma prática generalizada nos estados. E pior: aparentemente legal.

O bom senso faz um brasileiro imaginar que não interessa à polícia que a população se arme. Ao contrário, **espera-se da polícia que combata o comércio ilegal de armas (13),** que controle a venda e a posse. **Imagina-se (14) também que ao soldado (15) só seja permitido andar armado em serviço.** A troco de que **vendem-se armas para o uso particular de um policial?(16)**

No caso de Alagoas (17), as autoridades dizem que os baixos salários obrigam os PMs a fazer bicos como seguranças particulares, para facilitar a tarefa extracontratual. **É que (18) se oferecem, a preços módicos, e condições paternais de compra, os revólveres (19)** que a corporação encomenda diretamente do fabricante. No entanto, **não sobram dúvidas (20)** sobre o que acontece com as armas adquiridas pelos soldados: a ciranda do revólver comprado pela

namorada de PC demonstrou com quantas mãos **se faz um comércio ilegal de armas oficiais.(21)**

Se esta prática é correta (22), as autoridades de Brasília a Maceió têm de explicar melhor por quê. **Se alguém pensa num argumento a favor desta excrescência (23)**, terá de passar por cima do melhor de todos os contra: **foi uma armadilha da polícia que matou duas pessoas (24). Precisa mais?(25)**

O texto de Mônica Waldvogel já começa com uma estrutura sintática marcada (1- sentença clivada) com a função de apresentar uma generalização na abertura do parágrafo. O texto prossegue através de uma oração imperativa (2) com verbo reflexivo inicial, chamando a atenção do leitor e incluindo-o como "um dos filhos do Brasil" da oração anterior, em função continuativa. No mesmo parágrafo, temos a continuidade do tema (tragédia - caso da clínica Santa Genoveva) através da estrutura [Vlig] [Pred] [Suj] (3), que introduz um tópico [+ previsível] - uma centena de mortes. As estruturas 4 e 5 são passivas mediais e invertidas com sujeito oracional posposto. Estas estruturas sinalizam a previsibilidade do agente através do clítico "se"(refere-se "aos filhos do Brasil") e introduzem subtópicos constituídos pelos sujeitos pacientes, com a função de continuidade temática. Em (6) temos a retomada do subtópico "pacientes fora de possibilidade terapêutica" pelo constituinte "aos velinhos", em início de parágrafo, numa topicalização contrastiva (TopC) do objeto indireto (OI). Segue-se em (7), outra Top C do OI, num paralelismo de construção, mas desta vez com função de contraste, quebrando a continuidade do tópico anterior e fechando a exposição argumentativa do parágrafo com marcação de fim de subtópico.

Na metade do segundo parágrafo surge outra TopC (8) com a função de contraste com retomada de subtópico (a busca de um assassino). Em (9) temos uma construção VS, marcando transição de tópico, com o verbo "surgir" que apresenta o tópico "outra revelação", criando expectativa para o comentário que será veiculado no parágrafo seguinte. Por esse motivo, o parágrafo 3 abre com omissão do tópico (10) e desenvolve o comentário. Então, no parágrafo 3, aparece a estrutura marcada (11)- que assinala, pela TopC do [Ccirc]-"não", a função de contraste e a condição semi-ativa da referência "alagoanos". O parágrafo termina com outra Top C (12) do [Ccirc]-"pelas declarações das autoridades", também com função de contraste.

As passivas mediais (13 e 14) situam-se no meio do parágrafo 4, de acordo com a função continuativa prevista para as estruturas VS, sendo que a TopC (15) do objeto indireto-”ao soldado” foi usada como contraste, no meio do parágrafo. Marcando o fim do parágrafo temos, além de uma oração interrogativa, uma estrutura passiva medial (16), classificada em nosso trabalho como VS, o que justifica sua localização em fim de turno, conforme teoria explicitada anteriormente.

O parágrafo 5 abre com uma TopC (17) de um [Ccir]-”no caso de Alagoas”, com função de marcação circunstancial e importância local. Em (18) temos uma SC - construção enfática "é que" com omissão de sujeito (a verdade), surgida pelo questionamento do conteúdo da própria SC. Observa-se também a construção passiva medial (19) intercalada que aumenta a marcação da estrutura por reordenação de constituintes pela detematização do tópico "revólveres". A frase final do parágrafo 5 começa e termina com orações marcadas. Em (20) temos uma TopC constituída por [Ccirc][V][S] com função contrastiva expressa pelo “não” que enfatiza a idéia de oposição já introduzida pelo operador discursivo “no entanto” que antecede o advérbio. Em (21), encontramos uma VS constituída por passiva medial com função de marcação de fim de subtópico

O último parágrafo do texto abre com a anteposição de uma oração subordinada (22) considerada como um caso de TopC de [Ccirc] com função contrastiva. O mesmo pode ser dito com relação à construção (23). Por fim, o texto apresenta uma Cliv (24) que, de acordo com sua função básica contrastiva, apresenta algo novo que contraria as expectativas (“armadilha da polícia que matou duas pessoas”) e, indiretamente, retoma o conteúdo proposicional previamente apresentado no discurso anterior (métodos heterodoxos da polícia, erros..), sinalizando fim de tópico. Encerra-se o texto com uma estrutura interrogativa (25), considerada altamente marcada com relação à frase declarativa SVO, conforme consta na parte teórica sobre construções tópicas marcadas.

Verifica-se, portanto, que em quatro dos seis parágrafos sinalizados por alínea, tanto a abertura quanto o fechamento foram reforçados com o uso de reordenação de constituintes. Na verdade, foram vinte e cinco estruturas marcadas por reordenação de constituintes, situadas em lugares estratégicos dos seis parágrafos do texto e com funções específicas que organizaram o fluxo das

informações de forma a sinalizar, para o leitor, a imprevisibilidade da informação, chamando-lhe a atenção. Feita a contagem geral das orações (58), verificamos que essas estruturas marcadas correspondem a 43,10% do total das estruturas oracionais do texto de Waldvogel.

Apresentamos, a seguir, um segundo texto retirado dos editoriais do jornal Zero Hora, o que nos leva a supor que possa ter sido escrito pelo Diretor Editor ou outro jornalista responsável pela função de editorialista.

HORA

Porto Alegre, 11 de dezembro de 1996 ZERO

EDITORIAIS

Um país mutante

No Brasil (1) é o torto princípio da instabilidade que (2) costuma presidir as relações entre os cidadãos e o Estado. Somos um país mutante porque volúvel e insegura (3) é a tecnocracia ainda enquistada nos mais altos escalões decisórios da República. Praticamente a cada ano (4), trocam-se as normas (5) para o financiamento das safras, no geral em desfavor de quem quer semear e colher riquezas para este país. Modificam-se também as regras de aquisição da moradia (6), tornando-se a casa própria (7) um sonho distante. E altera-se a declaração do imposto de renda (8), reduzindo-se as possibilidades de abatimento de despesas.(9)

É o que (10) acaba de ocorrer pela enésima vez. Um canetaço eliminou grande parte das deduções na área da educação. No ano base de 1996, em pleno curso, só poderão ser descontados dispêndios (11) com o ensino formal, descartados todos os demais. Entre estes (12) situam-se os cursos de idiomas estrangeiros. Ao que parece (13), não chegou à Receita remota notícia de um processo chamado globalização (14). Não (15) passou também pela cabeça dos zelosos funcionários que esta nação é membro de um bloco conhecido como Mercosul, que se vem consolidando a cada passo e que por isso mesmo desperta forte interesse no aprendizado do espanhol. E no momento (16) em que ganha corpo a mobilização (17) da sociedade para amparar os meninos e meninas de rua, não mais poderão ser

consideradas as contribuições a entidades (18) que cuidam de menores abandonados. **Como se vê (19)**, o contra-senso é gigantesco.

Como de hábito (20), o arrocho vai atingir principalmente a classe média, os assalariados que não têm como escapar à mordida do Leão, pois sofrem descontos em folha. A explicação do hierarca do fisco é uma pérola. **Segundo ele (21)**, há os que acreditam que este tipo de dedução é elitista, pois as pessoas com menos recursos normalmente não têm este tipo de gasto. **Ao que (22)** se poderia acrescentar que igualmente estão isentas do IR. **Em verdade, em nome de vagas crenças como a citada (23)**, o governo demonstra que continua enredado na confusão tributária nacional, um imbróglio de 59 gravames, envolvida em um tal cipoal regulamentador que se torna um convite à sonegação. **É inconcebível sua incapacidade de encontrar soluções permanentes e simples (24)** para que os contribuintes honrem seus compromissos sem sustos nem transtornos. Os novos cortes, ademais, frustram expectativas de direito indiscutíveis, para que muitos não tenham de procurar remédio batendo às portas da Justiça. O mais lamentável, contudo, **é que (25), para tapar os seus rombos(26)**, a administração federal busca o expediente mais injusto, levando a mão ao bolso dos trabalhadores.

Como podemos observar, temos acima um texto com apenas três parágrafos e 51 orações, mas com 26 estruturas construídas com reordenação de constituintes. Portanto, as estruturas marcadas correspondem a 50,98% do texto. Todo início e fim de parágrafo vem marcado com estruturas diferentes de SVO e elas se espalham também pelo interior destes parágrafos. É um texto argumentativo, no qual o autor expõe sua opinião e critica as leis do país, expondo os contrastes de situações. Este relevo das contradições que o autor tem urgência de informar, aparece também reforçado na estruturação sintática das orações por ele construídas. Analisemos.

O texto começa com uma TopC (1) do [Ccir]-"no Brasil", seguida de uma CLIV (2), marcando a importância circunstancial do lugar e mostrando que o conteúdo da CLIV é contrário à expectativa. Segue-se em (3) uma TopC do predicativo que retoma a ideia de "país mutante" da oração anterior ao atribuir-lhe uma causa qualitativa. Completa-se a estrutura (3) com uma [VS] de apresentação

de subtópico (tecnocracia). Em (4) temos uma TopC de [Ccir] com função de marcação de universo temporal, seguida de uma passiva medial (5) com função de garantir a manutenção do tópico [+ importante] inicial (“torto princípio da instabilidade”) por apresentar, assim como as estruturas (6), (7), (8), (9) subtópicos de nível semântico-discursivo em posição pós-verbal.

No início do segundo parágrafo, surge outra CLIV (10), para retomada geral do tópico discursivo. Em (11) temos uma TopC com função de especificar uma circunstância e em (12) outra TopC e passiva medial, no meio do parágrafo, com a função de introduzir subtópico. A TopC circunstancial de (13) é entrecortada em (14) com a função continuativa de uma estrutura VS. Na frase seguinte repete-se a mesma seqüência de estruturas marcadas (14) e (15). Nesses casos, (14) e (15), trata-se de continuidade temática, pois a estrutura [VS] serve aí para apresentar subtópicos de [importância]-”notícia de um processo chamado globalização/esta nação é membro de um bloco conhecido co Mercosul” que desenvolvem o tópico “Entre estes”(12)- (dispêndios descartados). Em (16) temos uma TopC de [Ccirc] seguido de [VS] (17) que introduz subtópico de importância local (a mobilização da sociedade). As estruturas (18) e (19) são TopC que evidenciam contraste e ênfase, respectivamente. A estrutura 18, topicalizando [Ccirc]-”não mais” seguido de estrutura passiva, tem a função de contraste com a detematização do sujeito/agente já referido em oração anterior (a sociedade). Em (19) temos um constituinte oracional topicalizado cuja função sintática é de [Ccirc]-”como se vê” e é considerado, em nossa análise, uma TopC com função de ênfase por sua maior relação com o reforço do contraste temático no texto.

Com uma TopC com função de marcação de universo (20) o autor abre o parágrafo 3, fazendo em (21) outra TopC para retomada do subtópico anterior. Outra retomada acontece em (22) e, em (23), a TopC volta a ser circunstancial, introduzindo novo subtópico (o governo). A função da estrutura (24) [V Pred. Suj] é de introdução de tópico de importância local (incapacidade de...). O texto é concluído com uma estrutura clivada (25) “é que”, havendo retomada do tópico e contraste apresentado pelo questionamento da própria CLIV. Há, inclusive, em (26), uma TopC de [Ccir] oracional que se intercala na oração clivada, marcando ainda mais o contraste e ênfase final desta última oração do texto.

Pelas observações feitas a respeito da incidência de uso e relação entre a função e localização das estruturas sintáticas diferentes de SVO dos textos dissertativos apresentados, acreditamos ter demonstrado que textos dissertativos autênticos utilizam-se dessas estruturas para marcar continuidade ou descontinuidade do tópico, hierarquizando a importância e assinalando a imprevisibilidade da informação.

Cabe aqui uma pergunta. Como seriam estes textos sem as estruturas marcadas? Qual é o efeito se reconstruirmos o texto na ordem SVO unicamente? Melhor ou pior? Observemos como fica o primeiro parágrafo do texto 2, reescrito na ordem direta:

Um país mutante

O torto princípio da instabilidade costuma presidir as relações entre os cidadãos e o Estado no Brasil. Somos um país mutante porque a tecnocracia ainda enquistada nos escalões decisórios mais altos da República é volúvel e insegura. Trocam as normas para o financiamento das safras, em geral em desfavor de quem quer semear e colher riquezas para este país, a cada ano, praticamente. Modificam as regras de aquisição da moradia também. A casa própria torna-se um sonho distante. Alteram a declaração do imposto de renda, reduzindo as possibilidades de abatimento de despesas.

A eliminação da primeira TopC do texto original, no início do parágrafo, faz com que se perca a determinação circunstancial que é sugerida indefinidamente no título (Um país...). Por outro lado, desaparece a construção “é que”, sugestiva de uma expectativa contrária por parte do autor. Perde-se, assim, a percepção da imprevisibilidade da informação que a CLIV do texto autêntico passa. Mais adiante, sem a TopC do predicativo, quebra-se a ênfase da justificativa de por que o país é mutante e com o sujeito “tecnocracia enquistada” colocado antes do verbo, essa informação passa a ser [+importante] do que seu predicativo que, na verdade, contém a informação [-previsível] e argumentativa. A seguir, o deslocamento da marcação do universo circunstancial temporal (4) da abertura da sentença para o seu final, faz com que essa informação seja percebida como [+previsível] ou [- importante], destruindo a intenção e o foco argumentativo do autor. E, para finalizar, a função continuativa da estrutura VS, que surge na forma de passivas mediais no final do parágrafo, apresentando subtópicos, desaparece ao se transformar em SV. Os sujeitos, apesar de elípticos (eles) passam a ser [+

importantes], por sua persistência, em detrimento dos subtópicos que deveriam evidenciar sua importância local para o desenvolvimento temático do tópico principal: o torto princípio da instabilidade.

Vemos ainda que o texto autêntico se apresentou com marcação por reordenação de constituintes, tanto na abertura como no fechamento do parágrafo, sinalização essa abolida no texto alterado para ordem direta. Numa leitura comparativa, percebe-se que o texto autêntico possui mais força ilocutória expressa através das construções sintáticas marcadas por reordenação dos constituintes. No planejamento a nível sentencial, o autor deste texto autêntico e argumentativo, em seu ato de escritura, optou pelas estruturas marcadas para construir seu ato diretivo de convencimento do leitor. Sem dúvida, o texto autêntico desperta mais a atenção do leitor uma vez que insinua e reforça sua argumentação pela distribuição da informação em local privilegiado do texto, coincidindo a abertura e fechamento do parágrafo com estruturas marcadas, funcionalmente específicas.

Com a alteração do texto autêntico, criou-se um texto “plano”, conforme designação usada por nós ao longo deste trabalho.

É interessante, no entanto, observar ainda que nem todas as construções marcadas por reordenação de constituintes previstas no referencial teórico foram encontradas nos textos autênticos. Não houve DE, DD, reordenação do objeto indireto no lugar do objeto direto e nem construção de tópico. Isso parece confirmar a estigmatização de estruturas pleonásticas e do anacoluto no texto escrito construído por produtor com alto nível de escolarização.

Quanto à quantidade de estruturas marcadas por parágrafo, observamos que, nos textos autênticos foram encontradas, no mínimo, duas estruturas marcadas (texto 1, parágrafo 2), e que uma delas marca juntura ou transição de um parágrafo para outro, funcionando de “gancho”. Por outro lado, o texto 2, no segundo parágrafo apresenta dez estruturas marcadas, desde o início até o fim do parágrafo, com funções distintas, conforme já analisamos. Em média, considerando todos os parágrafos e estruturas marcadas dos textos autênticos, teríamos a construção de 6,3 estruturas por parágrafo.

A verdade é que nesses dois textos de autores especializados e tomados aleatoriamente entre vários selecionados, temos um total de 109 orações com 51 marcadas por reordenação de constituintes, o que equivale a dizer que 46,78% das estruturas usadas são marcadas e que a localização dessas estruturas é significativa funcionalmente, como tentamos demonstrar pela análise feita. Isso demonstra que, em textos autênticos, produzidos para comunicar, persuadir, argumentar, as estruturas marcadas são amplamente utilizadas. Mas quando é que se fala sobre isso na escola?

Precisamos, agora, explicar a metodologia de trabalho que nos propiciou descobrir que estruturas diferentes de SVO foram utilizadas nas redações de vestibular, quais as características do corpus (amostra e população), como se deu a coleta de dados e o encaminhamento da análise.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização do corpus

Esta pesquisa utilizou como corpus para a análise, as redações dissertativas da prova de vestibular (julho de 1995) da Universidade Católica de Pelotas. Foram selecionadas dezoito redações que obtiveram as melhores notas, segundo informações do Centro de Processamento de Dados (CPD) da UCPel, sendo agrupadas segundo a área de interesse do redator: seis textos da área 1 (Ciências Médicas e da Saúde), seis textos da área 2 (Ciências Exatas), seis textos da área 3 (Ciências Humanas).

Achamos importante registrar a área de interesse em função das expectativas que explicitamos a seguir. A reordenação de constituintes tem sua base de construção no princípio de urgência da informação, que é norteado pelos parâmetros cognitivos de importância e previsibilidade. Essa percepção é indispensável para o uso adequado da reordenação de constituintes que seja, realmente, motivado por um princípio funcional. Pensamos, então, que se poderia esperar melhor manejo da língua nos candidatos da área 3 por uma suposta afinidade/interesse em trabalhar com linguagem. Talvez, também, esperar textos menos elaborados na área 2 por suposta preferência desses candidatos por linguagens formais, matemáticas.

Quanto à área 1, devido à alta competitividade ocasionada pela grande demanda de candidatos, cada vez mais treinados em cursinhos pré-vestibular, o que leva esta área a obter, geralmente as melhores notas no total das disciplinas, ficamos em dúvida. Será que todo esse treinamento levaria o aluno a perceber com mais facilidade a urgência da tarefa comunicativa, dispondo a informação de acordo com seu grau de importância e/ou imprevisibilidade e com isso, criando mais estruturas marcadas na construção do texto? Será que as notas obtidas têm relação

com o maior ou menor uso de estruturas marcadas no texto dissertativo dos vestibulandos?

Também nos certificamos de que todos os redatores tivessem o português como sua língua nativa. A idade média da maioria (61,11%) estava entre 16 e 21 anos e, dos restantes, somente um ultrapassou 27 anos. Na percentagem geral, 50% dos redatores eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Se verificarmos por área de interesse, entretanto, houve preponderância do sexo feminino (66,66%) na área 3-Ciências Humanas, enquanto que na área 1-Ciências Médicas e da Saúde, o mesmo percentual (66,66%) corresponde ao sexo masculino. Na área 2-Ciências Exatas, 50% era do sexo feminino e 50% era do sexo masculino.

Quanto à escolaridade, 88,88% dos vestibulandos concluíra o 2º grau tradicional, estando incluídos aí todos os da área 1 e da área 2. Em cursos supletivos formaram-se somente 11,11% dos alunos que, coincidentemente, pertenciam à mesma área de interesse: Ciências Humanas-área 3.

Foram considerados, nesta pesquisa, os textos que obtiveram as melhores notas, mas, ainda que a a redação valesse (10) dez, as melhores notas variaram de 6 (seis) a 8 (oito), com os seguintes percentuais:

Área 1-Ciências Médicas e da Saúde (CMS): 16,66% - 8
 33,32% - 7
 50% - 6

Área 2-Ciências Exatas (CE): 16,66% - 7
 83,33% - 6

Área 3- Ciências Humanas (CH): 50% - 8
 50% - 7

Como se pode concluir pelos dados acima, quanto à avaliação feita pela equipe de correção de redações do vestibular da UCPel, os textos produzidos pela área 3-CH foram os que obtiveram melhores notas, em sua maioria. A seguir colocaram-se os textos da área 1-CMS, e, por último, os da área 2-CE.

Quanto à escolha do tipo de texto para constituir o corpus desta pesquisa, o texto dissertativo foi eleito por seu caráter argumentativo, que exige, segundo Charolles (1990), um trabalho de reflexão, conceituação, implicando capacidades de generalização, distanciamento, categorização, tudo embasado em experiências e percepções pessoais, além do domínio de formas de expressão ligadas a essa forma de conceituação. Para Charolles, uma boa redação dissertativa manifesta a capacidade do redator de conduzir como um guia a interpretação do leitor, sabendo chamar sua atenção através da construção textual, hierarquizando as informações, ao mesmo tempo em que faz recapitulações parciais que mantêm o interesse e a compreensão. Nessa hierarquização das informações situa-se nossa expectativa de uso de estruturas marcadas.

Quanto ao agrupamento dos textos por área de interesse do redator, pensou-se, em primeiro lugar, averiguar qual grupo usa mais estruturas marcadas no geral. Verificar a seguir, pela percentagem geral, se esse uso das estruturas e sua localização enquadram-se às funções e localização previstas pela teoria.

Além do mais, na medida que se descobrisse qual das três áreas de interesse sinalizaria mais e com adequação para o leitor, o grau de importância e/ou imprevisibilidade da informação através de estruturas marcadas por reodenação de constituintes, poderia ser verificado se existia, coincidentemente, um resultado melhor na avaliação dos professores.

É preciso esclarecer ainda que todas as redações versavam sobre a mesma proposta temática: a situação brasileira após um ano do Plano Real. Sendo um assunto extremamente discutido por todas as camadas sociais e meios de comunicação, além de a prova do vestibular trazer partes de textos jornalísticos para leitura, como incentivo para o desenvolvimento de argumentação individual do vestibulando, considerou-se a possibilidade de o grau de informação sobre o tema ser suficiente para todos os candidatos, independente de sua área de interesse. Na realidade, todas as redações apresentaram posicionamentos definidos a favor ou contra o Plano Real, o que demonstrou conhecimento do assunto, embora algumas, com repetição de vários clichês. As dezoito redações analisadas constituem a segunda parte de nossos anexos. Quanto aos critérios que nortearam a avaliação das redações do vestibular/95 da UCPel, já os explicitamos em nosso suporte

teórico (capítulo 2), quando falamos sobre características do texto dissertativo, seção 2.3.1 (página 29).

3.2 Levantamento de dados e procedimentos de análise

Foi feita a contagem de todas as orações e o levantamento e cópia das estruturas com ordem diferente de SVO encontradas nas dezoito dissertações, previamente selecionadas pelas melhores notas obtidas no vestibular, conforme explicamos na caracterização do corpus. A partir dessa etapa, identificamos os constituintes deslocados e agrupamos as orações em doze estruturas diferentes, de acordo com a reordenação de seus constituintes, registrando, na cópia de cada oração, a área de interesse do produtor do texto (A1,A2,A3), o número do texto de cada área (T1,T2,T3T4,T5,T6), o número do parágrafo onde se encontrava a estrutura (P1, P2, P3, P4) e a localização da estrutura no parágrafo- (início (I), meio (M), fim (F)).

Conforme enfatiza Bessonat (1988:85), também a mudança de parágrafo é sinal de descontinuidade de tópico e deveria estar sinalizada por recursos lingüísticos pois tópicos e subtópicos também se organizam em camadas, precisando ser apreendidos. O parágrafo tem, pois, a função de facilitar e programar a leitura, permitindo que ela se realize tabularmente. Marcas de abertura e fechamento do parágrafo, como conectores lógicos, são citados pelo autor para determinar etapas sucessivas do texto argumentativo. Quando se constrói o parágrafo, supõe-se relação entre as estruturas cognitivas do escritor expostas no texto e as do leitor, que são ativadas no momento da leitura. Isso justifica nosso interesse em verificar a situação das estruturas marcadas dentro do parágrafo (início, meio ou fim) e também em que parágrafo do texto dissertativo se localizaram.

Nossa expectativa era de que o candidato sinalizasse, pelo menos, a abertura ou o fechamento do parágrafo do texto dissertativo com alguma marca sintática que indicasse a disjunção temática cuja existência a própria escola enfatiza ao aluno, dizendo que é preciso mudar de linha, quando o texto muda de subtópico. Também no interior do parágrafo, à medida que o grau de previsibilidade e/ou importância da informação muda, de acordo com a percepção do redator, sua

intenção e competência lingüística, são esperadas variações sintáticas, diferentes de SVO.

Baseados nos estudos sobre estruturas marcadas por reordenação de constituintes e suas funções, apresentados em nosso suporte teórico e que focalizam nove estruturas típicas e diferenciadas, ou seja, topicalização contrastiva (Top C), reordenação do objeto indireto no lugar do objeto direto, deslocamento à esquerda (DE), deslocamento à direita (DD), sentenças clivadas (CLIVs), construções existenciais, construções VS, construções passivas, construção de tópico (CTop), estabelecemos a listagem com os doze tipos de estruturas marcadas por reordenação de constituintes encontrados em nossa coleta de dados, a saber:

- 1-[Vlig] [Pred] [Suj]
- 2-[V] [Suj]
- 3-[Vexist] [SN]
- 4-[Ccirc] [Suj] [V]
- 5-[Ccirc] [V] [Suj]
- 6-[Ccirc] [Vexist] [SN]
- 7-[O] [Suj] [V]
- 8-[V] [Oi] [Od]
- 9-passiva medial
- 10-passiva invertida
- 11-Expressão de introdução de tópico
- 12-Pseudo-clivada

No capítulo seguinte, descrevemos e analisamos essas estruturas marcadas encontradas nas dissertações, agrupando-as pela semelhança de reordenação de constituintes, classificando-as, verificando sua freqüência de uso, ao mesmo tempo em que relacionamos sua localização no parágrafo e no texto com as funções previstas para elas, pela teoria.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Descrição e análise geral dos dados

Com o objetivo de identificar e classificar as construções marcadas que envolvem reordenação de constituintes, encontradas nas dissertações escritas dos vestibulandos de 1995 da Universidade Católica de Pelotas, primeiramente, foram transcritas 78 estruturas diferentes de SVO, independente da área de interesse do redator. A tabela abaixo registra a porcentagem de estruturas marcadas e não marcadas dos textos analisados, num total de 533 orações.

Tabela 1 - Total de estruturas marcadas e não marcadas

Estruturas marcadas	78	14,63%		
Estruturas não marcadas	455	85,36%		
orações	533	100%	Total	de

A tabela 1 nos mostra que somente 14,63% das orações apresentaram estruturas marcadas, considerando os textos de todas as três áreas. Este resultado confirma nossa hipótese de que mesmo os melhores textos dissertativos dos vestibulandos usam poucas estruturas marcadas por reordenação de constituintes. Já nos textos autênticos estudados 46,78% das orações são marcadas. Essa diferença tão grande nos sugere que os textos dos vestibulandos são menos elaborados.

Observamos que oito dos doze tipos de estruturas identificadas simplesmente moviam de lugar o constituinte, sem que houvesse qualquer outro recurso sintático envolvido. Esse primeiro tipo de estruturas marcadas apenas por reordenação de constituintes foi enquadrado no grupo A. Consideramos do grupo B, as orações que exigiam, para sua estruturação, recursos sintáticos mais complexos como desdobramento do verbo em locução, inserção de pronomes apassivadores (no caso das passivas), construção clivada e a construção de tópico que reflete uma organização linear que escapa ao controle da sintaxe da oração.

A tabela 2 nos mostra a distribuição das estruturas em tipo A ou B e o número total de ocorrências dentro de cada tipo com suas respectivas percentagens.

Tabela 2 - Distribuição das estruturas marcadas do Grupo A e do Grupo B

Nº de tipos		Nº de estruturas		Grupo	A
8	66,66%	67	85,89%	Grupo B	4
33,33%	11	14,10%			

Verificamos que o Grupo A, que corresponde a estruturas marcadas com construção sintática somente envolvendo reordenação de constituintes, foi o mais usado nas dissertações, com uma percentagem igual a 66,66%. Os números de ocorrências, envolvendo todos os tipos do grupo A, correspondeu a um percentual ainda maior, 85,89% das estruturas. Isso revela a preferência dos vestibulandos por estruturas mais simples, embora com o deslocamento de constituintes variados. Essa preferência por estruturas mais simples pode estar relacionada com uma estratégia de produção textual na qual o escritor opta por correr menos riscos, tendo em vista que as dissertações são escritas para serem avaliadas por sua correção gramatical, principalmente.

Na tabela seguinte registramos o total de orações e parágrafos em cada um dos seis textos das três áreas de interesse.

Tabela 3. - Total de orações e parágrafos dos textos dissertativos analisados

Textos	Área 1		Área 2		Área 3	
	orações	parágr.	orações	parágr.	orações	parágr.
1	22	4	19	4	47	8
2	32	4	23	4	35	4

3	41	4	30	5	19	3
4	21	4	45	3	26	4
5	35	5	29	3	27	4
6	23	4	30	4	29	4
Total	174	25	176	23	183	27
%	32,64%	33,33%	33,02%	30,66%	34,33%	36%

A partir dos dados da tabela 3, podemos verificar que foram construídas 533 orações e sinalizados setenta e cinco parágrafos no total das dezoito dissertações (seis de cada área de interesse).

Cotejando a tabela 1(p. 107) com os dados da tabela 3, podemos verificar que o número de orações marcadas aproxima-se muito do número de parágrafos (78 estruturas marcadas 75 parágrafos). Numericamente, isso poderia sugerir a intenção do produtor de texto de usar um recurso de marcação por parágrafo, seja no início, meio ou fim, através de estruturas diferentes de SVO, para sinalizar ao leitor o maior ou menor grau de importância e/ou previsibilidade da informação. Mas isso não é verdade, porque houve vários parágrafos que não apresentaram qualquer reordenação de constituintes. Se compararmos com os textos autênticos, veremos uma diferença gritante. Em um total de oito parágrafos, os textos autênticos apresentaram 51 estruturas marcadas, o que significa uma média hipotética mínima de 6,3 estruturas marcadas por parágrafo.

Analisando os dados da tabela 3, vê-se que foi a área 3 (CH), o grupo que mais sinalizou o texto tabularmente (27 parágrafos), seguido de perto pela área 1 (CMS) com 25 parágrafos. Também a área 3 construiu mais orações (34,33%), embora com um percentual não muito diferente das outras áreas.

Conforme dados das tabelas 3 e 16 (p.127), a área 1 escreveu menos orações com maior número de estruturas marcadas e um número de parágrafos pouco inferior ao da área 3. Isso nos sugere que tenha um discurso mais forte, no sentido de optar por maior contraste em sua argumentação, gerando mais estruturas marcadas, enquanto a área 3 dilui sua argumentação em uma organização tabular do texto, sinalizando o contraste também através da alínea, e, talvez, de outros seqüencializadores enfatizados nos livros didáticos e não considerados nesta pesquisa.

Passamos a descrever os doze tipos de estruturas marcadas encontrados no corpus de nossa pesquisa e que foram enquadrados, conforme explicamos anteriormente (p. 107-8), em dois grupos: A e B.

Grupo A- Como construções marcadas apenas por reordenação de constituintes (ordem não canônica), foram classificadas oito estruturas a seguir descritas e exemplificadas.

Estrutura 1 - [Vlig] [Pred] [Suj]

Constituída por verbo de ligação, predicativo e sujeito, a estrutura 1 foi ainda classificada sob dois aspectos:

a - se o sujeito fosse representado por SN;

b - se o sujeito fosse representado por oração.

Exemplos:

1.a.- (A1T1P1F) -A atual situação do Brasil inspira cuidados, pois além de não ser tratada como uma prioridade essencial, como deveria, apresenta profundas irregularidades. **Torna-se cada vez mais comum a cena de pessoas desempregadas** e necessitando de ajuda, principalmente do governo.

1.b.- (A1T3P3I)- **É claro que todas essas mudanças são muito pouco ainda**, o Brasil precisa mudar muito mais para se tornar desenvolvido, mas o difícil é começar e foi dado início no processo de restauração do país e agora não depende apenas dos políticos mas sim de todo povo brasileiro. As pessoas mudaram, estão vendo o mundo de outra forma e perceberam que se todos não se unirem e lutarem pelos seus ideais tudo continuará como sempre foi. O processo de impedimento do presidente Fernando Collor de Mello foi um grande exemplo de que a população quer mudança.

Como os verbos de ligação ou relacionais ligam ou relacionam o predicativo ao sujeito, sendo apenas uma parte integrante do predicado, dividimos o sujeito em SN ou SN oracional para verificar se haveria maior incidência, então do sujeito oracional, para suprir a falta do verbo nocional.

Nas tabelas 4 e 5, mostramos o percentual de uso da estrutura 1- [Vlig][Pred][Suj] com relação à sua localização no parágrafo e no texto, respectivamente.

Tabela 4- Localização da estrutura 1 no parágrafo

Local. no parág.	a) [Suj]=SN		b) [Suj]=oração		Total
I	1	7,14%	4	28,57%	5 35,71%
M	2	14,28%	2	14,28%	4 28,56%
F	2	14,28%	3	21,42%	5 35,70%

Tabela 5- Localização do parágrafo com a estrutura 1 no texto

Local. no texto	a)[Suj]=SN		b)[Suj]=oração		Total
P1	1	7,14%	2	14,28%	3 21,42%
P2	0	0%	4	28,57%	4 28,57%
P3	1	7,14%	1	7,14%	2 14,28%
P4	3	21,42%	2	14,28%	5 35,70%

A estrutura 1 situou-se, preferencialmente, conforme tabela 4, tanto no início (35,71%) - com função de apresentação - como no fim do parágrafo (35,70%) - com função de marcador de fim de subtópico. Também, tanto no início quanto no fim do parágrafo o [Suj] constituído como oração foi mais usado.

Com referência à situação no texto (tabela 5), verificou-se que a estrutura 1 foi usada ao longo de todo o texto, tendo uma certa predominância de uso no último parágrafo (35,70%), quando então é privilegiada a construção do [Suj] como SN (21,42%), embora situado no início ou meio desse parágrafo final. Sua função é a apresentação de um tópico conclusivo, marcadamente argumentativo da dissertação. Exemplo:

...Registra-se, assim, a precariedade no atendimento à população e, como resultado, a elitização e a expansão de sistemas privados. Verifica-se, ainda, a frustração dos trabalhadores, causada pela desvalorização profissional.

(A1T1P4I) - **Faz-se imperativa, pois, a adoção de uma política séria e efetiva**, que finalize e combata a corrupção, aplicando sérias punições. É imprescindível mobilizar o governo para que se criem recursos capazes de melhorar a situação brasileira e promover o bem comum.

Por outro lado, de acordo com as tabelas 4 e 5, a estrutura 1b ([Vlig] [Pred] [Suj orac]) soma maior percentual de uso na abertura (28,57%) de parágrafos centrais do texto com função de apresentar subtópico de importância local, construindo a progressão temática ao texto.

...Todos crêem no atual governo, parece ser honesto e eficiente. É óbvio que ainda existem maus políticos fazendo parte do governo, mas o principal o país tem, um presidente preocupado em alcançar o desenvolvimento. A estabilidade econômica é uma realidade, com isso dando melhores chances à população pobre tão marginalizada pela sociedade, tornando o país mais humano e justo.

(A1T3P3I) **É claro que todas essas mudanças são muito pouco ainda**, o Brasil precisa mudar muito mais para se tornar desenvolvido, mas o difícil é começar e foi dado início no processo de restauração do país e agora não depende apenas dos políticos mas sim de todo povo brasileiro. As pessoas mudaram, estão vendo o mundo de outra forma e perceberam que se todos não se unirem e lutarem pelos seus ideais tudo continuará como sempre foi. O processo de impedimento do presidente Fernando Collor de Mello foi um grande exemplo de que a população quer mudança.

Já a estrutura 1a-[Vlig][Pred][SN] foi usada com igual percentagem tanto para introdução de subtópico (**muito mais**), no meio de parágrafo (exemplo 1.c), como para sinalização de fim de subtópico em fim de parágrafo (exemplo 1.a - **a cena de pessoas desempregadas**).

1.c-(A1T2P4M)- Em função do que foi dito, o Brasil está em processo de mudança, mas **é preciso muito mais**. É preciso valorizar cada ser humano que tem ajudado para que esse sonho se torne realidade.

Estrutura 2 - [V] [S]

Nessa estrutura, verbo seguido de sujeito, foram considerados tanto sujeitos oracionais como nominais com verbos transitivos e intransitivos. Exemplos:

(A1T5P4I) - **Acontece que as reformas só atingem as classes mais favorecidas**

(A2T2P3M) - Ainda **faltam muitas coisas**..

As tabelas 6 e 7 mostram o percentual de uso da estrutura 2-[V][S], quanto à sua localização no parágrafo e no texto, respectivamente.

Tabela 6- Localização da estrutura 2 no parágrafo

Local. no parág	[V] [Suj]	
I	1	12,5%
M	4	50 %
F	3	37,5%

Tabela 7 - Localização do parágrafo com a estrutura 2 no texto

Local. no texto	[V] [Suj]	
P1	2	25 %
P2	1	12,5%
P3	4	50 %
P4	1	12,5%

De acordo com os dados das tabelas acima, a estrutura 2-[V] [Suj] foi usada preferencialmente (50%), no meio do parágrafo e no parágrafo 3 dos textos, com um percentual bastante alto:50%.

Essa localização de [VS] está de acordo com o estudo teórico apresentado à página 80, prevendo função apresentativa para [VS], ao introduzir subtópico de importância apenas local, mas que realiza a progressão temática, pois com sua introdução não se quebra a unidade temática, ou seja, o tópico do discurso. Como exemplo dessa função apresentativa de [VS] no meio de parágrafo temos: (A2T2P3M)- O Brasil recuperou o seu prestígio internacional e está sendo um modelo de superação para os outros países subdesenvolvidos. Ainda **faltam muitas coisas** para serem repensadas em relação a esta economia, mas aos poucos surgirão maneiras de contornar certos obstáculos.

Analisando os exemplos de [VS] colhidos no corpus da pesquisa, verificamos que a maioria dos verbos são “apresentativos”, marcando:

- ocorrência com o verbo “acontecer” (três exemplos);
- ausência com o verbo “faltar” (exemplo transcrito acima).

Se considerarmos a transitividade, 87,5% dos verbos das estruturas VS encontradas em nossa pesquisa são intransitivos. Tal percentagem confirma o uso da estrutura [VS] com verbos intransitivos já indicado por Berlinck (1989:102) em sua pesquisa sobre o português do Brasil, com um índice de uso igual a 99%, na atualidade.

Por outro lado, a construção interrogativa “será que” foi encontrada uma única vez, em texto da área de Ciências Humanas, localizada no final do primeiro parágrafo.

Exemplo:

(A3T4P1F) - Durante anos e anos, o Brasil vem tentando encontrar a saída para seus problemas através de sucessivos planos econômicos, sem, contudo conseguir sucesso. Agora estamos diante do Plano Real, que parece estar alcançando os objetivos a que se propôs. **Mas será que o país realmente está mudando?**

Primeiramente, é preciso dizer que o que é bom para os países ricos, os quais vêm nos explorando, há séculos, certamente não é bom para nós...

Pontes (1987:132) diz que a interrogativa iniciada por “será que”, muito comum na língua coloquial, equivale a uma pergunta que exprime dúvida, não sendo o caso de uma “interrogativa sim ou não”. Como a estrutura desta pergunta é constituída pelo verbo “ser” seguido de SN oracional, pensamos em enquadrá-la na estrutura 1 por assemelhar-se a estruturas como “É possível que”, pelo sentido. Se observarmos a diferença que há entre dizer: a) “Maria chegou?” e b) “Será que Maria chegou?”, veremos que há um grau de incerteza (de dúvida) maior pelo falante (b). “Será que” está funcionando, então, como um recurso modalizador e a função dessa construção difere da função da estrutura [VS] com verbo de ligação, em princípio, que é apresentação de tópico, no início do parágrafo, ou marcação de fim de subtópico. Portanto, a função do modalizador “será que” é intensificar, na pergunta, a dúvida do falante. Ao mesmo tempo, ao analisarmos sua função no texto, verificamos que sua colocação em final de parágrafo serve como “gancho” para o desenvolvimento do parágrafo seguinte, marcando a transição do tópico que passa

a ser “mudança no Brasil”. Por esse motivo, achamos melhor classificar essa estrutura como [VS], simplesmente. Pontes (1987:132), inclusive, dá a estrutura “será que” como exemplo entre outras estruturas [VS] interrogativas.

Outra estrutura [VS] encontrada que exprime dúvida, embora não seja interrogativa, é “Parece que..”, coincidentemente localizada em fim de parágrafo, como o exemplo “será que”.

(A2T4P1F)- Dados indicam que desta vez, o Brasil está mudando. Ao contrário de outros tempos em que a população em absoluto, não acreditava que poderia haver solução, **parece que agora tem se mostrado mais confiante.**

Tendo em vista tais constatações, supomos que [V][Suj. oracional] seja estrutura usada, entre outras funções já previstas, como recurso modalizador de dúvida, com os verbos ser e parecer usados sem predicativo. Subentendemos o complemento “para mim” ou “para nós”(no caso da pergunta).

Pode-se dizer, então, com base nas afirmações de Zilles (1992:155) sobre o discurso oral, que essa tendência de codificação da construção [V][S] numa localização média do parágrafo e do texto com função apresentativa e no final do parágrafo, com função continuativa, é uma transposição da tendência do discurso oral.

Estrutura 3 - [Vexist] [SN]

Por fugir à estrutura canônica (SVO), a construção [Vexist] [SN] foi incluída neste levantamento, embora as estruturas com ter/haver sejam consideradas uma construção com ordem invariável, conforme referencial teórico, ainda que seja possível, para contraste, dizer coisas como: “Batata tem”. Entendemos que essa estrutura, por funcionar como tópico ou tópico- comentário, quando seguida de predicado, tendo também a função de introduzir participantes inesperados, contrastivos e/ou que tenham menor importância, local ou global, difere de SVO e, neste sentido, pode ser considerada uma estrutura marcada. Exemplos:

(A1T3P2M) - As esperanças aumentaram, a credibilidade e o respeito de outros países estão recuperados, todos esses fatores são o marco inicial para que o Brasil consiga se tornar um país forte e soberano. Todos crêem no atual governo, parece ser honesto e eficiente. É óbvio que ainda **existem maus políticos** fazendo parte do governo, mas o principal o país tem, um presidente preocupado em alcançar o desenvolvimento. A estabilidade econômica é uma realidade, com isso dando melhores chances à população pobre tão marginalizada pela sociedade, tornando o país mais humano e justo.

O Brasil está mudando? (título)

(A1T6P1I) - **Há**, hoje em dia, **uma grande discussão em torno da eficácia do Plano Real**, que completa um ano. De um lado a imprensa internacional que posiciona-se positivamente a respeito da economia brasileira, enquanto que no Brasil a imprensa e os próprios brasileiros têm as suas dúvidas.

Nas tabelas 8 e 9, mostramos o percentual de uso da estrutura 3-[Vexis][SN] no que se refere à localização da estrutura no parágrafo e do parágrafo com a estrutura 3 no texto, respectivamente.

Tabela 8- Localização da estrutura 3 no parágrafo

Local do parág.	[Vexist] [SN]	
I	2	50%
M	1	25%
F	1	25%

Tabela 9- Localização do parágrafo com a estrutura 3 no texto

Local. no texto	[Vexist] [SN]	
P1	2	50%
P2	1	25%
P3	1	25%

A estrutura 3 localizou-se em 50% (2/4) dos casos, no início do parágrafo, o que evidencia sua função de apresentação, marcando a imprevisibilidade do referente, conforme exemplo acima (A1T6P1I). Foi mais usada,

no parágrafo 1. Ocorreu, também, no fim do parágrafo, com a mesma função.
Exemplo:

(A2T1P1F)- O Brasil tem passado por inúmeras reformas econômicas e conseqüentemente reformas sociais e culturais nos últimos tempos. Ainda **existem grandes dificuldades**, mas o Brasil está mudando.

Na verdade, o número de ocorrências dessa estrutura é insuficiente para fazer generalizações a partir de tendências observadas.

Estrutura 4 - [Ccirc] [Suj] [V]

A quarta estrutura é constituída de complemento circunstancial, sujeito e verbo. Foram consideradas duas possibilidades:

4.a.- o complemento circunstancial é um adjunto adverbial;

4.b.- o complemento circunstancial é oração.

Exemplos:

4.a.-(A1T5P3I) - **No exterior** o Brasil tinha os piores adjetivos para defini-lo.

4.b.-(A3T6P2M) - ...**se** (o povo) **tiver que pagar para estudar**, todo o Brasil irá ficar burro.

As tabelas 10 e 11 registram os percentuais de uso da estrutura 4-[Ccirc][Suj][V] quanto à sua localização no parágrafo e no texto, respectivamente.

Tabela 10- Localização da estrutura 4 no parágrafo

Local. no parág.	4.a- [Ccir]=adj.adv.		4.b-[Ccir]=oração		Total	
I	10	35,71%	2	7,14%	12	42,85%
M	10	35,71%	2	7,14%	12	42,85%
F	2	7,14%	2	7,14%	4	14,28%

Tabela 11- Localização do parágrafo com a estrutura 4 no texto

Local. no texto	4.a-[Ccirc]=adj.adv.		4.b-[Ccirc]=oração		Total	
P1	5	17,85%	1	3,57%	6	21,42%
P2	8	28,57%	2	7,14%	10	35,71%
P3	7	25%	2	7,14%	9	32,14%
P4	2	7,14%	0	0%	2	7,14%
P5	0	0%	1	3,57%	1	3,54%

O [Ccirc] constituído por adjunto adverbial (4.a) correspondeu ao maior índice geral (78,52%) de uso. Portanto os vestibulandos optaram, neste caso, por estrutura mais curta e menos complexa para marcarem seu texto.

A localização da estrutura 4 no parágrafo aconteceu com igual percentagem (42,85%), tanto no início como no meio do parágrafo. O parágrafo inicial e os centrais do texto, P1, P2 e P3, foram os que apresentaram os maiores índices de uso da construção 4, correspondendo a 21,42%, 35,71% e 32,14%, respectivamente. A localização da estrutura 4 em início e meio de parágrafo cumpre a função de marcação de universo circunstancial, sendo que, no meio do parágrafo, a circunstância funciona também como elemento de contraste. Exemplos:

(A2T2P2I)- **Com a eleição de um novo presidente e a implantação de um satisfatório plano de governo**, o nosso país vem se reerguendo de uma crise que estava sofrendo em consequência dos maus governos anteriores. Conseguiu-se, pela primeira vez nos últimos anos, baixar e manter estável (o vestibulando escreveu “instável”, a correção é nossa) a inflação, segurar os preços dos produtos e semi-aumentar o salário mínimo. O Brasil também fechou acordo com os países vizinhos, criando o Mercado Comum do Sul, deixando abertas as fronteiras para o progresso.

...Ainda faltam muitas coisas para serem repensadas em relação a esta economia, mas aos poucos surgirão maneiras de contornar certos obstáculos.

(A2T2P4M)- Portanto, o Brasil está demonstrando que **com muito trabalho e determinação**, um país consegue superar quaisquer que sejam as barreiras, e figurar no cenário nacional como uma grande nação.

Estrutura 5 - [Ccirc] [V] [Suj]

A estrutura 5, constituída por complemento circunstancial seguido de verbo e sujeito foi subdividida em dois grupos:

5.a.- [V] = verbo de ligação;

5.b.- [V] = verbo intransitivo.

Como exemplos dessa estrutura citamos:

5.a.- (A3T5P3M) - **Antes de uma boa imagem lá fora**, *seria* melhor arrumar um pouco aqui dentro.

5.b.- (A3T2P3F) - **Aos poucos** *surgirão* maneiras de contornar certos obstáculos.

As tabelas 12 e 13 registram as percentagens de uso da estrutura 5-[Ccirc][V][Suj] quanto à sua localização no parágrafo e no texto, ao mesmo tempo em que indicam os dois tipos de verbos em que foi encontrada.

Tabela 12- Localização da estrutura 5 no parágrafo

Local. no parág.	5.a-[V]=Vlig		5.b-[V]=Vi		Total	
I	3	30%	1	10%	4	40%
M	4	40%	1	10%	5	50%
F	0	0%	1	10%	1	10%

Tabela 13- Localização do parágrafo com a estrutura 5 no texto

Local. no texto	5.a-[V]=Vlig		5.b-[V]=Vi		Total %	
P1	1	10%	1	10%	2	20%
P2	2	20%	1	10%	3	30%
P3	2	20%	1	10%	3	30%
P4	1	10%	0	0%	1	10%
P5	1	10%	0	0%	1	10%

A estrutura 5.a-[Ccirc][Vlig](Pred)[Suj] foi a mais utilizada no geral (70%) o que nos leva a pensar que possa ser a estrutura marcada mais comum e talvez mais simples para a construção da argumentação. É interessante observar que a estrutura [V][S] após [Ccirc] ocorreu sempre com verbos de ligação ou intransitivos ou existenciais. Isso evidencia uma forte restrição à posposição do sujeito com verbos transitivos, talvez para evitar ambigüidade.

De acordo com os resultados de nossa pesquisa, parece que a natureza do verbo transitivo (VT) impede o uso da estrutura [VS]. O fato de não haver posposição do sujeito com VT implica, entre outras coisas, que a informação nova tem um padrão específico de codificação: ou é sujeito posposto[+agente] de verbo intransitivo, normalmente retomado em cadeia tópica, logo [+importante] ou é OD [-

agente] de VT (normalmente não retomado, logo [-importante]). Portanto, não há motivação discursiva para [VS] com VT. Tal constatação coincide com os resultados da pesquisa de Berlinck (1989:98) pela qual um fator de natureza formal - o tipo de verbo-predicador - gradualmente se fortalece e acaba por assumir o papel central na definição da ordem. A pesquisadora demonstra estatisticamente o decréscimo de 50% do uso de estruturas [VS] no português do Brasil, ao longo de 200 anos. Observa-se, assim, um progressivo enrijecimento da ordem em [SV], que começa a dominar, aos poucos, os contextos antes divididos com [VS].

Analisando as construções da estrutura 4-[Ccirc][Suj][V], que constam em nosso Anexo I, verificamos que 60,71% dos casos é constituído por verbos transitivos, embora também se encontrem, no percentual restante, verbos intransitivos e de ligação. Exemplos:

(A3T4P3M) - **No Brasil de hoje os preços sobem** pouco, mas de que isso adianta....

(A2T3P5F) - Se cada um fizer a sua parte com patriotismo e honestidade, **com certeza, na virada do século, estaremos** mais bem **desenvolvidos**.

Parece, então, que há uma tendência para que haja posposição do sujeito com verbos de ligação e intransitivos, independente de o [Ccirc] ser topicalizado, conforme aconteceu em todos os casos de ocorrência dessa estrutura no corpus de nossa pesquisa.

A localização da estrutura 5 no parágrafo privilegiou o início e o meio com um índice de 40% e 50% respectivamente (tabela 12). Quanto à localização no texto, a preferência recaiu nos parágrafos 2 e 3 (centrais) com uma percentagem semelhante - 30% em cada caso. Essa localização evidencia a função de marcador circunstancial, ao mesmo tempo que introduz um tópico de importância local ou subtópico que é função característica de [VS] também. Exemplos:

(A2T6P1I)- **Pela primeira vez, em muitos anos de desilusão,** é possível **constatar que um presidente foi bem sucedido em sua estratégia política**. A maioria dos planos econômicos nunca foram bem empregados e logo saíram de meta, gerando novas frustrações. O Plano

Real é o primeiro que mostrou ao mundo que o Brasil caminha para uma possível estabilização.

(A3T5P3M) - Nosso presidente tem de ter consciência que **antes de uma boa imagem lá fora, seria melhor arrumar um pouco aqui dentro** e mostrar a todos os brasileiros a imagem real do Brasil, quem sabe seja a de um país mais justo..

Estrutura 6 - [Ccirc] [Vexist] [SN]

Aconteceu um único caso de uso da estrutura 6, registrado na área de Ciências Médicas e da Saúde e situado no meio do parágrafo 3. Eis a ocorrência:

(A1T3P1M) - A crise econômica, os problemas sociais e políticos sempre foram uma constante para os brasileiros. **Nunca houve tanto otimismo como agora**, pois o sonho do Brasil se tornar um país desenvolvido parece estar se tornando realidade, graças à competência e à seriedade do atual Presidente da República..

A estrutura [VS] com verbos existenciais é a prevista pela teoria, tendo a função de apresentação de tópico. A função da estrutura 6, como podemos constatar no exemplo anterior, é de contraste, através da circunstância negativa (“nunca”) e introdução de subtópico (“otimismo”), o que justifica sua localização no meio do parágrafo.

Estrutura 7 - [O] [S][V]

O uso da estrutura 7 aconteceu somente uma vez, realizada em texto da área de Ciências Médicas e da Saúde e situada no meio do parágrafo 2, conforme transcrevemos a seguir:

(A1T3P2M) - As esperanças aumentaram, a credibilidade e o respeito dos outros países estão recuperados, todos esses fatores são o marco inicial para que o Brasil consiga se tornar um país forte e soberano. Todos crêem no atual governo, parece ser honesto e eficiente. É óbvio que ainda existem maus políticos fazendo parte do governo, **mas o principal o país tem**, um presidente preocupado em alcançar o desenvolvimento. A

estabilidade econômica é uma realidade, com isso dando melhores chances à população pobre tão marginalizada pela sociedade, tornando o país mais humano e justo.

Essa estrutura, que é uma TopC de Od (“o principal”), tem a função básica de contraste, especificando ainda que “um presidente preocupado em alcançar o desenvolvimento” é o principal.

Estrutura 8 - [V] [Oi] [Od]

A estrutura 8 foi usada uma única vez em texto da área de Ciências Exatas, situada no fim do parágrafo 3. É a seguinte:

(A2T5P3F) - Nosso presidente tem de ter consciência que antes de uma boa imagem lá fora, seria melhor arrumar um pouco aqui dentro e mostrar **a todos os brasileiros a imagem real do Brasil**, quem sabe seja a de um país mais justo.

Não resta dúvida de que a função desta estrutura é de contraste e ênfase de Oi (“a todos brasileiros”), com relação a “mostrar uma boa imagem lá fora”. Além do mais, enquadra-se Oi nos traços [humano] e [beneficiário] o que, segundo a teoria já exposta (página 69), tende a topicalizar Oi, deslocando-o para o lugar de Od.

É interessante observar que, de acordo com pesquisa de Oliveira (1989:57-60) sobre dados da fala, a frequência de sentenças não-SVO, constituídas com verbo bitransitivo corresponde a 11%. Isso significa que a estrutura 8-[V][OI][OD] é rara. Por outro lado, em 39% dessas ocorrências estudadas por Oliveira, houve queda do objeto, o que não ocorreu no exemplo de nossa pesquisa. Isso se justifica pela função de contraste que o SN “imagem real do Brasil” introduziu com relação à menção anterior (“boa imagem”).

Nota-se, portanto, o cuidado dispensado pelo escritor à estruturação nesta ocorrência de nosso corpus, ao apresentar uma estrutura pouco comum à fala, de acordo com o constatado em outras pesquisas.

Grupo B - Como estruturas marcadas por ordem não canônica, com construções sintáticas complexas e construção de tópico, listaram-se quatro tipos, descritos abaixo.

Estrutura 9 - passiva medial

A estrutura passiva medial realiza-se com a posposição do sujeito paciente ao verbo embora o pronome "se" intercalado entre o verbo e o sujeito reflita a existência do agente defocalizado (detematizado).

Exemplo: (A1T1P3M) - Registra-se assim a precariedade no atendimento à população.

Estrutura 10 - passiva invertida

Nesse tipo de passiva, o sujeito paciente toma uma posição pós-verbal. Exemplo: (A1T5P4M) - São promovidas mudanças radicais na economia.

Nas tabelas 14 e 15, apresentamos as percentagens de uso das estruturas passivas (mediais e invertidas), quanto à sua localização no parágrafo e no texto.

Local. no parág.	Passiva medial		Passiva invertida		Total	%
I	1	12,5%	0	0%	1	12,5%
M	2	25%	2	25%	4	50%
F	2	25%	1	12,5%	3	37,5%

Tabela 15- Localização do parágrafo com as estruturas 9 e 10 no texto

Local. no texto	Passiva medial		Passiva invertida		Total	%
P1	0	0%	0	0%	0	0%
P2	1	12,5%	0	0%	1	12,5%
P3	3	37,75%	2	25%	5	62,75%
P4	1	12,5%	1	12,5%	2	25%

As estruturas passivas situaram-se preferencialmente no meio e fim dos parágrafos (50% e 37%, respectivamente), como mostra a tabela 14 e nos parágrafos 3 e 4 dos textos (tabela 15).

Observemos os exemplos abaixo, para identificarmos sua função.

(A1T1P3M, F) - Como decorrência desse quadro, **observam-se** freqüentes paralisações do funcionários de hospitais, empresas e indústrias e o fechamento de instituições importantes. **Registra-se**, assim, a precariedade no atendimento à população e, como resultado, a elitização e a expansão de sistemas privados. **Verifica-se** ainda, a frustração dos trabalhadores, causado pela desvalorização profissional.

As passivas têm a função genérica de detematização do sujeito/agente. No caso das passivas mediais, além da posposição do sujeito paciente, observa-se a inserção do clítico “se” o que, segundo a teoria, tem a função de focalização do argumento externo detematizado. Por outro lado, no exemplo acima, as passivas introduzem subtópicos que constituem a progressão temática (decorrência desse quadro corrupto --> paralisações, fechamento de instituições,

precariedade no atendimento à população, elitização e expansão de sistemas privados, frustração dos trabalhadores).

Observemos agora, outro exemplo com passiva invertida.

Com a queda da inflação o país está respirando novamente e volta a ser reconhecido mundialmente pelas grandes potências, que já sabem que o Brasil terá um futuro promissor. Os investimentos estrangeiros, que não existiam mais, voltaram a crescer. (A2T3P3F)- Essas mudanças refletiram no aumento do poder aquisitivo nas classes baixas e também na expectativa de vida, nossa economia voltou a ficar estável. **Sendo feitas as reformas**, acontecerão mudanças nas tributações e com isso vai diminuir a sonegação de impostos.

Quanto a esse exemplo, vê-se que há posposição do sujeito/paciente “reformas”, que foi detematizado em função de sua previsibilidade, uma vez que, ao longo do parágrafo anterior, as “reformas” já vinham sendo anunciadas (queda da inflação, reconhecimento mundial, futuro promissor, crescimento dos investimentos estrangeiros).

Por esses motivos, acreditamos que as passivas mediais e invertidas têm a função de introduzir subtópicos de importância local que servem para promover a progressão temática.

Estrutura 11 - Expressões de introdução de tópico (CTop)

Essas expressões, que correspondem, na escrita, à construção de tópico da fala (anacoluto, na gramática tradicional), são marcadores discursivos com a função de introdução de tópico. Como exemplos podemos citar: *quanto a*, *no que diz respeito a*, *com relação a* etc. Essa estrutura foi utilizada uma única vez, em texto da área de Ciências Médicas e da Saúde, no meio do parágrafo 4:

(A1T5P4M)- Acontece que as reformas só atingem as classes mais favorecidas. A população pobre está cada vez mais abandonada. São promovidas mudanças radicais na economia, mas **no que diz respeito à educação e saúde** nada foi feito. A inflação baixou, mas a recessão aumentou em níveis alarmantes.

Como podemos observar, na ocorrência acima, a estrutura Ctop serviu para introduzir subtópico com contraste. Resta-nos observar, ainda, que o anacoluto tão comum à fala, conforme Pontes fartamente exemplificou (1987: 97) foi evitado pelos alunos, o que evidencia a sua forte estigmatização na linguagem escrita.

Estrutura 12 - Pseudo-clivada(PC)

A estrutura pseudo-clivada segue o seguinte esquema:

[QUEM] + [Sentença - Constituinte 1] v SER/3ª [Constituinte1]
[O QUE]

Houve somente dois casos de uso de pseudo-clivadas. Um deles em texto da área de Ciências Médicas e da Saúde e outro, na área das Ciências Exatas. A localização escolhida foi início ou fim de parágrafo. Quanto à localização no texto, foram escolhidos os parágrafos 2 e 3. Vejamos as ocorrências:

(A1T5P5F) - O governo está promovendo mudanças, mas só para beneficiar uma minoria. O que *deveria ser feito* (S-C1)era *combater as desigualdades* (C1) para fazer do Brasil um lugar melhor para todos os brasileiros.

(A2T4P2I) - Primeiramente, é preciso dizer que o que *é bom para os países ricos*, os quais vêm nos explorando há séculos, certamente *não é bom para nós*. Logo, os súbitos elogios que a imprensa estrangeira vem fazendo ao governo de Fernando Henrique devem ser motivos de desconfiança e não de lisonjamento para os brasileiros.

Portanto, na PC, o constituinte 1 (que corresponde ao foco), é substituído por "o que", seguido da sentença (que corresponde à pressuposição) sem o constituinte que é finalmente introduzido após o verbo ser na 3ª pessoa. Como já foi dito anteriormente (página 74), o contraste é a função básica das CLIVs e os exemplos de PC acima demonstram que funcionam em situação de

apresentação de verdades genéricas que se opõem a outras idéias do texto (apresentação ou síntese de tópico de oposição).

Terminamos, finalmente, de descrever e analisar as funções dos doze tipos de estruturas marcadas encontradas no corpus de nossa pesquisa. Observamos que as quatro estruturas do grupo B localizaram-se preferencialmente no meio ou fim do parágrafo e do texto, o que nos faz pensar que estejam mais ligadas, por suas funções, à progressão temática e marcação de fim de subtópico.

A seguir, na tabela 16, registramos o número de estruturas marcadas usadas por área de interesse do redator e a freqüência total de uso de cada estrutura.

Tabela 16 - Total de tipos de estruturas marcadas por área de interesse com percentagem de uso

Estrutura	A 1	A 2	A 3	Total	%
1	9	1	4	14	17,94
2	2	3	2	7	8,97
3	3	1	1	5	6,41
4	8	10	10	28	35,89
5	3	3	4	10	12,82
6	1	-	0	1	1,28
7	1	-	0	1	1,28
8	-	1	0	1	1,28
9	3	2	0	5	6,41
10	2	1	0	3	3,8
11	1	0	0	1	1,28
12	1	1	0	2	2,56
Total	34	23	21	78	100%
%	43,58	29,48	26,92	100	

Os resultados sugerem que os textos da área 1 são mais complexos quanto à ordenação de constituintes. Seriam mais interessantes? Menos “certinhos”? Voltamos então aos nossos dados da página 99 sobre a caracterização do corpus e verificamos que as melhores notas foram obtidas, justamente, pela área 3 (que usou menos estruturas marcadas), seguida pela área 1 e tendo os candidatos da

área 2 obtido as notas mais baixas (entre as melhores da redação do vestibular). Portanto, os professores avaliadores, supondo-se que tenham seguido a orientação sobre os critérios de avaliação da universidade (já explicitados na seção 2.3.1 que fala sobre características e avaliação do texto dissertativo, página 29), não consideraram os textos da área 1 melhores. Na verdade, verificamos que todas as áreas usaram um baixo percentual de estruturas marcadas por reordenação de constituintes ao relacionarmos o número de estruturas marcadas de cada área (tabela 16) com o número de orações (tabela 3):

A1- total de orações: 174

34 marcadas ---> 19,54%

A2- total de orações: 176 orações

23 marcadas ---> 13,06%

A3- total de orações: 183 orações

21 marcadas ---> 11,47%

Para podermos ter um parâmetro de comparação, verificamos também a percentagem de uso de estruturas marcadas por reordenação de constituintes nos textos autênticos e conforme demonstramos, nas páginas 94, 95 e 96 as percentagens foram: 43,10%, no primeiro texto e 50,28%, no segundo texto. Isso significa que 46,78% do total das orações nos textos autênticos analisados é marcada. Comparando estes percentuais com os percentuais apresentados nas redações de vestibular é que podemos considerar baixo o uso de estruturas marcadas nas redações dos candidatos. Portanto, os textos das três áreas podem ser considerados “planos”, realmente.

Como podemos verificar ainda, pelo índices da tabela 16, a área que mais utilizou estruturas marcadas foi a 1, empregando todos os tipos de estruturas, com exceção da estrutura 8-[V][Oi][Od], em contraposição à nossa hipótese. Pensávamos que a área 3- Ciências Humanas, conforme explicamos à página 98, na

caracterização do corpus, por supostamente ter maior interesse no estudo da linguagem, usasse mais estruturas marcadas. Foi contudo a área 3 quem menos usou estruturas marcadas e quem obteve melhores notas. Tudo isso tende a confirmar que os estudos de português na escola treinam os alunos para que escrevam textos “corretos”, que os tornam inautênticos tanto pela situação como são propostos como pela escolha das estruturas empregadas.

Para melhor visualização e entendimento, organizamos a tabela 17 que retoma, em ordem decrescente de frequência de uso, os doze tipos de estruturas marcadas identificadas neste trabalho.

Tabela 17 - Hierarquização das estruturas por frequência de uso

Tipo	Estruturas	Frequência %
4	[CCirc] [Suj] [V]	35,89
1	[Vlig] [Pred] [Suj]	17,94
5	[Ccirc] [V] [Suj]	12,82
2	[V] [S]	8,97
3	[Vexist] [SN]	6,41
9	passiva medial	6,41
10	passiva invertida	3,8
12	pseudo-clivada	2,56
6	[Ccirc] [Vexist] [SN]	1,28
7	[O] [Suj] [V]	1,28
8	[V] [Oi] [Od]	1,28
11	Expressão de introdução de tópico	1,28

Verificamos que as estruturas 4, 5, 6, começadas por [Ccirc], constituem 49,99% das estruturas usadas e que as estruturas simples [VS]- 1 e 2 constituem 26,91%.

Verificamos, também, que mais de 50% do uso de estruturas marcadas realizou-se através dos tipos 4, 1 e 5.

Ainda, com dados das tabelas 17, 10 e 11, verificamos que a estrutura 4- [Ccirc] [Suj] [V], a mais utilizada (35,89%), ocorreu principalmente no início e meio do parágrafo (42,85% respectivamente). O [Ccirc] foi preferencialmente um adjunto adverbial (35,71%) em ambas as posições (início e meio de parágrafo). A localização da estrutura 4 no texto deu-se preferencialmente entre os parágrafos 2 (35,71%) e 3 (32,14%). Com esses dados vemos, entre outras evidências, a preferência dos redatores por estruturas menos complexas, hierarquizando as informações de seu texto através de segmentação circunstancial.

Exemplo:

A mídia estrangeira está otimista e concorda com as modificações feitas, principalmente na área econômica pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Eles consideram o Plano Real como sendo decisivo para restaurar a imagem brasileira.

(A1T6P3I)- **Mas no Brasil**, as coisas não vão bem, a população está revoltada e não concorda com o aumento dos preços, como por exemplo podemos citar o aumento nos transportes...

Relacionando a estrutura com sua função, os dados acima significam também que a função mais sinalizada foi a de marcação de universo circunstancial, seguida pela função de introdução de tópico ou subtópico.

Concluída a descrição e análise geral dos dados faremos, na seção seguinte, o agrupamento dos tipos de estruturas encontradas, classificando-os de acordo com a as estruturas marcadas por reordenação de constituintes previstas na teoria, ao mesmo tempo em que tentamos relacionar a localização no parágrafo e no texto com a função dada a estas estruturas em abordagem funcionalista.

4.2 Identificação das funções e reagrupamento das estruturas

Os doze tipos de estruturas marcadas, descritos na seção anterior (4.1) foram classificados em função da categoria gramatical de seus constituintes com relação à ordem de colocação na frase. Observamos, no entanto, que o deslocamento era idêntico em alguns casos, embora mudasse a categoria gramatical dos constituintes. Outras estruturas assemelhavam-se pela classificação gramatical dos constituintes e ordem na oração, embora exigissem estruturas mais complexas.

Tentamos então, reorganizar os dados que ficaram, finalmente, reunidos em seis grupos cujas características são a seguir expostas no quadro 8, tanto quanto à função como com relação à sua localização ideal no parágrafo e no texto, de acordo com a teoria exposta ao longo da seção 2.4.5 que trata sobre a construção de estruturas tópicas marcadas por reordenação de constituintes (página 65).

Quadro 8 - Funções e localização prevista na teoria para as estruturas básicas encontradas nas dissertações

Classificação	Função	Localização	
		parágrafo	texto
1 - Topicalização contrastiva	. abertura de novo tópico ou subtópico . quebra de continuidade do tópico, contraste . reiteração, inclusão, especificação . retomada do tópico anterior; . sinalização de fim de subtópico	. meio	. início início meio
2 - [V] [S]	. apresentação . continuidade . marcação de fim de subtópico		. início meio fim
3 - [Vexist] [SN]	. sinalização da imprevisibilidade da referência	. início	início meio
4 - Expressão de introdução de tópico	. abertura de subtópico, . contraste	. início	meio
5 - Construção pseudo-clivada	. introdução de referente [+im- portante][-previsível]; apre- sentação de generalização		. início fim meio fim
6 - [V][Oi][Od]	. contraste . sinalização de fim de subtópico	. fim	meio

Recapitulando a parte teórica, vimos que a topicalização contrastiva caracteriza-se por deslocar um de seus constituintes para a esquerda, sem que haja retomada do referente topicalizado ao longo da sentença. Voltando à análise de nossos tipos de estruturas, verificamos que, em tal definição, se enquadram quatro estruturas que formarão um grande grupo correspondente a 50,97% do total de estruturas usadas.

Consideramos o adjunto adverbial um constituinte da oração, assim como [Suj], [V], [Od], [Oi] e o denominamos de complemento circunstancial [Ccirc], não no sentido tradicional de “termo integrante”, mas por ser um termo mais abrangente, uma vez que não vamos observar as exigências do verbo(adjunto ou

complemento adverbial). Assim, todas as estruturas começadas por [Ccirc] foram enquadradas no grupo de TopC.

Como TopC, consideramos, então, os cinco tipos de estruturas marcadas que constam na tabela 18, com sua respectiva percentagem de uso:

Tabela 18 - Estruturas usadas para construir TopC

Tipo de estrutura		Percentagem de uso
[Cci] [Suj] [V]	(estrutura 4)	35,89%
[Cc] [V] [Suj]	(estrutura 5)	12,88%
[Cc] [Vexist] [SN]	(estrutura 6)	1,28%
[O] [Suj] [V]	(estrutura 7)	1,28%
Total		50,97%

A tabela 19 reúne os dados sobre as maiores percentagens de localização das estruturas enquadradas como TopC, tanto no parágrafo como no texto, de acordo com o encontrado no corpus desta pesquisa.

Tabela 19 - Localização no parágrafo e no texto das estruturas que correspondem à TopC

Estruturas	Localização no parágrafo			Localização no texto	
	início	meio	fim	início	meio
[Cc] [Suj] [V]	42,85%	42,85%	-	21,42%	67,85%
[Cc] [V] [Suj]	40%	50%	-	20%	60%
[Cc] [Vexist] [Sn]		(1 ocorrência)	-		(1 ocorrência)
[O] [Suj] [V]		(1 ocorrência)	-		(1 ocorrência)

Como se pode ver na tabela 19, observando-se principalmente as duas primeiras estruturas que, sozinhas constituíram 48,71% entre todas as construções marcadas dos textos em geral, a marcação do universo circunstancial,

no início e meio dos parágrafos e no início e meio do texto é a função mais exercida pela TopC nas redações dos vestibulandos.

Além da marcação do universo circunstancial, a continuidade temática do parágrafo fica confirmada pelo maior uso da estrutura [Ccic] [V] [Suj] cuja localização concentrou-se no meio do parágrafo. Isso significa que a topicalização do [Ccic] serve para organizar as informações do texto para o leitor, priorizando dados circunstanciais seguidos por estrutura VS, no meio do parágrafo, cuja função, nesta localização, tende a ser de introdução de subtópico.

De acordo com os dados da tabela 12 (página 119), verificamos que a topicalização do [Ccic] seguido de [VS] ocorreu sempre ou com verbos de ligação (70%) ou com verbos intransitivos (30%). Por outro lado, a topicalização do [Ccic] seguido de [SV] ocorreu tanto com verbos transitivos como intransitivos ou de ligação, embora dos 28 exemplos de estrutura 4, do anexo 1, 57,14% seja de verbos transitivos.

O segundo grupo de estruturas com características semelhantes é o das construções [V] [Suj]. As estruturas em que [V] [Suj] surgiu constam na tabela 20, com sua respectiva percentagem de uso.

Tabela 20 - Estruturas usadas para construir [V] [Suj]

Tipos de estrutura		Percentagem de uso
[Vlig] [Pred] [Suj]	(estrutura 1)	17,94%
[V] [Suj]	(estrutura 2)	8,97%
passiva medial	(estrutura 9)	6,41%
passiva invertida	(estrutura 10)	3,8%
Total		37,12%

Voltando à seção sobre descrição dos dados (página 111), vemos que a estrutura 1 teve seu [Suj] construído preferencialmente por orações (64,28%) e os

[Suj] das orações restantes eram todos [-animados], constituindo orações essencialmente argumentativas, como :

(A1T2P3F)- É necessário a criação de novos empregos.

Nota-se, no exemplo, que o redator não realizou a concordância do predicativo com o sujeito, o que ocorre também em outra oração do mesmo tipo. Na verdade, esta concordância não é significativa, pois sua falta não causa ambigüidade. O mesmo exemplo acima pode ser dito de outras maneiras, sendo considerado gramaticalmente correto, sem alterar o sentido, quando se transforma o SN - “a criação de novos empregos” em oração:

É necessário criar novos empregos.

É necessário que se criem novos empregos.

Portanto a estrutura [VS] nos textos escritos, de acordo com os dados desta pesquisa, quando é constituída por verbo de ligação, tende a introduzir mais tópicos oracionais do que tópicos constituídos apenas por SN e auxilia a desenvolver a argumentação ao longo do parágrafo e do texto, tendo a função, tanto de introduzir subtópicos como de sinalizar fim de subtópico. As estruturas 2-[V][Suj] foram constituídas, basicamente, por verbos apresentativos e caracterizam-se, assim, por sua função apresentativa.

A estrutura 1-[Vlig] [Pred] [Suj] foi mais usada no início e no fim do parágrafo, e em parágrafos centrais e finais do texto, conforme tabelas 4 e 5 (página 111). Já a estrutura 2, [V] [Suj], teve sua localização maior no meio do parágrafo - 57,14% (tabela 6- página 113) e em parágrafos centrais, o que tende a evidenciar seu caráter continuativo, embora possa introduzir subtópicos [importantes] ou [+previsíveis] nesta situação.

Portanto, as estruturas [VS] menos complexas foram constituídas por verbos de ligação e verbos apresentativos, constituindo estrutura com as funções de introduzir subtópico e sinalizar fim de subtópico, marcando início e fim de parágrafo ou promovendo a progressão temática no interior do parágrafo ou, ainda, tendo função continuativa, ao manter o referente da oração anterior.

Exemplo de [VS] em meio de parágrafo e em meio de texto, com função continuativa:

(A3T6P3M) - O presidente, às vezes dá a impressão de que está mais preocupado com a imagem do país no exterior, do que com as condições de vida da população, não **adianta parecer um país bem sucedido para os estrangeiros**, pois na realidade o Brasil não vai tão bem assim, os problemas continuam com as más condições na saúde e educação, altos índices de desemprego e exploração dos trabalhadores.

Observa-se no exemplo acima que “parecer um país bem sucedido para os estrangeiros” é, na realidade, a repetição da idéia de “preocupado com a imagem do país no exterior”.

Exemplo de [VS] constituída por verbo de ligação com função de fechamento de subtópico:

(A3T5P2F) - Quem não lembra de todos aqueles anos horrorosos que os brasileiros passaram em que mal podiam com o sustento de suas famílias? As taxas tributárias geradas pela inflação iam “engolindo” o mísero salário alcançado com tanto trabalho, que nem chegava o fim do mês e já não tínhamos um tostão no bolso. Os preços subiam da noite para o dia, não respeitando regra nenhuma. Aliás, não havia nada para impedir essa suba apavorante. **Era recomendável (que) não se deixasse para amanhã o que se pudesse comprar hoje.**

Até que passamos a conviver com a URV e por fim com o real, criados pelo então ministro da Fazenda....

Exemplo de [VS] constituída por [Vlig] com função de introdução de subtópico e contraste reforçado pelo “sim”, situada no meio de parágrafo:

(A1T4P4M) - A população brasileira precisa não apenas criticar ou acreditar no governo, **é necessário sim a conscientização do dever de trabalhar por um país melhor**, pois só com o trabalho árduo e coletivo o Brasil poderá um dia ser considerado um país de primeiro mundo.

É interessante notar, de acordo com o exemplo anterior, constituído por [Vlig][Pred][Suj], que muitas estruturas argumentativas são assim construídas: é

preciso..., é necessário..., é imprescindível... . São estruturas argumentativas por seu valor semântico, introduzindo tópicos [-importantes] e, então, sua função será apresentativa, ou [+ previsíveis], tendo, neste último caso, função continuativa. O que acontece no exemplo (A1T4P4M) é contraste entre o verbo negativo “precisa não criticar” da oração anterior, em relação a “é necessário sim”. Isso nos sugere que a estrutura [Vlig Pred Suj], quando antecedida por oração de sentido contrário, pode ter a função de contraste, embora nosso corpus não conte com ocorrências suficientes para esta generalização e esta função não esteja prevista na teoria.

Exemplo de [VS] constituída por verbo apresentativo com função de introdução de subtópico oracional, situada em início de parágrafo:

...Quando o governo anunciou que acabaria com as restrições ao capital estrangeiro o país passou a ser motivo de rasgados elogios.

(A1T5P4I **Acontece que as reformas só atingem as classes mais favorecidas** A população pobre está cada vez mais abandonada. São promovidas mudanças radicais na economia, mas no que diz respeito à educação e saúde nada foi feito. A inflação baixou mas a recessão aumentou em níveis alarmantes.

As orações passivas (mediais e inversas) foram enquadradas como construções [V] [Suj], apesar de terem estruturas sintáticas mais complexas. As duas estruturas passivas foram mais usadas no meio do texto (76,25%) e dos parágrafos (50%). A passiva medial foi mais usada (62,75%) do que a invertida (37,5%), conforme tabelas 14 e 15.

Segundo nosso referencial teórico, a função geral das passivas é a detematização do agente. No caso da passiva medial, existe a função de focalização do argumento externo detematizado, através do clítico pronominal, enquanto a passiva invertida tem por função a detematização do sujeito/paciente.

Entendemos que em as ambas circunstâncias a função das passivas mediais e invertidas seja a introdução de subtópicos que promovem a progressão temática. São, portanto, subtópicos de importância local. Exemplos de passiva medial e de passiva invertida, demonstrando sua função de introdução de subtópico que auxilia na progressão temática encontram-se nas páginas 123 e 124.

Podemos ainda comentar que as passivas invertidas, por alterarem a segunda função secundária das passivas que é a antecipação (topicalização) do argumento interno o qual passa a ser posposto ao verbo, num abaixamento de sua função temática (detematização), são estruturas com baixo grau de descontinuidade, servindo para sinalizar uma informação como (+ previsível) com relação ao tópico do início do parágrafo e portanto, menos urgente, tendo basicamente uma função continuativa para a progressão dentro do parágrafo. Exemplo:

(A1T3P3M)- É claro que todas essa mudanças são muito pouco ainda, o Brasil precisa mudar muito mais para se tornar desenvolvido, mas o difícil é começar e **foi dado o início de reestruturação do país** e agora não depende apenas dos políticos mas sim de todo povo brasileiro.

Na tabela 21, agrupamos as maiores percentagens de localização das estruturas enquadradas como [V] [Suj], tanto no parágrafo como no texto, com base nas tabelas anteriores sobre cada uma dessas estruturas.

Tabela 21 - Localização no parágrafo e no texto das estruturas que correspondem a [V] [Suj]

Estruturas	Localização no parágrafo			Localização no texto	
	Início	Meio	Fim	Meio	Fim
1 - [Vlig] [Pred] [Suj]	42,85%	-	35,70%	42,85%	35,70%
2 - [V] [Suj]	-	57,14%	28,7%	71,42%	-
3 - passiva medial -	40%		40%	80%	-
4 - passiva invertida	-	66,66%	-	66,66%	-

Como se pode verificar pelos dados da tabela 21, houve maior uso percentual das estruturas [V] [Suj] no meio do parágrafo e do texto, e estas estruturas pelas análises que temos realizado até aqui, têm, entre outras funções, sempre funcionado como apresentativas de subtópico. A evidência de preferência de localização central somada à análise dos dados nos leva a concluir que, no corpus

dessa pesquisa, foram mais usadas estruturas [VS] para sinalizar a introdução de subtópicos. Logo, não quebram a continuidade temática, global, e sinalizam a hierarquização da informação.

O terceiro grupo, constituído por [Vexist] [SN], não se enquadra em [V] [Suj] por funcionar como tópico, seguido ou não de comentário, conforme referencial teórico à página 77. A análise desta estrutura já foi feita à página 115, onde constam exemplos e a função prevista. Mas é importante lembrar que essa estrutura marca a imprevisibilidade da referência e sua função é de apresentação.

O quarto grupo corresponde à expressão de introdução de tópico que, na realidade, foi usada uma única vez no meio do penúltimo parágrafo, introduzindo um subtópico em oração adversativa. Portanto, de acordo com as funções e localizações previstas no quadro 8, a expressão de introdução de tópico (construção de tópico) foi usada dentro da previsão (introdução de subtópico e contraste, no meio do texto), exceto por sua localização no meio do parágrafo, quando se previa, preferencialmente, abertura de parágrafo. Essa estrutura já foi analisada à página 125.

(A1T5P4M)- Acontece que as reformas só atingem as classes mais favorecidas. A população pobre está cada vez mais abandonada. São promovidas mudanças radicais na economia, **mas no que diz respeito à educação e saúde nada foi feito**. A inflação baixou baixou mas a recessão aumentou em níveis alarmantes.

O grupo da construção pseudo-clivada, corresponde a somente duas ocorrências. Sua localização no texto coincide com a previsão (meio do texto). A localização no parágrafo coincide também (início de parágrafo como introdução de referente [+ importante] e fim de parágrafo com apresentação de generalização. Exemplos e maiores análises já foram feitas à página 126.

Por fim, o último grupo corresponde à reordenação do Oi em lugar de Od (estrutura 8), com somente uma ocorrência situada no fim do parágrafo e no meio do texto).

(A2T5P3F)- Nosso presidente tem de ter consciência de que antes de uma boa imagem lá fora, seria melhor arrumar um pouco aqui dentro e mostrar **a todos os brasileiros a imagem real do Brasil.**

A função prevista neste deslocamento de [Oi] para o lugar de [Od], é de contraste (como já foi explicado à página 122), marcando-se com esta reordenação o final ou fechamento de subtópico, enfaticamente. O motivo de tal reordenação justifica-se também pelo traço semântico [+humano] e [beneficiário] do Oi- "todos os brasileiros" .

Achamos, por fim, interessante cruzar os dados sobre a área de interesse dos vestibulandos com sua escolaridade e as notas realmente obtidas .

Tabela 22 - Área de interesse, escolaridade e notas obtidas pelos vestibulandos

	A1		A2		A3		
	2º grau	Supl.	2º grau	Supl.	2º grau	Supl.	
Nota 8	16,66%	0%	0%	0%	50%	0%	
Nota 7	33,32%	0%	16,66%	0%		16,66%	33,33%
Nota 6	50%	0%	83,33%	0%	0%	0%	

Primeiro é preciso considerar que a melhor nota obtida foi 8, na avaliação dos professores. Isto significa que os melhores textos foram considerados apenas bons textos.

Então, os alunos da área 3- Ciências Humanas, foram os que obtiveram melhores notas, apesar de escolaridade irregular, escrevendo textos maiores, menos marcados por reordenação de constituintes e com maior número de parágrafos, usando, conseqüentemente, maior número de estruturas canônicas. Não será este o texto “certinho” cuja receita vem nos manuais didáticos? Não será este o texto que a escola anda premiando com nota máxima?

Para melhor comparar a percentagem de uso das estruturas já reunidas no agrupamento final pelas áreas de interesse, organizamos a tabela 23.

Tabela 23 - Agrupamento final das estruturas marcadas e percentagem de uso por área de interesse

Grupos com estruturas	A1		A2		A3		Total
	%	%	%	%	Nº	e %	
1-TopC.....					40.....	51,3%	
[Ccirc] [Suj] [V]	28,57		35,71		35,71	28	70%
[Ccir] [V] [Suj]	30		30		40	10	25%
[Ccir] [Vexist] [SN]	100		0		0	1	2,5%
[O] [Suj] [V]	100		0		0	1	2,5%
2-[V][Suj].....					29.....	37,17%	
[Vlig] [Pred] [Suj]	64,28	7,14			28,57	14	48,27%
[V] [Suj]	28,57	42,85			28,57	7	24,13%
passiva medial	60		40		0	5	17,24%
passiva invertida	66,66		33,33		0	3	10,34%
3 - [Vexist] [SN]	75		25		0	5	6,41%
4 - Ctop	100		0		0	1	1,28%
5 - PC	50		0		50	2	2,56%
6 - [V][Oi][Od]	0	100	0		1	1,28%	

Finalmente, retomando os maiores índices das tabelas quanto aos dados de localização e os tipos de estruturas encontrados nos textos dos vestibulandos (já reclassificados no agrupamento final) e relacionando-os com a expectativa teórica e observações feitas durante a análise das estruturas, elaboramos o quadro 9, de síntese final.

Quadro 9 - Síntese final sobre estruturas encontradas, sua localização e relação com suas funções

Local. no parágraf	Tipos de estruturas	Funções	Localiz. do parágraf. no texto		
			I	M	F
Início	TopC- [Ccir][S][V]	Marcação de universo circunstancial		X	
	[Ccir][Vlig][Pred][su]	Marc. de univ. circunstancial IAbertura de tópico		X	
	VS- [Vlig][Pred][S. orac]	Apresentação		X	
	[Vexist][SN]	Marcação da imprevisibilidade da referência - apresentação	X		
	PC	Generalização/contraste		X	
Meio	TopC- [Ccirc][S][V]	Marc. de univ. circunstancial		X	
	[Ccirc][V][S]	IAbertura de subtópico		X	
	[O S V]	Reiteração, especificação Inclusão, contraste		X	
	VS [V][Suj] passivas	Abertura de subtópico Continuação		X	
	CTop	Retomada de tópico Introdução de tópico			X
Fim	VS- [Vlig][Pred][SN] [Vlig][S orac]	Marcação de fim de subtópico Modalização de dúvida			X
	[V][Oi][Od]	Contraste e ênfase		X	
	PC	Generalização conclusiva		X	

Verificamos, então, que a maioria das funções das estruturas foram exercidas nos parágrafos centrais, com destaque para as localizações de início e meio de parágrafo. Portanto, a marcação por reordenação de constituintes no início e fim de texto dissertativo dos vestibulandos foi quase inexistente, em contraposição aos textos selecionados dos jornais. As estruturas marcadas, no entanto, estão localizadas de forma adequada ao desempenho de sua função.

Conforme nos mostra o quadro 9, as redações de vestibular não usaram DE e DD, que também não foram utilizados nos textos autênticos. Por outro lado, apesar de os textos autênticos apresentarem o triplo do uso de estruturas marcadas, variaram menos quanto aos tipos utilizados. Os textos autênticos não usaram Ctop nem [V][Oi][Od] também.

5 CONCLUSÃO

“A tarefa do lingüista, como de todo o cientista, é buscar as generalizações que estão por trás de fatos aparentemente desconexos.”

(Pontes,1987:149)

Este projeto de pesquisa partiu da idéia básica segundo a qual a mudança de tópico é a base de progressão de um texto, desde que relacionada com coerência. Mas como se dá essa mudança de tópico? Segundo estudos feitos, a língua portuguesa tem na estrutura SVO sua construção típica. Pensamos então que o texto, ao longo de seu desenvolvimento, deveria utilizar estruturas diferentes da canônica para sinalizar esta descontinuidade de tópico, o contraste com o anterior, uma importância local ou imprevisibilidade da referência ou, ainda, estruturas diferentes de SVO poderiam ser utilizadas com função apresentativa ou continuativa, no aspecto temático.

Mas quais estruturas seriam usadas, na realidade, nos textos escritos de nossos alunos? Usariam eles estruturas diferentes de SVO? Em que parte do texto estariam inseridas? Achávamos que tais estruturas, se bem empregadas, deveriam se relacionar com a estrutura do parágrafo e do próprio texto. Então, nosso objetivo era descobrir se eram utilizadas estruturas diferentes de SVO nos textos escritos, quais seriam e se a localização dessas estruturas condizia com o previsto na teoria existente.

Com base em estudos sobre a tipologia dos textos, decidimos optar pelo texto dissertativo por seu caráter questionador, argumentativo, que exige do redator um jogo de idéias contrastantes que abordem o assunto por vários ângulos.

Julgamos que isso exigiria também o domínio e inserção de estruturas diferentes de SVO no discurso, por serem estruturas marcadas pelas quais o redator orienta o leitor, através da ordem de colocação dos constituintes, sobre a urgência da informação, baseando-se nos parâmetros cognitivos de importância e previsibilidade. A importância sinaliza a hierarquização de uma informação com relação a outras, enquanto a previsibilidade refere-se ao status da informação com relação ao que o redator pensa que o leitor já conhece ou ignora sobre a informação.

Mas para que iríamos realizar tal investigação? Tendo trabalhado há vários anos na coordenação da correção das redações de vestibular da UCPel, verificamos que uma das críticas maiores dos professores sobre os textos era a falta de um discurso original, que saísse dos clichês e tivesse um fio condutor das idéias expostas, ao mesmo tempo em que, pondo em relevo os pontos contrastantes num jogo argumentativo, alcançasse uma conclusão através de um processo integrado e lógico na construção do texto. Não se daria esta falta de argumentatividade dos textos também pela inexistência de estruturas marcadas que melhor expressassem as oposições que toda boa argumentação prevê? Resolvemos, então, investigar, a partir dos textos que obtiveram as melhores notas no vestibular 95, se foram usadas estruturas por reordenação de constituintes e em que medida foram tomadas.

Retomando a parte teórica da seção 2.2 sobre variantes lingüísticas e suas superposições (página 22), não podemos negar que o discurso planejado escrito é uma variedade imposta pela escola à fala casual não-padrão do aluno, sendo sua gramática aprendida em termos de regras e normas a serem imitadas. É claro que o papel da escola é ensinar a escrita padrão, mas a mudança de registro se dá de forma gradual, numa escala contínua de propriedades que vai desde a fala casual até a escrita formal.

A nossa linguagem escrita brasileira, por outro lado, imposta pela gramática portuguesa, distancia-se da realidade da fala não-padrão, o que faz o aluno tentar imitar modelos, somente para enquadrar-se aos ensinamentos sobre a língua. Isso faz surgir o texto que evita todo tipo de estrutura comum à fala, ao mesmo tempo em que se usam os clichês, por imitação. Como o aluno sabe que não pode transpor para a escrita as estruturas da fala, condenadas pela escola, ele procura não usá-las, como se vê pelo resultado dessa pesquisa. Não houve qualquer caso

de deslocamento à direita ou à esquerda (pleonasmos) e registrou-se somente um caso de Ctop ainda que utilizando a expressão “no que diz respeito”, que serve como marcador discursivo de introdução de tópico. No entanto, essas construções são muito comuns na fala, mesmo de pessoas com alta escolaridade.

Com base na seção 2.3, sobre dissertação (página 27), podemos afirmar que os ensinamentos a respeito do texto dissertativo e seus parágrafos ignoram a importância da ordenação dos constituintes para sua construção. Acontece que a construção do texto escrito com maior uso de reordenação de constituintes faz com que este texto se assemelhe à fala, onde o emissor é, eminentemente, sujeito de seu discurso. E nesta situação de escrita, onde o aluno escreve para ser avaliado, sem ter realmente um interlocutor, dificilmente conseguirá ter, no texto, a voz de sujeito. Além disso, com o medo de errar, se não seguir modelos, ficará mais inibido ainda.

Fica enfraquecido assim, o princípio básico de urgência da informação com seus parâmetros cognitivos de importância e previsibilidade que regem a estruturação das orações dentro da pragmática do discurso. E sem essa necessidade e motivação, o texto flui plano, monótono e sem graça.

Então, os resultados desta pesquisa confirmam, desde o início, nossa primeira hipótese pela qual os livros didáticos ensinam os alunos a dividir o texto em parágrafos, enfatizando a idéia de tópico discursivo (plano semântico-discursivo: âmbito do texto), sinalizado por alínea, mas não trabalham a construção do tópico oracional (plano sintático-discursivo: âmbito da frase) e suas possibilidades de reordenação com funções determinadas na construção do fluxo da informação.

Dos doze tipos de estruturas marcadas, achadas nos textos pesquisados, restaram apenas, após reagrupamento considerando a forma de reordenação e a categoria dos constituinte, seis grupos básicos:

1) TopC	(40)	51,28%
2) VS	(29)	37,17%
3) Vexist SN	(5)	6,41%
4) PC	(2)	2,56%
5) CTop	(1)	1,28%

6)[V][Oi][Od] (1) 1,28%

Essas 78 estruturas marcadas correspondem somente a 14,63% das orações. Portanto os textos dos vestibulandos apresentam uma percentagem muito baixa de orações marcadas por reordenação de constituintes. Consideramos poucas as estruturas marcadas usadas pelos vestibulandos em relação à percentagem geral de estruturas marcadas dos textos autênticos: 46,78%. Isso significa um uso três vezes menor de estruturas marcadas nos textos dissertativos do vestibular. Entretanto, estas estruturas foram colocadas em locais onde sua função é justificável pela teoria.

Isso também confirma a conseqüência prevista para nossa primeira hipótese, ou seja, os livros didáticos mais adotados pelos professores não trabalham a construção de tópico oracional e, por essa falta de orientação, a maioria dos textos dissertativos do vestibular progride de uma forma plana, tornando-se sua leitura monótona.

Os vestibulandos deram preferência a estruturas marcadas mais simples, onde há apenas o deslocamento de um constituinte (85,89%). A estrutura mais utilizada [Ccirc][Suj][V], considerada uma TopC, tem a função mais comum que é a de marcação de universo circunstancial, tendo sido usada no início e meio do parágrafo e meio do texto, preferencialmente.

Considerando, então, a baixa percentagem de estruturas usadas pelos vestibulandos na construção de seus textos, que foram os que obtiveram as melhores notas, confirma-se nossa terceira hipótese. Nessa hipótese supúnhamos que os textos dissertativos escritos pelos vestibulandos tendiam a usar poucas estruturas marcadas, criando-se o que chamamos de textos “planos”. Por outro lado, podemos concluir, também, que a escolha de estruturas mais simples demonstra que o aluno evita o uso de estruturas marcadas, tanto por desconhecer sua função específica na construção de parágrafo e do texto como por falta de orientação que apóie tais procedimentos.

Conforme explicitamos na caracterização do corpus (página 102), pensávamos que os candidatos da área 3, por suposta afinidade aos estudos lingüísticos, obtivessem melhores notas nas redações. Isso realmente aconteceu.

Entretanto, sobre os textos da área 3, baseados na tabela 16, chegamos a outras constatações. Os textos da área 3 foram os que apresentaram:

- menor índice de estruturas marcadas;
- maior índice de uso da estrutura marcada mais usada na soma de todas as áreas, a estrutura 4[Ccir][Suj][V], que tem a função mais evidente e simples, que é a marcação do universo circunstancial;
- menor variedade de uso de estruturas marcadas (só cinco tipos, enquanto a área 1 usou onze tipos e a área 2 usou nove tipos);
- uso exclusivo de estruturas marcadas menos complexas.

Por outro lado, os textos da área 3, apesar de serem considerados “planos” por sua sintaxe de colocação, possuem mais orações e alíneas indicadoras de início de parágrafo. Foram, portanto, os textos mais marcados tabularmente, o que facilita a leitura visual e dá pistas imediatas sobre a organização global do texto. Devem, inclusive, ter utilizado conectores lógicos para o encadeamento das idéias, o que não faz parte de nossa pesquisa.

Parece-nos que estes textos enquadram-se nas orientações dadas em manuais didáticos, a exemplo do que comentamos na seção 2.3.3- o ensino da dissertação na escola (página 41). Evita-se o discurso autêntico e seguem-se modelos que asseguram ao aluno, “correção”. Nessa superposição da variante gramatical escrita (e com isso nos reportamos ao fenômeno da diglossia, exposto em nosso referencial teórico, página 22, onde travamos longa discussão sobre as diferenças entre a fala e a escrita, entre dialeto (H) e dialeto (L)), o aluno, quanto menos escolaridade tiver, mais tenderá a copiar modelos, pois teve menos tempo para adquirir e assimilar as possibilidades lingüísticas dessa gramática e usá-la como sujeito de seu discurso. Além disso, utilizará as construções sintáticas mais comuns e se apoiará mais nos recursos visuais da escrita para sinalizar a progressão de seu texto.

Os candidatos da área 3 foram os que apresentaram escolaridade mais irregular (33,33% deles completou o 2º grau em curso supletivo) e, no entanto, obtiveram as melhores notas. Isso nos leva a questionar, novamente, a forma como é ensinada a produção do texto escrito na escola e sua avaliação. Apesar de a situação dos professores que corrigiram estas redações do vestibular ser mais segura, como avaliadores, pois possuíam critérios bem definidos para a avaliação e

que contemplavam os vários aspectos da construção de texto, conforme citamos à página 28, será que no momento da correção, não privilegiaram, eles também, os modelos dos manuais?

Constatando que 50% dos candidatos da área 1- Ciências Médicas e da Saúde (área que utilizou 43% das estruturas marcadas) obteve a nota mínima (6) considerada nessa pesquisa, levantamos algumas suposições sobre a avaliação feita pelos professores, considerando que as estruturas marcadas nos textos dos vestibulandos foram usadas adequadamente quanto à sua função e lugar previsto:

1- os professores não consideram qualidade discursiva a estruturação sintática com reordenação de constituintes, talvez julgando o texto menos claro ou objetivo, o que não é verdade se as estruturas estiverem funcionalmente bem localizadas;

2- a leitura tabular do texto é mais fácil e os textos assinalados com mais parágrafos tendem a ser considerados mais bem escritos, mais claros, mesmo que o fluxo da comunicação não respeite os parâmetros da importância e previsibilidade da informação para a estruturação sintática;

3- a escola tende a simplificar a construção dos textos para que o aluno imite com mais facilidade, e os professores acabam considerando estes textos os mais corretos;

4- os professores, em geral, não parecem ter consciência da função da reestruturação sintática no fluxo da informação, achando que isso é mero recurso de estilo.

Por todos esses motivos, há uma tendência de os constituintes das estruturas escritas terem uma ordenação canônica, seguida com bastante rigidez.

Retomando nossas hipóteses, mencionadas ao longo da Introdução desse trabalho (página 9), confirmamos que, pelo menos nos livros mais usados pelos professores, segundo informações e pesquisa citadas à página 41, não é trabalhada a construção do tópico oracional na aprendizagem da elaboração do texto escrito e, como consequência disso, os textos dissertativos produzidos pelos vestibulandos têm uma progressão plana, evidenciando poucos contrastes.

Por outro lado, conforme nossa segunda hipótese, os textos autênticos não têm progressão “plana”, apresentando, no caso de nossa pesquisa, um número três vezes maior de estruturas marcadas. Estes textos foram considerados “interessantes” e “que despertavam a atenção”, por alunos e professores que os leram a pedido da pesquisadora, independentemente da informação que veiculavam. Além disso, ao passarmos um parágrafo destes textos autênticos para a ordem direta, na seção 2.5, percebemos, através de sua leitura e análise, a grande modificação que acontece tanto na força ilocucionária como no efeito perlocucionário produzido do texto.

Essa grande diferença de uso de estruturas marcadas entre textos autênticos e as dissertações produzidas para avaliação no vestibular confirma também nossa terceira hipótese. De acordo com essa hipótese, mesmo os melhores textos produzidos pelos vestibulandos, avaliados por professores que se valeram de critérios discursivos como unidade temática, objetividade, além de uso de recursos coesivos e forma correta, são textos com progressão plana, com baixo percentual de uso de estruturas marcadas por reordenação .

Por fim, esta pesquisa, ao identificar e descrever os doze tipos de estruturas marcadas por reordenação de constituintes, apresenta evidências favoráveis a nossa quarta e última hipótese, pela qual as estruturas marcadas comuns à fala e que são estigmatizadas na escrita, como pleonasma e anacoluto (correspondem a DD, DE e Ctop, respectivamente) são evitadas na maioria das redações (houve um único caso de Ctop).

Quanto a outras generalizações sobre uso e função das estruturas encontradas, podemos afirmar que :

- a reordenação mais usada é TopC;
- as funções de TopC mais exercidas foram marcação de universo circunstancial e introdução de subtópico através das estruturas [Ccirc][S][V] e [Ccirc][V][S];
- quando o [Ccirc] é topicalizado, há uma tendência de a seqüência da estrutura ser [VS] se o verbo for intransitivo e de ligação;
- o grupo de estruturas [VS], considerado em 2º lugar quanto ao uso, apresentou como principais funções de acordo com sua localização nos textos e constatação nos exemplos: apresentação de tópico - [Vlig][Pred][S orac.], introdução de subtópico - [V][S], marcação de fim de subtópico [Vlig][Pred][SN];

- no meio do parágrafo e do texto, foram usados 7 dos doze tipos de estruturas encontradas, das quais três exerceram a função de introdução de subtópico;
- a introdução de subtópico é a segunda função mais usada pelos vestibulandos, através das estruturas: [Ccirc][VS], [V][S], [passiva medial], [passiva invertida].

Outras conclusões, menos representativas devido ao baixo percentual de uso das estruturas nos textos dos vestibulandos, podem ser encontradas ao longo do capítulo 4 - análise e discussão dos resultados, da página 107 à página 141.

Resta-nos ainda considerar que, embora tivéssemos dados sobre idade e sexo dos redatores, resolvemos não tomá-los em consideração, pois isso nos levaria a outras pesquisas e resultados sociolingüísticos, o que ultrapassaria nossos objetivos.

Após essas conclusões, reconhecemos várias limitações de nosso trabalho e apontamos alguns problemas que ainda precisam ser estudados. Não podemos, por exemplo, afirmar que os alunos usem somente estas estruturas marcadas básicas para a construção do texto dissertativo, porque estes textos foram "encomendados" para uma situação de avaliação em que o aluno não quer correr risco. Inclusive, estas dissertações poderiam, ainda, ser comparadas às redações com piores notas, para verificar se, nas piores, também há reorganização de constituintes e em que medida. Também, como limitação, apontamos a análise de um único texto de cada autor, que poderia ter um comportamento diferente na construção de outro texto. Além disso, o número de textos analisados foi bastante limitado por razões de ordem prática.

Outra observação refere-se ao texto dissertativo de jornal, mostrado como exemplo de uso adequado de estruturas marcadas, que sofre limitações de espaço e talvez isso ocasione o maior uso dessas estruturas, por economia. Poderíamos ainda, estendendo nosso trabalho, cotejar os tipos de estruturas (com seus constituintes) usados nos textos dissertativos de jornais e os usados nos textos dos vestibulandos. Seria importante, também, investigar como os textos dissertativos, apresentados aos alunos como modelos, são organizados e em que medida apresentam estruturas marcadas.

Encontramos, por outro lado, várias dificuldades para classificar constituintes e nomeá-los adequadamente ao utilizarmos uma nomenclatura bastante tradicional dentro de uma abordagem funcionalista. A própria palavra “constituintes” designou tanto Sns como orações. Assim, embora falemos em reordenação de constituintes, muitas vezes, consideramos orações deslocadas como constituintes por funcionarem como SNs.

E ficam ainda algumas perguntas como sugestão para a continuidade dos estudos:

- garantindo a situação de real autoria do escritor, as estruturas marcadas emergiriam mais facilmente?
- em que medida textos articulados com estruturas marcadas chamam mais atenção dos leitores?

Por fim, num trabalho sobre variação lingüística, analisando estas estruturas marcadas por reordenação de constituintes, poderíamos propor um estudo comparativo entre o texto dissertativo escrito e o falado, do mesmo autor, sobre a mesma temática.

Pensamos que, ao analisarmos os textos autênticos, produzidos por escritores especializados, conseguimos demonstrar a importância do uso de estruturas marcadas por reordenação de constituintes para a construção do parágrafo e do texto. Percebemos, nitidamente, a função desempenhada em cada tipo de estrutura que encontramos.

Acreditamos que isso deva ser analisado na escola, principalmente com os alunos que trabalham o texto dissertativo, pois servirá, com certeza, para a qualificação de sua produção textual no aspecto de que o escritor se expresse com mais eficácia. E, para essa qualidade, o escritor precisa fazer com que o leitor chegue não apenas a suas intenções, mas consiga também um efeito, em consequência dessa compreensão. Acreditamos que as estruturas marcadas, inseridas na construção do parágrafo e do texto dissertativo, quando usadas de acordo com suas funções específicas, auxiliam o escritor para que consiga não apenas o entendimento da força ilocucionária, mas, também, o efeito perlocucionário pretendido.

Concluindo, entendemos nosso trabalho como uma retomada da estilística sintática e da retórica antiga, levando em conta as descobertas da pragmática do discurso em uma abordagem funcionalista. Esperamos que esta visão do uso de reordenação de constituintes funcionalmente motivado e estrategicamente localizado no texto, como recurso para a construção de textos autênticos, motive os professores de português para novos estudos com aplicação na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBISAN, Leci B. & CAMINHA, Heda M. *Por uma pedagogia do escrito*. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre. PUC/RS, n.º 66. dez./88.

BERLINCK, R. de A. *A construção Vsn no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem*. In: TARALLO, F.(org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.

BESSONAT, Daniel. *Le découpage en paragraphes et ses fonctions*. **Pratiques**, n.º 57, p.81-105, mar./1988.

BRAGA, Maria Luiza. *Tópico e ordem vocabular*. **Boletim ABRALIN**, n.6, p.174-88, 1984.

_____. *Discurso e abordagens quantitativas*. In: TARALLO, F. (org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes; Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p.269-82.

_____. *As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro*. **Revista Organon**, n.º 18, p.109-124, 1991.

CHAFE, Wallace. *Cognitive constraints on information flow*. In:TOMLIN, Russel S. (ed.) **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 21-33, 1987. v.2.

CHAROLLES, Michel. *L'analyse des processus rédactionnels: aspects linguistiques, psycholinguistiques et didactiques*. **Pratiques**, n.º 49, p.3-12, mar./ 1986.

_____. *Les plans d'organisation textuelle - périodes, chaînes, portées et séquences*. **Pratiques**, n.º 57, p.3 -13. mar./1988.

- _____. *La dissertation quand même*. **Pratiques**, n.º 68, p. 5-16, dec./1990.
- DELFORCE, Bernard. *La dissertation et la recherche des idées ou: le retour de l'inventio*. **Pratiques**, n.75, p.3-16, sep./1992
- DUARTE, Yara. *As passivas do português e do inglês: uma análise funcional*. **D.E.L.T.A.**, v.6, n.º 2, p.139-167, 1990.
- FERGUSON, Charles A. "*Diglossia*". In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F. (orgs.) **Sociolingüística**. Rio: Eldorado, p. 99-118, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986. p.599.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982. p.11-24.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax*. In: HAIMAN, John. **Iconicity in syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p.187-219, 1985.
- _____. *The pragmatics of word order: predictability, importance and attention*. In: HAMMOND, Michael; MORAVICSIK, Edith A. & WIRTH, Jessica R.

Studies in syntactic typology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 244-84, 1988.

_____. *The pragmatics of reference: existence, referential intent and thematic import.* In: GIVÓN. **Mind, code and context.** Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, p.173-203, 1989.

_____. **Syntax: a functional typological introduction.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. **English grammar: a function-based introduction I, I I.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GRANATIC, Branca. **Técnicas básicas de redação.** 2.ed. São Paulo: Ed. Scipione, 1988.

GUEDES, Paulo C. **Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira** (tese de doutorado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do RGS, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. et alii. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas.** Petrópolis: Vozes, 1974.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística.** 4.ed. São Paulo: Ática, 1993.

KÖCHE, V. S. **O ensino da dissertação nas escolas de 2º grau de Bento Gonçalves: características, problemas e alternativas de solução.** (dissertação de mestrado) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

LOPES, Maria Célia Cence. *Descaminhos da redação*. **Letras & Letras**, Uberlândia, v.4, n.122, p.3-11. jun./dez.1988.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo*. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p.51-63.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1992.

PETITJEAN, André. *Maîtrise de l'écrit :un manuel pour apprendre à écrire au collègue*. **Pratiques**, n.º 82, p.7-19. jun./1994.

PONTES. Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

SARGENTIM, H.G. **Atividades de comunicação em língua portuguesa: 8ª série**. [s.l.]: IBEP; MEC/FAE, 1992.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola - uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986..

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Livraria Martins Fontes,1993.

VAN DIJK, T.**Texto y contexto**. Madrid: Cátedra, 1980. p.195-235.

VIGNER, Gérard. *Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita*. In: GALVES, Charlotte, ORLANDI, Eni Pulcinelli e OTONI, Paulo(org.). **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes,1988.

_____ . *Argumenter et dissenter: parcours d'une écriture*. **Pratiques**, n.68, p.17-20, dez./1990.

VOTRE, Sebastião. **Caderno de lingüística funcional**. [s.l.]: Département de Langues et Linguistique; Université Laval, 1992.

ZILLES, Ana Maria. **A ordenação do sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos**. (tese de doutorado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992.

ANEXO I

Transcrição de construções diferentes de SVO encontradas nos textos dissertativos analisados

Nesta transcrição serão adotados códigos classificatórios com relação a:

A) área de interesse do produtor do texto

A1- Textos da área de Ciências Médicas e da Saúde

A2- Textos da área de Ciências Exatas

A3- Textos da área de Ciências Humanas

B) numeração dos textos de cada área

T1,T2,T3,T4,T5,T6- Textos 1,2,3,4,5,6 ,respectivamente.

C) numeração do parágrafo do texto

P1,P2...- Parágrafo 1, 2...

D) localização da estrutura no parágrafo

I - início de parágrafo

M - meio de parágrafo

F - fim de parágrafo

E) indicação do tipo de constituinte

[Vlig] - verbo de ligação

[Pred] - predicativo

[Suj] - sujeito

[V exist] - verbo existencial

[SN] - Sintagma Nominal

[O] - objeto

[VS] - verbo/sujeito

[Od] - objeto direto

[Oi] - objeto indireto

[C circ] - complemento circunstancial

[SV] - sujeito/verbo

[OV] - objeto/verb

A) CONSTRUÇÕES MARCADAS POR ORDEM NÃO CANÔNICA
(APENAS REORDENAÇÃO DE CONSTITUINTES)

CONSTRUÇÕES VS

Estrutura 1 - [Vlig] (Pred) [Suj]

1.a.) [Suj] é SN

1-(A1T1P1F) - *Torna-se cada vez mais comum a cena de pessoas desempregadas.*

2-(A1T2P3F) - *É necessário a criação de novos empregos e uma valorização maior do trabalhador.*

3-(A1T4P4M) - *...é necessário sim a conscientização do dever de trabalhar*

4-(A1T1P4I) - *Faz-se imperativa, pois, a adoção de uma política séria e efetiva, que finalize e combata a corrupção.*

5-(A1T2P4M) - *...o Brasil está em processo de mudança, mas é preciso muito mais.*

1.b.) [Suj] é oração

1-(A1T3P2M) - *É óbvio que ainda existem maus políticos* fazendo parte do governo.

2-(A1T3P3I) - *É claro que todas essas mudanças são muito pouco ainda.*

3-(A1T2P4F) -..mas é preciso muito mais.*É preciso valorizar cada ser humano* que tem ajudado para que esse sonho se torne uma realidade.

4-(A1T1P4F) - *É imprescindível mobilizar o governo* para que se criem recursos capazes de melhorar a situação brasileira e promover o bem comum.

5-(A2T4P2M)- *Tornou-se então costume criticar.*

6-(A3T1P1I) *É preciso refletir sobre as mudanças ocorridas em nosso país.*

7-(A3T4P2I) Primeiramente, *é preciso dizer* que o que é bom para os países ricos, os quais vêm nos explorando há séculos, certamente não é bom para nós.

8-(A3T5P1I) *Será um sonho* ou será mesmo *verdade que o povo brasileiro está vivendo sem o monstro da inflação?*

9-(A3T5P2F) *Era recomendável não se deixasse para amanhã* o que se pudesse comprar hoje.

Estrutura 2 - [V] [Suj]

1-(A1T5P2M) *Acontece que por trás da imprensa está o empresariado, classe mais favorecida pelas reformas.*

2-(A1T5P4I) *Acontece que as reformas só atingem as classes mais favorecidas.*

3-(A2T2P3M) *Ainda faltam muitas coisas para serem repensadas em relação a essa economia.*

4-(A2T3P3F) *Sendo feitas as reformas, acontecerão mudanças nas tributações e com isso, vai diminuir a sonegação de impostos.*

5-(A2T4P1F) *Parece que agora (a população) tem se mostrado mais confiante.*

6-(A3T2P3M) - *...com medo que subisse de preço os produtos.*

7-(A3T6P3M) - *...não adianta parecer um país bem sucedido para estrangeiros...*

8-(A3T4P1F) *Mas será que o país realmente está mudando?*

CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS

Estrutura 3 - [V exist] [SN]

1-(A1T3P2M) - *...ainda existem* maus políticos

2-(A1T4P3I) - *Entretanto, existem* também, outros brasileiros apoiando a proposta governamental.

3-(A1T6P1I) *Há*, hoje em dia, uma grande discussão em torno da eficácia do Plano Real.

4-A2T1P1F) Ainda *existem* grandes dificuldades mas o Brasil está mudando.

CONSTRUÇÕES COMEÇADAS POR [C circ]

Estrutura 4 - [C circ] [Suj] [V]

4a [C Circ] é adj. adverbial

1-(A1T2P2I) - [Enquanto os jornais de lá do exterior comentam o lado positivo do governo Fernando Henrique Cardoso], *aqui* ainda notamos a insatisfação.

2-(A1T4P2I) - *Para alguns*, esse plano não passa de mais um em que o povo acredita.

3-(A1T4P4F) - ...pois *só com o trabalho árduo e coletivo* o Brasil poderá um dia ser considerado um país de primeiro mundo.

4-(A1T5P3I) - *No exterior* o Brasil tinha os piores adjetivos para defini-lo.

5-(A1T6P1F) -(De um lado a imprensa internacional que posiciona-se positivamente a respeito da economia brasileira, enquanto que) *no Brasil* a imprensa e os próprios brasileiros têm as suas dúvidas.

6-(A1T6P3I) - Mas *no Brasil*, as coisas não vão bem.

7-(A2T2P2I) - *Com a eleição de um novo presidente e a implantação de um satisfatório plano de governo*, o nosso país vem se reerguendo..

8-(A2T2P4M) - *...com muito trabalho e determinação*, um país consegue superar quaisquer que sejam as barreiras.

9-(A2T3P1M) - *...rapidamente* estamos crescendo.

10-(A2T3P2I) - *Com a queda da inflação* o país está respirando novamente.

11-(A3T3P2M) - *Hoje, através da mídia*, podemos constatar que avançamos bastante.

12-(A3T4P1M) - *Agora*, estamos diante do Plano Real

13-(A2T4P2I) - *Durante muito tempo somente* os aspectos negativos eram realçados no contexto político-econômico do Brasil.

14-(A2T4P2M) - *Diante a este fato*, a massa populacional não tinha o mínimo de confiança em seu país.

15-(A3T1P3I) - *Para quem está de fora*, tudo parece ir muito bem...

16-(A3T2P3M) - *Hoje* podemos fazer compras sem ter que estocar com medo...

17-(A3T3P2M) - *Hoje, através da mídia* podemos constatar que avançamos bastante...

18-(A3T4P1I) - *Durante anos e anos* o Brasil vem tentando encontrar a saída para seus problemas através de sucessivos planos econômicos.

19-(A3T4P3M) - *No Brasil de hoje* os preços sobem pouco, mas de que isso adianta....

20-(A3T5P3M) - *Hoje* temos uma moeda mais forte que o dólar.

21-(A1T3P3M) - *...e agora (isso) não* depende apenas dos políticos...

22-(A3T3P1I) - *Nunca* se falou tanto em crise como atualmente...

4.b.)[C circ] é oração]

1-(A1T5P3F) - *Quando o governo anunciou que acabaria com as restrições ao capital estrangeiro,* o país passou a ser motivo dos rasgados elogios.

2-(A2T3P5F) - *Se cada um fizer a sua parte com patriotismo e honestidade, com certeza, na virada do século,* estaremos mais bem desenvolvidos.

3-(A2T4P3I) - Logo, *se confiarmos mais e, o mais importante, participarmos em massa do que acontece com a que é de maior importância para o país - a economia,* poderemos cada vez mais sermos visados positivamente no contexto mundial.

4-(A3T6P2M) - *...se (o povo) tiver que pagar para estudar,* todo o Brasil irá ficar burro...

5-(A2T3P1M) *Já faz quase um ano que* mudamos de presidente

6-(A2T3P2I) *Há muito tempo* o Brasil não tinha uma imagem tão positiva no estrangeiro.

Estrutura 5 - [Ccirc] [V] [Suj]

5a -[V] é [Vlig]

1-(A1T1P2I) - *Como motivos evidentes desse caos,* (estão) a má administração dos recursos públicos e a conseqüente má remuneração de profissionais dessa área.

2-(A1T5P3M) - *...por trás da imprensa* está o empresariado.

3-(A1T6P4I) - *No ponto de vista da maioria da população* se faz necessário novas reformas na economia, na área de saúde e educação.

4-(A2T1P5M) - *Hoje em dia é possível se fazer um planejamento de compras ou investimentos*

5-(A3T4P2M) - *Ao perceberem dados relevantes na imprensa mundial,* tornou-se mais fácil acreditar...

6-(A3T5P3M).-....*antes de uma boa imagem lá fora,* seria melhor arrumar um pouco aqui dentro

7-(A3T6P1I) - *Pela primeira vez, em muitos anos de desilusão,* é possível constatar que um presidente foi bem sucedido em sua estratégia política.

5.b - [V] é verbo intransitivo

1-(A2T1P2I) - *Não* basta aparentar uma boa imagem no exterior

2-(A3T2P3F) - Ainda faltam muitas coisas para serem repensadas em relação a esta economia, mas *aos poucos* surgirão maneiras de contornar certos obstáculos.

3-(A2T4P1M) - *Ao contrário de outros tempos em que a população, em absoluto, não acreditava que poderia haver solução*, parece que agora tem se mostrado mais confiante.

Estrutura 6 - [Ccirc] [V exist] [SN]

1-(A1T3P1M) - *Nunca* houve tanto otimismo como agora...

CONSTRUÇÃO OSV

Estrutura 7 - [O] [S] [V]

1-(A1T3P2M) - ...mas *o principal* o país tem, um presidente preocupado em alcançar o desenvolvimento.

CONSTRUÇÃO [V] [Oi] [Od]

Estrutura 8 - [V] [Oi] Od]

1-(A2T5P3F) - ...e mostrar *a todos os brasileiros* a imagem real do Brasil.

B) CONSTRUÇÕES MARCADAS POR ORDEM NÃO CANÔNICA COM
ESTRUTURA SINTÁTICA COMPLEXA

CONSTRUÇÕES PASSIVAS

Estrutura 9 - passiva medial ("se")

1-(A1T1P3M) Registra-se, assim, a *precariedade* no atendimento à população.

2-(A1T1P3F) Verifica-se ainda a *frustração* dos trabalhadores.

3-(A2T2P2M) Conseguiu-se, pela primeira vez nos últimos anos, *baixar e manter estável a inflação*, segurar os preços dos produtos e semi-aumentar o salário mínimo.

4-(A1T1P3I) - Como decorrência desse quadro, observam-se *freqüentes paralisações* dos funcionários de hospitais, empresas e indústrias...

5-(A2T4P4I) - Com base nesses fatos, pode-se perceber *que nem tudo é tão maravilhoso*.

Estrutura 10 - passiva invertida

1-(A1T3P3M) ...foi dado o *início no processo de restauração do país*.

2-(A1T5P4M) São promovidas *mudanças radicais na economia*.

3-(A2T3P3F) *Sendo feitas as reformas*, acontecerão mudanças nas tributações e com isso, vai diminuir a sonegação de impostos.

CONSTRUÇÃO DE TÓPICO

Estrutura 11 - Expressões de introdução de tópico

1-(A1T5P4M) - ...mas *no que diz respeito à educação e saúde* nada foi feito.

CONSTRUÇÃO CLIVADA

Estrutura 12 - Pseudo-clivada

1-(A1T5P5F) - *O que* deveria ser feito *era* combater as desigualdades para fazer do Brasil um lugar melhor para todos os brasileiros.

2-(A3T4P2I) - Primeiramente é preciso dizer que *o que* é bom para os países ricos...*não* é bom para nós.

ANEXO II

AS REDAÇÕES ANALISADAS

ÁREA 1 - CIÊNCIAS MÉDICAS E DA SAÚDE

ÁREA 2 - CIÊNCIAS EXATAS

ÁREA 3 - CIÊNCIAS HUMANAS